

Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão

Notícia da primeira campanha de escavações

Caetano de Mello Beirão,* Carlos Tavares da Silva,**
Joaquina Soares,** Mário Varela Gomes***
e Rosa Varela Gomes***

Resumo

O depósito votivo secundário, objecto deste trabalho, situa-se na vertente do lado nascente do denominado Cerro do Castelo de Garvão, perto de Ourique, no Baixo Alentejo.

Trabalhos de saneamento básico puseram a descoberto, em Maio de 1982, uma enormíssima quantidade de cerâmicas e de outros objectos que exigiu a imediata intervenção do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul. Os trabalhos de escavação, de parte do depósito, decorreram de Junho a Dezembro daquele ano.

O depósito foi constituído numa fossa artificial, aberta num estreito pátio da encosta, e tem forma ovalada, medindo cerca de 10 m de comprimento e 5 m de largura máxima. O seu limite na zona da vertente é abrupto e talhado no substrato rochoso, sendo ainda delimitado por um murete constituído por pequenos blocos e lajes de xisto consolidados com terra amassada.

A base da fossa encontrava-se revestida por lajes de xisto sobre o que assentava uma caixa rudimentar contendo um crânio humano, com indícios de trepanação, alguns ossos de animais e fragmentos de cerâmicas pisados; talvez os últimos restos de um ritual de sacralização ou de fundação do depósito, anterior à deposição dos objectos votivos.

Sobre aquela camada assentavam grandes vasos de cerâmica com boca larga, ou contentores, repletos e cobertos por recipientes cerâmicos de menores dimensões. O espaço exterior entre estes grandes vasos foi igualmente

* Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul. Palácio Vimioso, Largo Marquês de Marialva, P-7000 ÉVORA.

** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Av. Luísa Todi, 162, P-2900 SETÚBAL.

*** Parque Oceano, lote 3, 2.º, dt.º, Santo Amaro de Oeiras, P-2780 OEIRAS.

preenchido com recipientes menores como taças e pratos, tanto montados com torno rápido como manualmente.

Muitas das peças mais pequenas foram empilhadas, sem conteúdo ou, raras vezes, contendo pequenos objectos de cerâmica, ouro, prata, vidro, cornalina, ou de bronze, demonstrando um aproveitamento total e racional do espaço.

Sobre esta deposição existia uma outra constituída por recipientes de dimensões médias e pequenas, posteriormente coberta por grande número de peças fragmentadas, misturadas com grandes blocos de quartzo e terra. Este sistema selava propositadamente o depósito, que media na sua maior espessura pouco mais de um metro, protegendo aqueles materiais de um possível uso profano.

Os dados arqueológicos disponíveis indicam-nos que este imenso aglomerado de materiais, e a fossa que os integra, é um depósito secundário de oferendas e ex-votos, uma *favissa* ou *bothros*, constituído na segunda metade do século III e, certamente, incluído numa mais complexa estrutura com finalidade religiosa.

As centenas de peças cerâmicas ali recolhidas podem ter contido oferendas alimentares entregues à divindade, ou às divindades, ali cultuadas ou terem sido utilizadas em banquetes rituais. Um elevado número de taças poderá ter servido em libações, como queimadores ou lucernas.

Esta última hipótese deve ser valorizada conjuntamente com o aparecimento de placas oculadas, de ouro e de prata, ex-votos conotados com o culto de uma divindade com poderes profilácticos na cura das doenças dos olhos e relacionada com a luz.

Alguns elementos coroplásticos, formas cerâmicas montadas ao torno rápido, com tratamento de verniz vermelho, com pinturas de bandas ou decorados com motivos curvilíneos encontram paralelos na cerâmica da Andaluzia Ocidental e, mais raramente, nos grupos cerâmicos do Levante, da Catalunha e do Sul da França, dos séculos IV e III a.C. Duas representações antropomórficas sobre placas de prata, com atributos próprios de Tanit, uma fíbula anular, fragmentos de *oinochoi* de vidro policromo e uma hemidracma de Gades oferecem componentes culturais mediterrânicas e, em particular, púnicas.

Um grupo de cerâmicas com pastas pouco compactas, ricas em elementos não plásticos, montadas sem torno rápido e cozidas em ambiente redutor com as superfícies alisadas, decoradas com incisões, excisões e estampilhagem, conhecidas no Sul de Portugal a partir do século V, oferecem-nos fortes relações com o mundo cultural da Meseta (Las Cogotas, La Osera, Palenzuela, Padilla del Duero).

Résumé

Le dépôt votif secondaire, objet du présent travail, se localise dans le versant est du Cerro do Castelo de Garvão, près de Ourique, au Baixo Alentejo.

Des travaux d'assainissement ont mis à jour en Mai 1982 une énorme quantité de céramiques et d'autres objets, ce qui a exigé l'imédiate interven-

tion du Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul. Les travaux de fouille d'une part du dépôt se sont déroulés de Juin à Décembre cette année-là.

Le dépôt fut constitué dans une fosse artificielle ouverte dans un étroit palier du versant, et avait une forme ovale mesurant environ 10 mètres de longueur et 5 mètres de largeur. Sa limite dans la zone du versant est abrupte ayant été taillée dans le substratum rocheux, étant délimitée aussi par un petit mur constitué par des blocs et des dalles de schiste, consolidés par de la terre amassée.

La base de la fosse se trouvait revêtue par des dalles de schiste y reposant une caisse rudimentaire contenant un crâne humain, ayant des indices de trépanation, quelques ossements d'animaux et des fragments de céramiques écrasées; peut-être les derniers restes d'un rituel de sacralisation ou de fondation du dépôt, antérieur à la déposition des objets votifs.

Sur cette couche étaient déposés des grands vases de céramique à grande ouverture, pleins et couverts des vases céramiques de dimensions plus réduites. L'espace extérieur entre les grands vases a été rempli aussi avec des vases plus petits aussi bien faits au tour que manuellement.

Beaucoup de ces petites pièces ont été empilées, sans contenu ou, plus rarement, contenant des petits objets de céramique, or, argent, verre, cornaline ou bronze, démontrant une utilisation totale et rationnelle de l'espace.

Sur cette déposition existait une autre constituée par des vases de moyennes et petites dimensions, postérieurement couvert par un grand nombre de pièces fragmentées, mélangées avec des grands blocs de quartz et de la terre. Ce système qui scélait délibérément le dépôt, mesurait un peu plus d'un mètre protégeant ces matériaux d'un éventuel usage profane.

Les données archéologiques disponibles nous indiquent que l'immense agglomérat de matériaux et la fosse que le contient c'est un dépôt secondaire d'offres et d'ex-votos, favissa ou bothros, constituée dans la deuxième moitié du III^e siècle, certainement incluses dans une structure à finalité religieuse plus complexe.

Les centaines de pièces céramiques y recueillies peuvent avoir contenu des offrandes alimentaires dédiées à la divinité, ou aux divinités dont le culte y était célébré, ou avoir été utilisées dans les banquets rituels. Un grand nombre de tasses aurait pu avoir servi dans les libations, comme brûleurs ou lucernes.

Cette dernière hypothèse devra être valorisée ensemble avec la parution de plaques oculées en or et en argent, ex-voti en rapport avec le culte d'une divinité aux pouvoirs prophylactiques dans la guérison des maladies des yeux et en rapport avec la lumière.

Quelques éléments coroplastiques, formes céramiques faites au tour rapide, traitées au vernis rouge avec des peintures en bandes ou décorées aux motifs curvilignes trouvent des parallèles dans la céramique de l'Andalousie Occidentale et, plus rarement, ont des analogies avec les groupes céramiques du Levant, de la Catalogne et du Sud de la France, des IV^e et III^e siècles a.C. Deux représentations antropomorphiques sur plaques d'argent, avec des attributs de Tanit, une fibule annulaire, des fragments d'oinochoai en verre polichrome et

une hemidracme de Gadès offrent des composants culturels méditerranéens et, en particulier, puniques.

Un groupe de céramiques à pâtes peu compactes, riches en éléments non plâstiques faites sans tour rapide et cuites en ambiance réductrice avec les surfaces lissées, décorées avec des incisions, excisions et estampillage, connues au Sud du Portugal à partir du Ve siècle, nous offre de forts rapports avec le monde culturel de la Meseta (Las Cogotas, La Osera, Palenzuela, Padilla del Duero).

1. Introdução

O depósito votivo secundário, cuja primeira campanha de escavações é objecto do presente estudo, fica situado a cerca de meia altura da encosta do Cerro do Castelo de Garvão. Esta elevação, que a população local também denomina Cerro do Forte, tinha sido já referenciada em termos arqueológicos, pois um de nós (C. M. B.), durante uma visita de prospecção ali efectuada em 1971, recolheu fragmentos de cerâmica romana e um asse da oficina de Celsa dos finais do séc. I a.C., posteriormente publicado¹. Durante aquela visita foi ainda identificada, numa das ruas da vila, uma coluna de mármore, certamente de um templo campestre romano que teria existido naquele cerro ou nas suas proximidades, retirada pela população do leito da ribeira de Garvão na sequência de uma enxurrada.

Recentemente o Núcleo de Defesa do Património do Grupo Desportivo de Garvão descobriu, em terrenos também próximos àquela ribeira, um troço de outra coluna semelhante à primeira, confirmando-nos, de certo modo, a existência naquela zona de uma estrutura religiosa.

Uma visita posterior, em Maio de 1981, em que participaram três dos signatários (C. M. B., M. V. G. e R. V. G.), tendo em vista uma nova prospecção do cerro e a observação de recentes cortes nos terrenos da extremidade norte do mesmo, provocados pela abertura de acessos para o início de obras de ajardinamento daquele espaço, conduziu à identificação de materiais da Idade do Ferro (cerâmicas de bandas e de verniz vermelho), assim como de restos de construções, nomeadamente um troço de paredão ou muralha, que elementos do Núcleo de Defesa do Património local haviam posto a descoberto.

No Verão daquele mesmo ano, uma sondagem efectuada junto àquela

¹ DIAS, M. M. A.; COELHO, L. — *Achados de moedas romanas do concelho de Ourique*. "O Arqueólogo Português", série III, vol. VII-IX, 1974-77, pp. 269-275, espec. 270.



Fig. 1 — Localização de Garvão na Península Ibérica.

estrutura, sob a direcção de José O. Caeiro e de C. M. B., não ofereceu uma sequência estratigráfica por naquele local os terrenos se encontrarem muito revolidos, mais parecendo serem entulhos ali colocados em época recente, pois continham fragmentos de cerâmica do Bronze final, da II Idade do Ferro (sécs. IV-I a.C.), das Épocas Romana, Árabe-Medieval e Moderna. Os restos de estruturas identificadas foram atribuídos à Época Árabe. A ocupação do Cerro do Castelo de Garvão nos finais da Idade do Bronze foi ainda confirmada pelo achado avulso de um molde de pedra múltiplo, para a fundição de armas (punhais e pontas de lança de alvado), cuja tipologia com folhas em forma língua de carpa, nos indicam um horizonte cultural que integra nesta zona o núcleo mais tardio das estelas decoradas do grupo estremeno do Sudoeste e o depósito de armas da Ria de Huelva ².

Em finais de Maio de 1982, o sr. Manuel Zacarias, membro activo do referido Núcleo de Defesa do Património, procurou um de nós (C. M. B.) para lhe comunicar que, poucos dias antes, uma retro-escavadora que abria uma vala destinada à colocação de canalizações para o abastecimento de água, tinha, na chamada rua do Castelo, que corta a encosta este do cerro, posto a descoberto e parcialmente destruído um enorme conjunto de cerâmicas e outros objectos, a seu parecer muito antigos, e que julgava, perante a quantidade, pertencerem a um forno. O Núcleo de Defesa do Património havia guardado, na sua sede, grande número de peças exumadas embora muitas outras estivessem já na posse de particulares que, exceptuando um ou outro caso, ao se aperceberem da sua importância científica posteriormente as devolveram de bom grado.

A nossa imediata deslocação ao local revelou-nos a importância do achado, bem como a urgente necessidade de se proceder a trabalhos arqueológicos de emergência que permitissem salvar o maior número possível de elementos de estudo, tanto mais que as valas tinham novamente sido tapadas, repondo-se com a escavadora restos dos materiais exumados à mistura com as terras.

² GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. — *As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel — Beja): estudo comparado*. "Setúbal Arqueológica", vol. II-III, 1976-77, pp. 281-343.

Os trabalhos iniciaram-se, logo em Junho daquele ano, com o desentulhamento e crivagem de todas as terras da vala, prolongando-se a escavação até Dezembro do mesmo ano. Durante o ano de 1983 procedeu-se à escolha e lavagem de milhares de fragmentos de cerâmica, assim como ao restauro, desenho e descrição de centenas de peças, tendo-se realizado ainda a reconstituição gráfica das áreas escavadas, assim como o estudo de muitos materiais, cujos primeiros resultados são agora apresentados.

2. Localização e ambiente geográfico

O Cerro do Castelo de Garvão é uma elevação com o cimo aplanado ou amesetada, sensivelmente orientada no sentido NE-SO, com cerca de 250 m de comprimento máximo e 120 m de largura.

Este relevo, com 124,55 m de altura máxima, é constituído por um substracto de xistos do carbónico sobre o qual assenta um espesso depósito de terras aráveis. Encontra-se rodeado na sua base voltada a nascente pela Ribeira

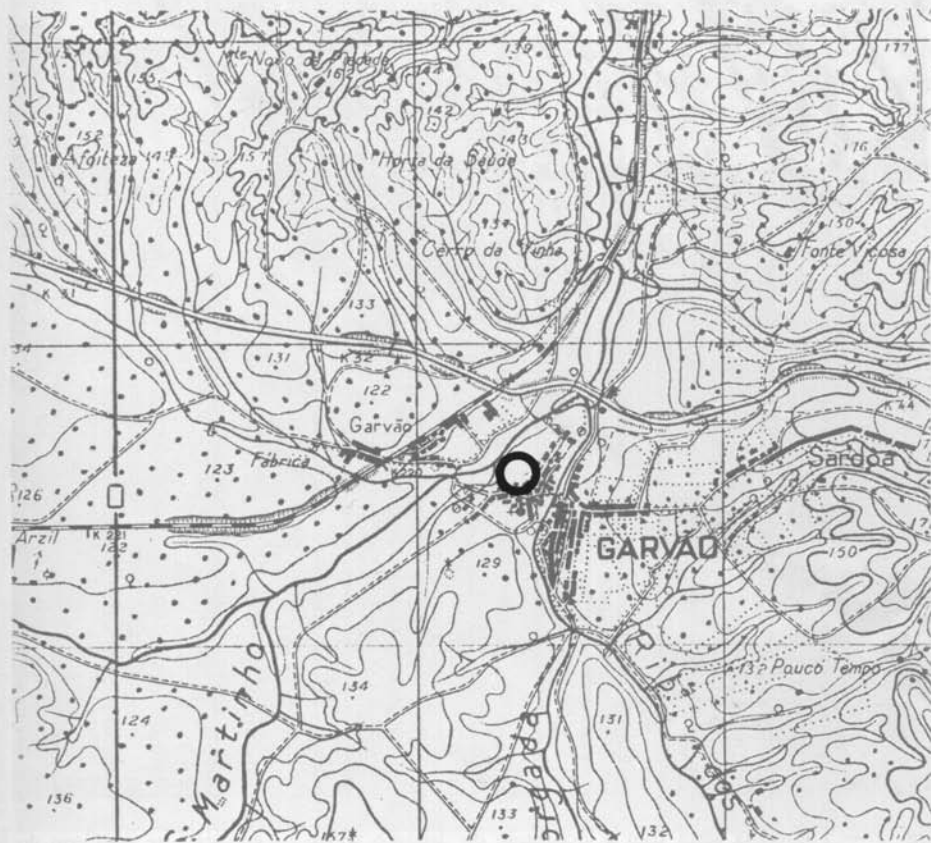


Fig. 2 — Localização do Cerro do Castelo de Garvão na carta de 1:25 000.



Fig. 3 — Fotografia aérea com a localização do depósito votivo na encosta Este do Cerro do Castelo de Garvão.

de Garvão, que reúne as águas da Ribeira da Morgada e da Ribeira dos Cachorros, e a ponte pela Ribeira de S. Martinho, que se encontra com o primeiro curso de água referido junto à base, do lado norte, do mesmo cerro. Estas ribeiras fazem parte da bacia hidrográfica do alto Sado.

O Cerro do Castelo, com a área superior aplanada, encostas de acentuado declive, rodeado por linhas de água e de onde se abrange vasta panorâmica, oferece boas condições naturais de permanência e de defesa; daí a sua antiga ocupação humana, de cujos testemunhos já fizemos referência. A vila medieval, que foi priorado e comenda da Ordem de Santiago, recebeu foral em 1267, e posteriormente outro, outorgado por D. Manuel, em 1512, desenvolvia-se nas encostas voltadas a nascente e a sul do Cerro do Castelo, sendo possível que o seu tecido urbano ainda ultrapassasse a margem direita da Ribeira de Garvão, área onde hoje se estabelece o centro daquele núcleo urbano e a sua principal zona de expansão.

A encosta este do cerro encontra-se urbanizada até cerca de meia altura, estando cortada por ruas e ocupada por casas antigas e quintais, colocados em pequenos terraços dispostos em degraus, sustentados por muros de xisto, onde subsistem oliveiras centenárias.

O depósito votivo encontra-se naquela encosta, à cota 118,97 m, em grande parte sob o pavimento da rua do Castelo estendendo-se, ainda, por sob o muro de sustentação de terras que limita a mesma rua a NO. As



Fig. 4 — Aspecto do Cerro do Castelo de Garvão, vendo-se em plano central a área da escavação.

coordenadas hectométricas Gauss da zona central do Cerro do Castelo são: $X = 181.3$ e $Y = 82.5$ ³.

Garvão constitui hoje uma das freguesias do concelho de Ourique que faz parte do distrito de Beja.

3. Escavação (figs. 5-10, em fim de volume, e 11-15 v.p. 32) ⁴

3.1. Metodologia

A área a escavar foi dividida em sectores de 5 m de lado designados por números árabes, por sua vez quadriculados em 25 quadrados — unidades de 1 m² igualmente designadas por números árabes (numeração ordenada de SO para NE e de NO para SE). Cada quadrado é referenciado por dois números separados por um ponto: o que designa o sector e o do quadrado respectivo. Por exemplo: Q.4.20 — trata-se do quadrado 20 do sector 4.

A escavação iniciou-se pelos sectores 1 e 2, envolvendo o desentulhamento das valas abertas pela retro-escavadora no leito da rua. Desenvolveu-se, seguidamente, nos sectores 4 e 5, implantados num socorro sobranceiro à rua do Castelo e situado a 3 metros de altura em relação ao nível desta, suportado por um paredão de betão armado que havia sido construído há cerca de um ano. A escavação efectuada nestes últimos sectores tinha por objectivo atingir o nível do depósito votivo que, segundo pensávamos, se prolongaria para além do paredão, o que realmente se verificou após termos removido cerca de 3 metros de sedimentos de um modo geral acumulados pelo carreamento de materiais procedentes do cimo do cerro.

Uma vez posta a descoberto a maior parte da superfície do depósito votivo iniciou-se a sua escavação, nos sectores 1, 4 e 5, através de sucessivos planos estabelecidos em função da espessura e da natureza dos diversos níveis de deposição. Em cada plano as peças encontradas foram desenhadas, fotografadas, cotadas e numeradas; procurou-se isolar os conjuntos que elas integra-

³ Segundo a Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, folha 546, 1952.

⁴ Os trabalhos de escavação foram dirigidos pelos signatários que tiveram como auxiliares Antónia Rosa Coelho Soares, António José Colaço Carvalho, Fernando Moncada, Graça Fonseca, Inês Vaz Pinto, Leonel Moura, J. Manuel Mascarenhas, Maria Cecília Saloio Rosalino, Maria José Vidigal e Maria da Luz Veloso da Costa; como desenhadores Francisco Cebola, Jorge Jesus Domingos Costa, Jorge Raposo e Mário José Abreu de Sousa e como topógrafos Francisco Alberto Palminha Pinto e João de Oliveira. Sob a orientação do encarregado Manuel Ricardo, foram operadores: António José Guerreiro, Celso António Carapinha, Eduardo Manuel da Silva, Fernando Moreira Pinto Firmino, Florival José Guerreiro, Joaquim Domingos, José Carlos Coelho Pacheco, José Guerreiro Romão, Manuel Fernandes, Manuel Fernando Bruno Silvestre, Paulo Alexandre Conduto Martins, Paulo Alexandre Guerreiro, Paulo Jorge Martins Cunha, Vítor Correia da Silva e Vitorino Marques da Silva. Contou-se com a colaboração da Câmara Municipal de Ourique que forneceu pessoal e material de escavação, com um subsídio do Instituto Português do Património Cultural e com o apoio técnico e científico do Serviço Regional de Arqueologia do Sul e do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, organismos onde o abundantíssimo material exumado está a ser tratado sob a orientação de Luísa Ferrer Dias. O restauro do material exumado foi subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.



Fig. 11 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Aspecto da escavação nos sectores 4 e 5.

vam (peças empilhadas, contentores e respectivo conteúdo)⁵. Antes de ser levantada cada peça foi localizada, tridimensionalmente, tomando por base um sistema de eixos ortogonais e um ponto de cota convencional (0,0 m). Na

⁵ A equipa que escavou os sectores 1 e 2 designou as peças isoladas por números árabes e os conjuntos com mais de uma peça, por números romanos (por sector e plano); a equipa que se ocupou da escavação dos sectores 4 e 5 designou (para cada sector) os conjuntos e as unidades que os integravam por números árabes (por exemplo: unidade 30.2 do sector 5 — é a peça 2 do conjunto 30 do sector 5); os subconjuntos receberam letras maiúsculas.

^{5a} Os índices cromáticos referem-se às Munsell Soil Colour Charts (1975) e, como tal, devem-se entender como aproximados.

prática, estes eixos coincidiam com os lados das unidades de quadrícula, considerando o eixo dos XX' o lado SE e o dos YY' o lado SO do quadrado. Assim, por exemplo, a localização tridimensional da peça 5.6 do Q.5.23 é: $X = 0,10$ m; $Y = 0,40$ m; $Z = -2,50$ m.

3.2. Escavação dos níveis posteriores à formação do depósito votivo

Nos sectores 1 e 2 a escavação revelou a seguinte sequência que cobria o depósito votivo:

C.1 — Com cerca de 0,30 m de espessura. Calçada constituída por seixos de quartzo leitoso, assentes sobre um enchimento, muito compactado, contendo materiais romanos e medievais.

C.2 — Argila arenosa, castanho-avermelhada (Munsell 5 YR 7/4), com fragmentos de xisto e fragmentos de cerâmica. Na base (Q.1.21) ofereceu uma lenticula de cinzas e carvões correspondente aos restos de uma lareira, limitada por blocos de xisto que formavam uma coroa subcircular, com, aproximadamente, 1,50 m de diâmetro.

Nos sectores 4 e 5 os níveis que cobriam o depósito atingiam, no seu conjunto, a potência de 4,50 m:

C.1 — Areia argilosa castanho-acinzentada revolvida pela lavoura.

C.2 — Níveis da Época Moderna possuindo na base um pavimento talvez do século XVI.

C.3 — Ocupação medieval, possivelmente árabe; surgiu uma parede de sustentação de terras, orientada segundo a direcção NE-SO, constituída por blocos de xisto dispostos em espinha.

C.4 — Níveis inclinados (ca. 40°-45°) de NO para SE, formados por materiais carregados por agentes naturais da zona superior do Cerro; contêm peças da Época Romana (exclusivamente na parte superior) e da Idade do Ferro (sobretudo na base).

3.3 Depósito votivo

Os níveis que integram o depósito votivo correspondem, nos sectores 1, 2 e 3, à C.3 e, nos sectores 4 e 5, à C.5:

C.3a (sectores 1, 2 e 3)/C.5a (sectores 4 e 5) — Com cerca de 0,05-0,15 m de espessura, ofereceu numerosos fragmentos de recipientes cerâmicos (embalados por um sedimento argiloso pouco compacto), por vezes esmagados por blocos de xisto tombados directamente sobre eles. Nos sectores 1 e 2, este nível ultrapassava os limites de uma fossa que continha o depósito votivo, em resultado, por um lado, de factores antrópicos (revolvimento) e, por outro, naturais (a inclinação do terreno de NO para SE estaria na origem de um certo carregamento do material fragmentado). Enquanto nos sectores 4 e 5, os mais protegidos de acções antrópicas recentes, surgiram alguns recipientes completos, ou mesmo inteiros e o comprimento médio dos fragmentos era

de cerca de 10 cm, nos sectores 1 e 2, por onde passava a rua cuja construção provocou fortes perturbações na parte superficial do depósito e onde foram abertas valas destinadas a receber condutas de água (facto que, como atrás se disse, esteve na origem da descoberta da jazida) a cerâmica mostrava-se muito mais fragmentada (compr. médio dos fragmentos cerca de 5 cm e ausência de recipientes inteiros ou completos; fragmentos do mesmo recipiente distavam entre si, por vezes, mais de 1 m).

C.3b/C.5b — Com cerca de 0,15/0,20 m de espessura. Mostra acumulação de recipientes cerâmicos, por vezes ainda muito fragmentados, de dimensões pequenas ou médias, predominando os pratos que surgem, muito frequentemente, empilhados, quer de boca para baixo, quer em posição normal. Este nível ocupa uma área menos extensa que a do anterior.



Fig. 12 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Zona periférica da C.3c (sector 1).

C.3c/C.5c — Com cerca de 0,45 m de espessura máxima. Na zona central e mais profunda do depósito encontraram-se grandes vasos (contentores), encostados uns aos outros e repletos de recipientes; de pequenas e médias dimensões, colocados nas mais diversas posições. Alguns dos contentores foram depositados já fragmentados para neles ser introduzido um maior número de peças. Nos espaços existentes entre os contentores surgiram, quase sempre, pratos colocados de cutelo.



Fig. 13 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Aspecto da C.3c (sector 1), vendo-se o conjunto V do Q.1.11.



Fig. 14 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Aspecto da C.3c (sector 1), vendo-se, na zona central, o conjunto IX (vasos no interior de um contentor).

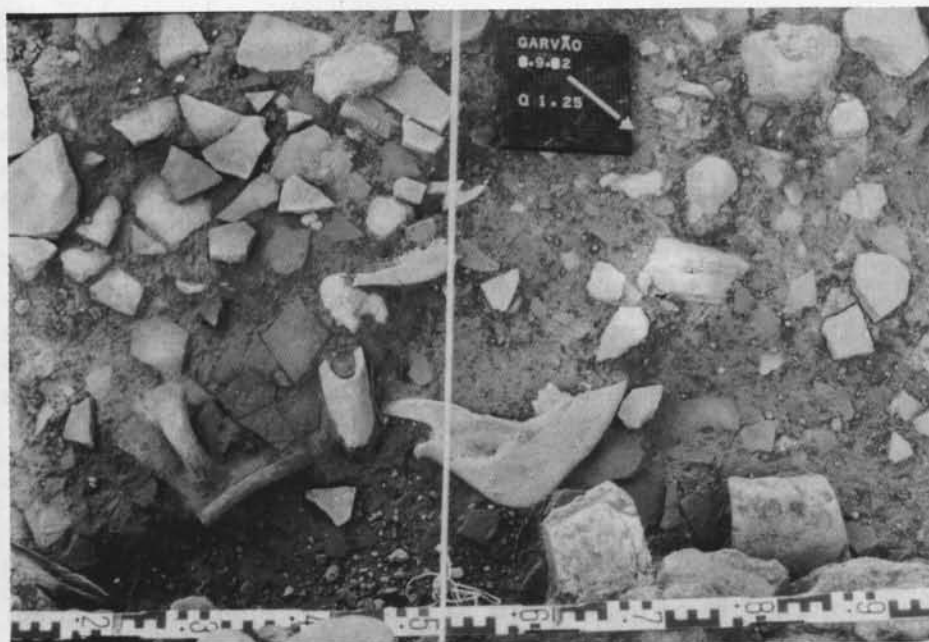


Fig. 15 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Aspecto da C.3d no sector 1, com cerâmica esmagada e ossos.

C.3d/C.5d — Com cerca de 0,05/0,20 m de espessura. Ofereceu fragmentos de cerâmica esmagados (raramente vasos completos, de pequenas e médias dimensões, como pratos colocados de boca para baixo) sob os contentores da C.3c/C.5c e assentes sobre um nível de blocos lajiformes de xisto e, alguns, de quartzo. No sector 1 notou-se a presença, entre estes blocos e mesmo sob eles, de fragmentos de cerâmica, ossos de mamíferos e, entre duas lajes, um crânio humano.

3.4. Níveis anteriores à formação do depósito votivo

No sector 4 onde, tal como no sector 5, o depósito foi totalmente escavado, procedeu-se à abertura, nos Qs.4.20 e 4.25, de uma sondagem na base da fossa que continha o depósito votivo. Verificou-se a seguinte sucessão, de cima para baixo:

C.6 — Com cerca de 0,60 m de espessura máxima. Inclinação de NO para SE. Mostrava areia argilosa castanha, compacta, com carvões disseminados e, na parte superior, grandes fragmentos de xisto dispostos horizontalmente. Contém pequenos fragmentos de cerâmica, em geral fabricados ao torno, dispersos.

C.7 — Com cerca de 0,35 m de espessura máxima, encontrava-se inclinada de NO para SE. Era constituída por argila arenosa castanho-amarelada, muito compacta, com numerosos fragmentos de xisto, escassos carvões disse-

minados e raros fragmentos cerâmicos, sendo abundantes os de engobe amarelado/beige fabricados ao torno, pelo menos alguns deles pertencentes a ânforas de feição púnica. Assenta directamente sobre a C.9 no Q.4.20.

C.8 — (Inexistente no Q.4.20). Com espessura indeterminada (escavação incompleta). Oferecia sedimento muito argiloso, castanho-escuro com escassos fragmentos de xisto; arqueologicamente estéril. Poderia ter-se formado pela deposição de argila numa depressão natural onde se acumulariam águas pluviais. A ausência desta camada no Q.4.20 explica-se pelo facto de a superfície da rocha de base ser aqui muito inclinada.

C.9 — (Observada no Q.4.20 e na zona NO do Q.4.25). Com cerca de 0,05-0,15 m de espessura. Era formada pela desagregação do substrato rochoso. É de cor amarelo-avermelhada contendo numerosos fragmentos de xisto. Forneceu fragmentos de cerâmica do Bronze final.

3.5. Estruturas detectadas

O depósito votivo foi constituído no interior de uma fossa, aberta artificialmente num estreito patamar da encosta SE do Cerro do Castelo, tendo sido cortada a rocha que afloraria na zona SE e camadas de sedimentos areno-argilosos (C.6), contendo material arqueológico de períodos anteriores ao depósito, sem se ter atingido a rocha na zona NO.

De planta aproximadamente ovalada, com o comprimento máximo que estimamos em cerca de 10 metros (segundo a direcção NE-SO) e a largura máxima de cerca de 5 metros (direcção NO-SE), a fossa possui perfil transversal dissimétrico, com o limite SE abrupto, cortado na rocha, e o limite NO em rampa. O corte na rocha do limite SE parece ter sido revestido por um murete formado por placas e blocos lajiformes de xisto. Como atrás se disse, na fase de abandono e de destruição da parte superior do depósito, os numerosos fragmentos que daí resultaram (C.3a dos sectores 1 e 2) extravasaram a fossa, e ultrapassaram o seu limite SE, segundo uma direcção que era a do pendor da encosta. A profundidade máxima que a escavação permitiu, até ao momento, reconhecer é de, aproximadamente, 0,80 m. O fundo da zona central era como que pavimentado por blocos lajiformes de xisto, sobre e entre os quais, como também já foi referido, surgiram ossos de animais e um crânio humano. É possível que este facto testemunhe um ritual de sacralização do sítio realizado antes da deposição das peças votivas.

3.6. Formação do depósito

Sobre o nível mais profundo (C.3d/5d) — com ossos de animais, um crânio humano e fragmentos de vasos que, por vezes, se mostram como que esmagados e que poderiam ter sido partidos intencionalmente no âmbito de um ritual de sacralização do sítio, aspecto que a presença dos referidos ossos parece igualmente sugerir — teriam sido depositados, no centro da fossa, os contentores da C.5c, cheios e cobertos de outras peças cerâmicas (C.5b), e, na periferia, recipientes de menores dimensões, isolados ou formando conjun-

tos. Toda esta deposição teria ocorrido em uma única fase, pois a forma como os vasos se organizam espacialmente parece corresponder ao traçar de um plano de arrumação, estabelecido de acordo com o prévio conhecimento do material que se pretendia acondicionar, e necessidade de um aproveitamento racional do espaço. Note-se, ainda, que os mesmos tipos morfológicos, de decoração e de técnica de fabrico (cerâmica manual e produzida ao torno) se encontram presentes, coexistem quer no nível dos contentores (C.3c/5c) quer no que os cobre (C.3b/5b). Além disso, tais aspectos, bem como o facto de muitos recipientes terem sido empilhados — o que mostra que foram depositados sem qualquer conteúdo, sem oferenda propriamente dita — e ainda o de alguns dos contentores terem sido depositados já fracturados levam-nos a crer tratar-se de um depósito secundário formado na dependência de um santuário.

4. Espólio cerâmico

A parte escavada do depósito era quase totalmente constituída por recipientes cerâmicos, distribuídos por dois grandes grupos de fabrico: os montados sem roda e os fabricados ao torno.

Na C.3a/5a, essencialmente formada por fragmentos, os do primeiro grupo surgiram em cerca de 15% e, os do segundo, em cerca de 85%. Nos níveis inferiores, onde as peças completas, ou mesmo inteiras, são abundantes, essas percentagens (cálculos provisórios e aproximados baseados sobretudo na consulta do caderno de campo) são, respectivamente, de 20% e 80%.

Nesta fase preliminar do estudo do espólio exumado em 1982, no depósito votivo de Garvão, a cerâmica pode ser subdividida nas seguintes categorias: cerâmica “tosca” fabricada sem roda; “queimadores”; cerâmica “comum” montada ao torno; cerâmica pintada; cerâmica de engobe vermelho; cerâmica cinzenta; grandes contentores; cerâmica com decoração estampilhada e peças coroplásticas.

4.1 Cerâmica “tosca” montada sem roda

Oferece pasta pouco compacta a semicompacta, rica em elementos não plásticos visíveis a olho nu (principalmente entre 0,5 e 1 mm); a cor, quer das superfícies quer do núcleo, varia (com muita frequência na mesma peça) entre o castanho-chocolate (aprox. 5 YR 4/4) e o cinzento escuro ou negro, o que revela uma cozedura irregular. O tratamento das superfícies compreende todas as categorias: desde o alisado-tosco ao polido, embora predominem as peças mal alisadas.

A forma mais comum entre os recipientes é o “copo” ovóide, de bordo ligeiramente introvertido e pé quase sempre destacado, subcilíndrico ou em tronco de cone achatado, de fundo plano ou côncavo (n.^{os} 1 a 8).

Além desta forma ocorrem:

— Taças em calote de esfera, com pé destacado (subcilíndrico ou em tronco de cone) ou, por vezes, trípodas (n.^{os} 9-11);

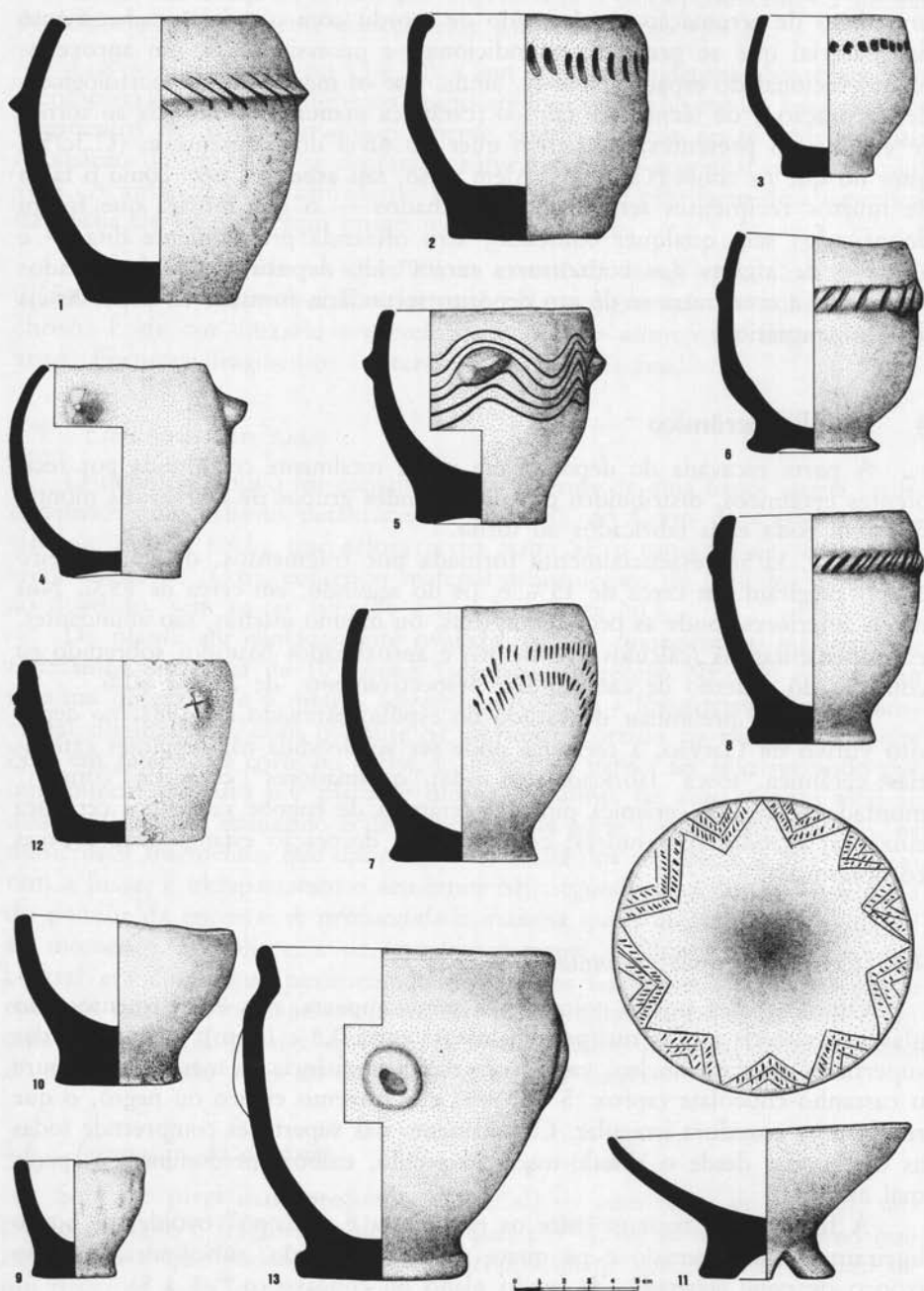


Fig. 16 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica “tosca” montada à mão.

— Vasos troncocónicos de paredes rectilíneas, fundo plano e pé não destacado (n.º 12);

— Vasos de bojo ovóide, providos de colo, bordo extrovertido, em alguns casos com carena alta a separar o bojo do colo; o pé e o fundo são como os das formas anteriormente referidas, não faltando os vasos trípodas (n.ºs 13-15);

— “Urnas” de bojo globular, bordo extrovertido, colo estrangulado e pé em tronco de cone, alto e oco (n.º 16).

A altura de todas estas formas oscila, no geral, entre 90 e 120 mm, surgindo, porém, algumas peças somente com 50 mm e outras que atingem 230 mm.

A decoração é, salvo raras excepções, uma constante e oferece grande variedade de motivos e técnicas. Localiza-se normalmente na metade superior do vaso e pode ser impressa (fiada horizontal de impressões em bastonete, ovaladas, circulares), incisa (espinha, zigzagues, séries de traços curvilíneos paralelos e ondulados) e plástica: cordões horizontais e/ou curvilíneos, segmentados transversalmente por curtos traços incisos ou impressos; mamilos cónicos — por vezes cruzados por incisões — ou alongados segundo a horizontal ou a vertical; pastilhas oculadas; pequenas “asas cegas”. Estes motivos ocorrem quer isolados quer associados, formando composições complexas.

4.2. *Queimadores*

Os “vasos de janelas” ou “queimadores” (n.ºs 17-23) apresentam basicamente as mesmas pastas, formas, decorações e dimensões da cerâmica “tosca”, sem roda, embora as carenas, os colos estrangulados e os bordos extrovertidos ocorram em muito maior número e a decoração se estenda com frequência a outras zonas da peça, nomeadamente ao pé. Foram também fabricados sem roda. Alguns exemplares são trípodas sendo correntes as asas verticais, quer ligando o lábio ao bojo, quer inseridas na parede deste. Os orifícios ou “janelas”, triangulares ou circulares, tanto podem reduzir-se a uma fiada horizontal, situada sensivelmente a meia altura, ou ocupar toda a parede; a associação entre o orifício triangular e o circular (sempre mais pequeno) manifesta-se em número elevado. Além deste tipo de “queimador” é relativamente abundante um outro tipo (n.ºs 21-23) em que o pé é alto e paralelepípedo, cúbico ou troncopiramidal, oco e com os lados providos de “janelas” triangulares ou rectangulares, assumindo o carácter de um suporte. As superfícies externas destes pés são profusamente decoradas por motivos impressos e incisos. Este tipo de “queimador” apresenta por vezes o fundo atravessado por numerosos orifícios como se verifica em alguns fogareiros actuais.

4.3. *Cerâmica “comum” montada ao torno*

A pasta é em geral compacta com elementos não plásticos, visíveis a olho nu na maioria dos casos inferiores a 0,5 mm e raramente superiores a 1 mm; os elementos não plásticos mais abundantes são formados por grãos de quartzo sub-rolados e inclusões negras. Trata-se de uma cerâmica bem cozida, sonora, de cor quase sempre uniforme; fractura de cor vermelha (2.5 Y R

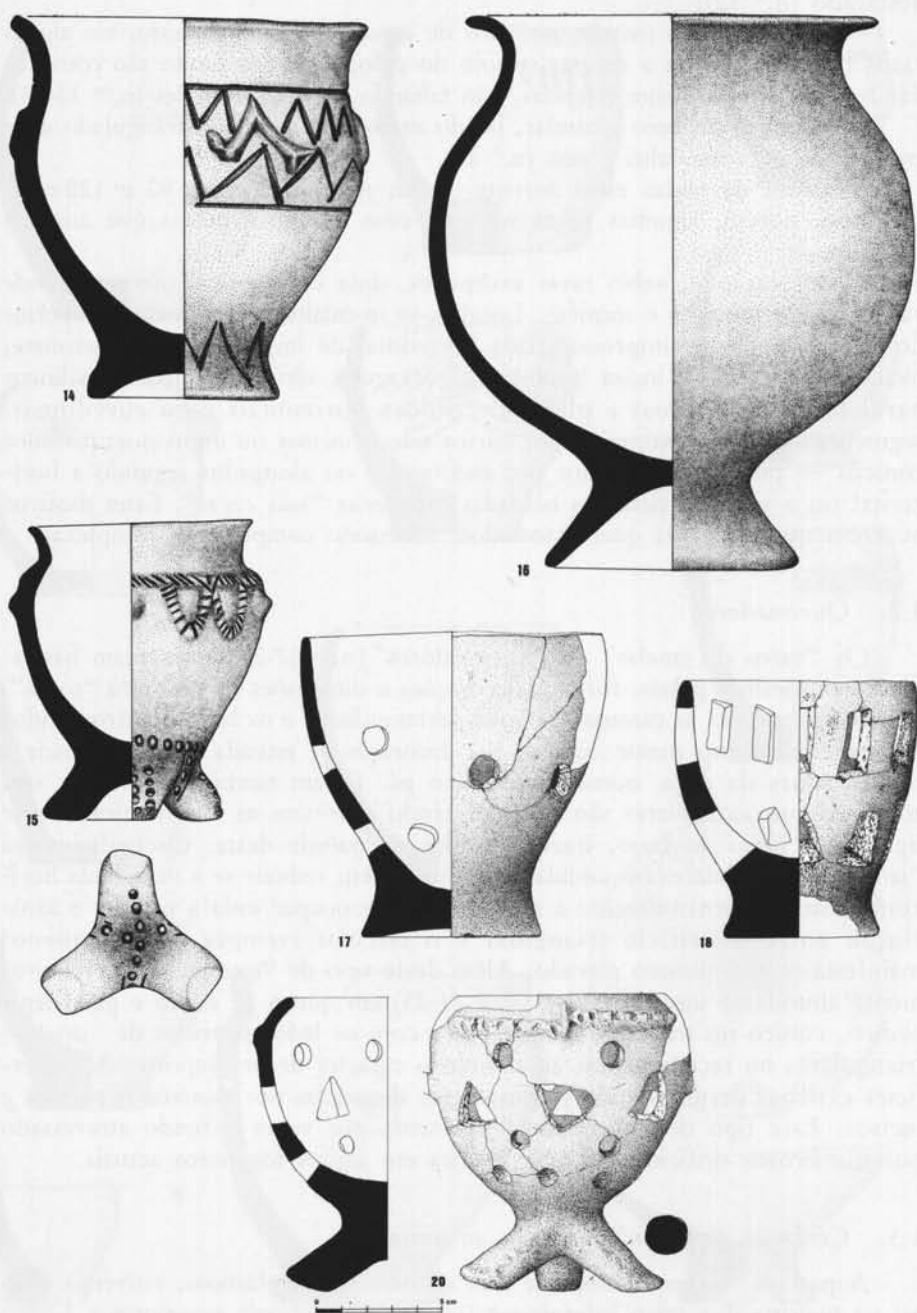


Fig. 17 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica “tosca” montada à mão (n.ºs 14-16) e queimadores (n.ºs 17, 18 e 20).



Fig. 18 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Queimadores.

5/8) ou vermelho-clara (2.5 Y R 6/8) e superfícies vermelho-claras. Estas apresentam-se, por vezes, espatuladas.

A forma mais abundante, representada por centenas de exemplares, é o prato ou tigela baixa (n.ºs 24 e 25) com bordo sem espessamento, podendo ser ligeiramente introvertido ou extrovertido, pé em bolacha (pé indicado e fundo plano ou com leve concavidade) e com dois pequenos orifícios de suspensão, troncocónicos ou subcilíndricos situados, em média, a 7 mm do lábio, separados entre si por 14,7 mm (valor médio) e com o diâmetro médio de 3 mm. Estes orifícios foram invariavelmente realizados do interior para o exterior. O valor médio do diâmetro da boca das tigelas é de 170 mm, o da altura, de 45 mm e o da relação centesimal entre a altura e o diâmetro da

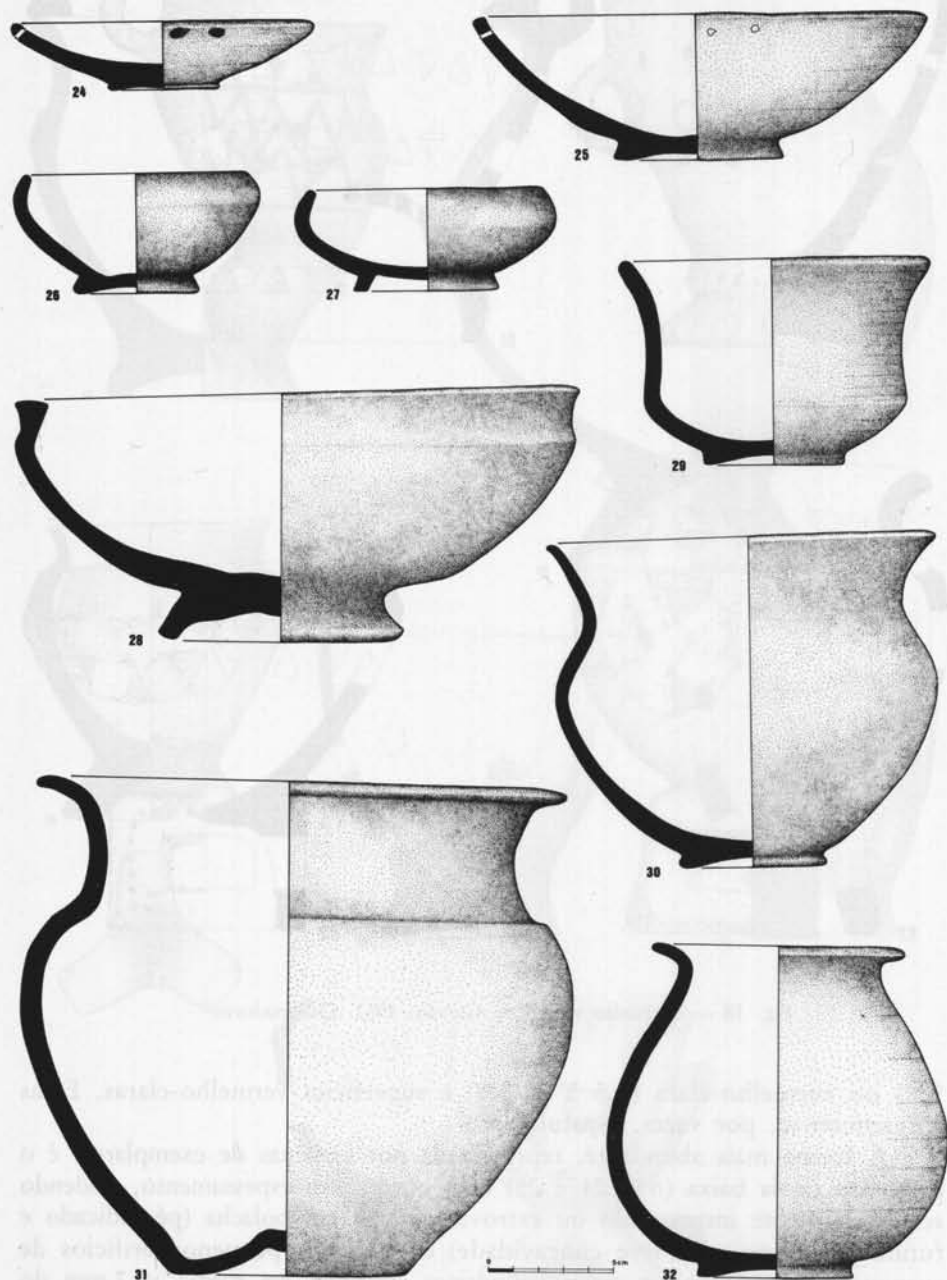


Fig. 19 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica comum montada ao torno.

boca, de 26,3. Muito raramente o diâmetro é inferior a 150 mm, embora em alguns exemplares esse valor possa descer a 110 mm.

Ocorrendo em menor frequência, mas também abundante, temos a taça de bordo introvertido (n.ºs 26 e 27) a que muitos autores espanhóis chamam lucerna (cf. Luzón, 1973 e Pellicer, 1982) e que se identifica com a *forma 2* de Pajar de Artillo (Luzón, 1973, pp. 37-39, ests. II e III). O pé apresenta-se saliente e anelar oferecendo o fundo, quase sempre, com acentuado desvão. O diâmetro da boca oscila entre ca. 85 mm e 95 mm e a altura entre 30 mm e 40 mm. Algumas destas peças possuem a pasta e as superfícies cinzentas.

No estado actual do trabalho, de tratamento e restauro das milhares de peças exumadas em Garvão, é-nos possível identificar mais as seguintes formas de cerâmica "comum" montada ao torno:

— Taça de carena alta, lábio plano e pé destacado e alto, anelar, mostrando o fundo acentuado desvão (n.º 28).

— Vaso acampanado, de perfil em S, com carena baixa; pé destacado e fundo ligeiramente côncavo ⁶ (n.º 29).

— Vaso de perfil em S, bojo de tendência bitroncocónica, bordo inclinado para o exterior, boca larga e pé destacado com o fundo ligeiramente côncavo ou plano ⁷ (n.º 30).

— Vaso de bojo globular, de tendência bitroncocónica, bordo revirado para o exterior, boca larga, sem pé destacado e fundo francamente côncavo, onfalóide, com ténue botão central ⁸ (n.º 141).

— Vaso com bojo de tendência ovóide, colo alto e bem diferenciado do bojo por um ligeiro ressalto; bordo extrovertido e acampanado; boca larga; fundo sem pé destacado, côncavo e onfalóide, com botão central ⁹ (n.º 31).

— Vaso com o bojo ovóide ou piriforme, de tendência bitroncocónica; bordo extrovertido; pé destacado e fundo ligeiramente côncavo ¹⁰ (n.º 32).

⁶ Lembra a forma 3 de Pajar de Artillo: LUZÓN, J. M. — *Excavaciones en Itálica: estratigrafia en el Pajar de Artillo (campana 1970)* (Excavaciones Arqueológicas en España, 78), 1973, est. IV.

⁷ Cf. por exemplo o n.º 3 da sepultura 158 da necrópole de Baza: PRESEDO VELO, F. J. — *La necropolis de Baza* (Excavaciones Arqueológicas en España, 119), 1982, fig. 179, n.º 3.

⁸ Cf. por exemplo n.º 63 de Coimbra del Barranco Ancho, Múrcia: MOLINA GARCIA, J.; MOLINA GUNDE, F.; NORDSTRÖM, F. — *Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla — Múrcia)* (Serie de Trabajos Varios, 52), 1976.

Cf. também n.º 175, estrato III do povoado ibérico de Puntal dels Llops: BONET et al. — *El poblado ibérico del Puntal dels Llops (Valencia)*. Valencia, Servicio de Investigación Prehistorica, 1981, fig. 30.

⁹ Aproxima-se da forma 1 de Pajar de Artillo (Itálica), abundante na primeira fase de ocupação (séc. II a.C.); está presente no nível 12 (séc. IV) do Cerro Macareno: PELLICER, M. — *Las cerámicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla)*, in "Phönizier im Westen", 1982, pp. 371-406, fig. 22, n.º 6.

¹⁰ Cf. por exemplo n.º 17 de Los Villares: PLA BALLESTER, E. — *Los Villares (Caudete de las Fuentes, Valencia)*, 1980.

— Vaso de bojo globular, boca estreita, bordo extrovertido, colo curto e apertado, sem pé destacado e fundo com acentuada concavidade, onfalóide ¹¹ (n.º 33).

— *Oinochoe* de bojo ovóide, colo estreito, alto e bem diferenciado do bojo, boca trilobulada, asa arrancando do bordo e sobreelevando-se relativamente ao plano da boca, pé destacado e fundo ligeiramente côncavo (n.º 34).

— *Oinochoe* de bojo ovóide, colo largo, baixo e mal diferenciado do bojo, boca trilobulada, asa em fita arrancando do bordo, sem pé destacado e com fundo acentuadamente côncavo, onfalóide (n.º 142).

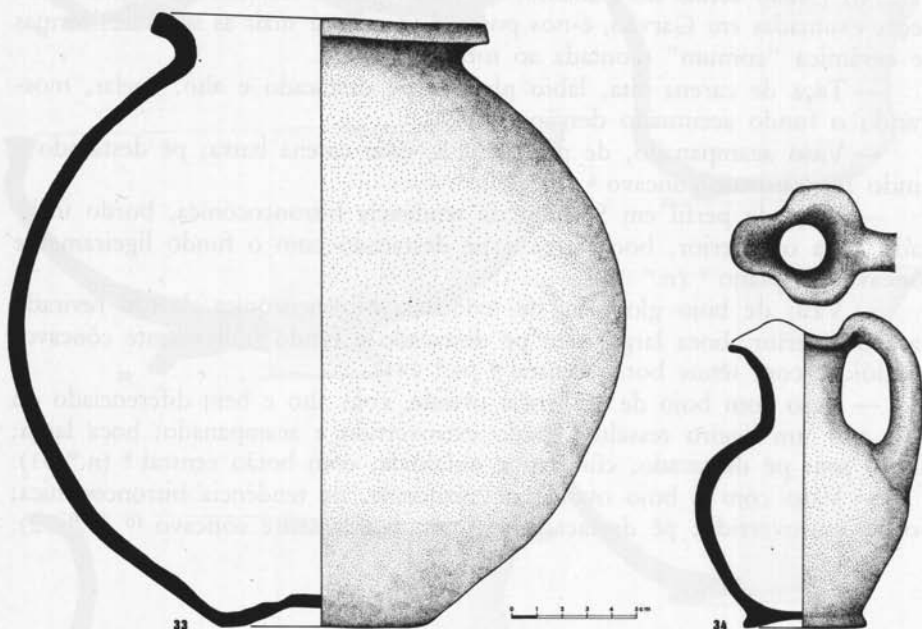


Fig. 20 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica comum montada ao torno.

4.4. Cerâmica pintada

A pasta é, de um modo geral, muito semelhante na textura, composição e cor à da cerâmica “comum” fabricada ao torno, indicando, por conseguinte, produção local ou regional. Outros tipos de pasta estão ainda presentes, podendo corresponder a peças importadas: pastas amarelo-esbranquiçadas, muito compactas, de fractura concoidal, muito finas (sem elementos não plásticos superiores a 0,5 mm); algumas são ricas em inclusões acastanhadas, de aspecto ferruginoso; outras possuem pequeníssimas inclusões de cor negra.

A decoração pintada é exclusivamente geométrica com motivos curvilíneos de paralelismo predominantemente irregular; alguns exemplares, que, pela

¹¹ Cf. por exemplo o n.º 1 da sep. 28 da necrópole de Baza: PRESEDO VELO — *op. cit.* (v. nota 7), fig. 28, 1.

pasta, poderão ter sido importados, apresentam esse paralelismo muito regular: os motivos teriam sido obtidos através de bateria de pincéis, em pente; as bandas e os filetes, paralelos e horizontais, constituem os principais motivos e ocorrem, por vezes, associados a semicírculos (ou, mais raramente, a quartos de círculo) concêntricos, a séries de traços ondulados verticais e paralelos, a axadrezados e a traços rectilíneos verticais. De um modo geral é monócroma e de cor vermelha escura (10 R 3.5/6) ou vermelho-arroxeadada (7.5 R 4/4) sobre fundo, não engobado, vermelho claro (2.5 YR 6/6). Alguns exemplares apresentam pintura policroma: bandas de cor vermelho-arroxeadas associadas a bandas esbranquiçadas ou a filetes cinzento-avermelhados escuros (5 R 3/1) ou negros.

Excepcionalmente, a decoração pintada surge acompanhada por decoração estampilhada como na “urna” de orelhetas (n.º 38).

No que respeita à forma dos recipientes é possível identificar, no estado actual do tratamento e restauro da cerâmica de Garvão, as seguintes formas, todas, aliás, comuns ao mundo das cerâmicas ibéricas:

— Vaso de corpo ovóide, colo alto e subcilíndrico, bordo em aba sub-horizontal e fundo côncavo (decoração pintada: bandas e filetes horizontais, traços ondulados verticais e axadrezado) — n.º 35;

— Vaso de corpo ovóide, colo estrangulado e curto, bordo extrovertido, fundo ligeiramente côncavo (decoração pintada: bandas horizontais, traços rectilíneos verticais e semicírculos concêntricos de paralelismo irregular) n.º 36;

— Vaso subcilíndrico, a tender para ovóide, sem colo, bordo espessado externamente, pequenas asas verticais trilobadas (decoração pintada policroma: bandas horizontais, semicírculos concêntricos de paralelismo regular e traços ondulados verticais) n.º 37;

— “Urna” de orelhetas perfuradas, de corpo ovóide, asas verticais (a meio da pança) decoradas por pastilhas circulares, e com tampa cônica terminada por elemento de prensão em botão maciço com a forma de cabeça antropomórfica (decoração pintada — bandas e filetes horizontais e xadrez — associada a decoração estampilhada e plástica) n.º 38;

— Vaso caliciforme de corpo cônico invertido, colo estrangulado, bordo extrovertido e pé alto troncocônico e oco (n.º 39).

4.5. Cerâmica de “engobe” vermelho

A cerâmica de “engobe” vermelho encontra-se, até agora, representada somente por duas formas:

— Prato de perfil carenado, bordo extrovertido e largo, pé mal destacado e fundo côncavo. Corresponde à forma 1 da cerâmica de “barniz rojo” ibero-tartéssica, segundo a classificação de Cuadrado¹². O “engobe” é vermelho

¹² CUADRADO, E. — Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico, in “Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular”, Barcelona, 1969, pp. 257-290.

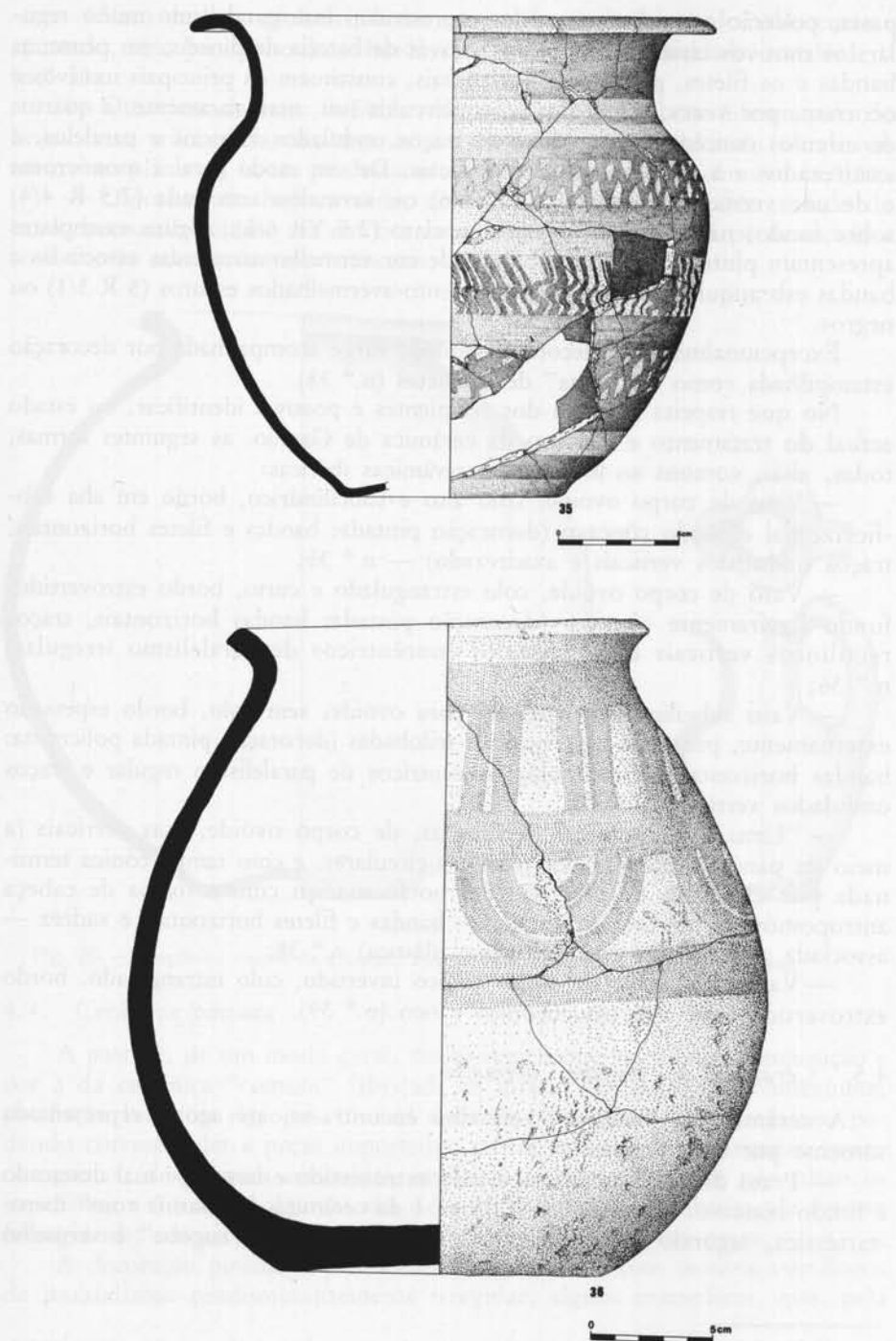


Fig. 21 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica pintada.

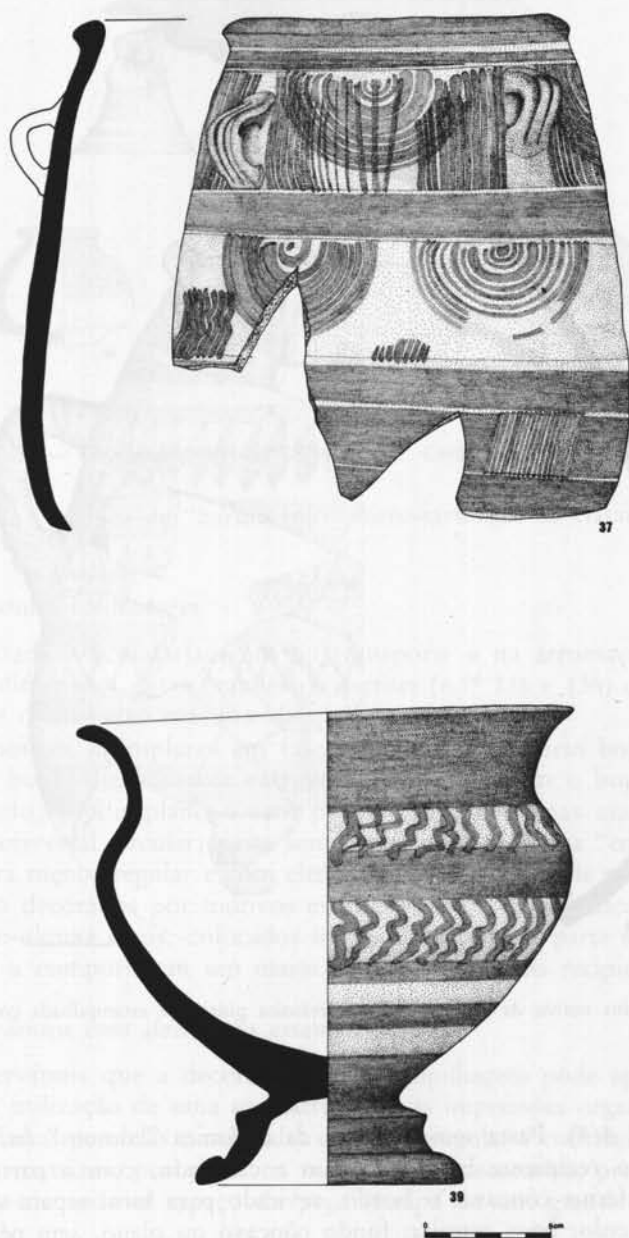


Fig. 22 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica pintada.

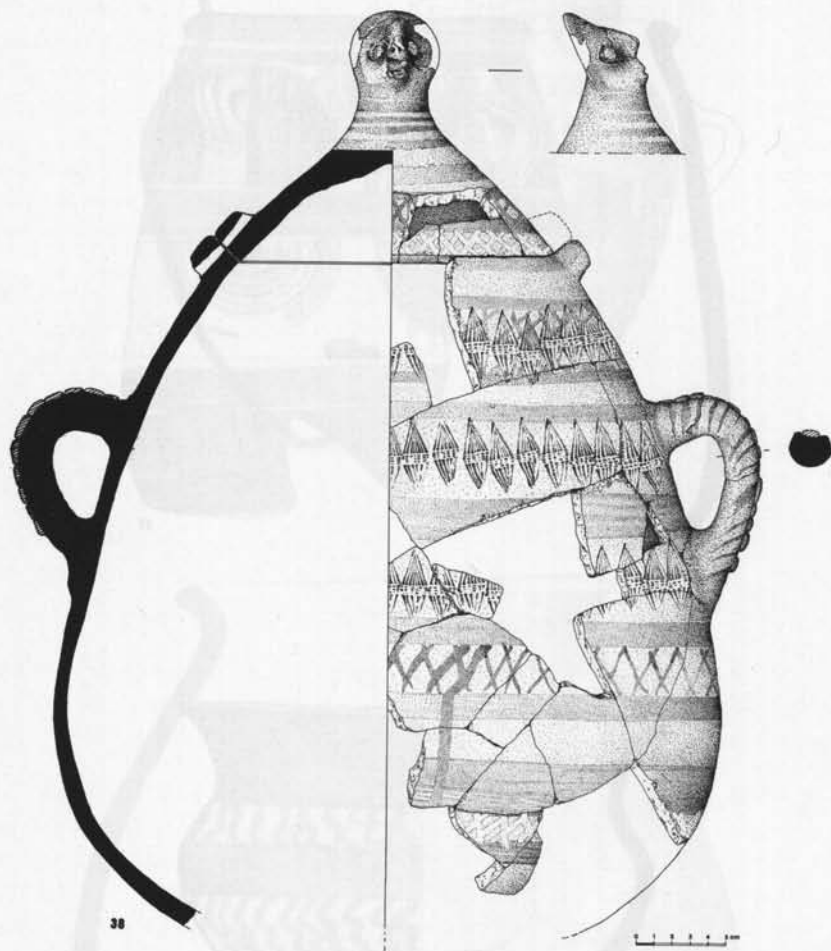


Fig. 23 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica pintada e estampilhada com decoração coroplástica.

violáceo (10 R 4/4). Pasta semelhante à da cerâmica “comum” (n.º 40).

— Pequeno recipiente bitroncocónico e carenado, com a parte superior convexa e a inferior côncava; o bordo, revirado para fora, separa-se do bojo por um curto colo; boca estreita; fundo côncavo ou plano, sem pé indicado. O “engobe” restringe-se à parte superior não atingindo, sequer, a carena. Em um exemplar (n.º 41), que parece ser de importação (pasta bege com numerosas inclusões negras), o “engobe” é vermelho violáceo (aprox. 10 R 4/4); em outro (n.º 42), de pasta semelhante à da maior parte da cerâmica “comum”, é vermelho (10 R 4/6) e foi avivado por espatulamento. Trata-se da

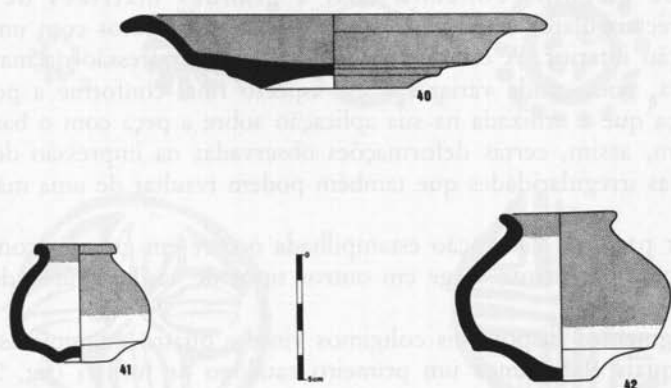


Fig. 24 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica de “engobe” vermelho.

forma 4 da cerâmica de “barniz rojo” ibero-tartéssica da classificação de Cuadrado ¹³.

4.6. *Grandes contentores*

Utilizados secundariamente no transporte e na arrumação de peças de menores dimensões, estes grandes recipientes (n.ºs 116 e 136) chegam a atingir a altura e o diâmetro máximo de quase 0,50 m.

Os poucos exemplares em fase de restauro possuem bojo de tendência ovóide e bordo ligeiramente extrovertido que faz com o bojo um colo mal diferenciado; fundo plano e sem pé indicado; pequenas asas anelares e de secção transversal circular; pasta semelhante à da cerâmica “comum”, embora de fractura menos regular e com elementos não plásticos de maior calibre. Por vezes, são decorados por motivos estampilhados e coroplásticos. Foram, pelo menos em alguns casos, colocados no depósito, com a parte superior partida, de modo a comportarem um maior número de outros recipientes.

4.7. *Cerâmica com decoração estampilhada*

Observámos que a decoração por estampilhagem pode apresentar muitas variantes: utilização de uma só matriz com as impressões organizadas em uma ou mais linhas paralelas e marcadas de modo regular e ordenado; utilização de diferentes matrizes, por vezes na mesma linha decorativa; preenchimento desordenado de todo o espaço da peça (tampa de um grande contentor, por exemplo).

A estampilhagem coexiste, em alguns casos, com pintura e com a coroplastia.

¹³ *Id.* — *ibid.*

Os selos ou matrizes variam formalmente desde o círculo simples ou conjunto de círculos concêntricos, a grandes matrizes de formas quadradas, rectangulares e triangulares, na maioria dos casos com uma elaborada decoração interior. A estampilha, resultante da impressão da matriz, selo ou pintadeira, pode ainda variar no seu aspecto final conforme a posição da mão e a força que é utilizada na sua aplicação sobre a peça com o barro ainda mole. Surgem, assim, certas deformações observadas na impressão do mesmo selo e algumas irregularidades que também podem resultar de uma má limpeza da matriz.

A maior parte da decoração estampilhada ocorre em grandes contentores; só muito excepcionalmente surge em outros tipos de vasilhas (urna de orelhetas).

Nos fragmentos disponíveis coligimos vinte e quatro estampilhas diferentes com as quais elaborámos um primeiro catálogo de formas (fig. 25):

Estampilhas circulares

1. Círculo ($\varnothing = 0,015$ m).
2. Círculo com pequenos raios ($\varnothing = 0,01$ m).
3. Círculo com grandes raios ($\varnothing = 0,017$ m).
4. Três círculos concêntricos rodeados por círculos de pontos ($\varnothing = 0,025$ m).
5. Círculo contínuo rodeado por círculos de pontos com quatro elementos triangulares, opostos dois a dois, no seu interior ($\varnothing = 0,029$ m).
6. Círculo dividido em quatro quadrantes contendo cada um deles, por sua vez, um pequeno círculo inscrito ($\varnothing = 0,024$ m).
7. Dois círculos concêntricos com motivo floral, constituído por quatro pétalas, inscrito no seu interior ($\varnothing = 0,049$ m).
8. Círculo com quatro quadrantes preenchidos com ângulos sucessivos em aspa ($\varnothing = 0,044$ m).

Estampilhas quadradas

9. Quadrado com diagonais ($h = 0,011$ m).
10. Quadrado com medianas e diagonais ($h = 0,017$ m).
11. Quadrado subdividido pelas medianas, definindo quatro pequenos quadrados, cada um com dois círculos concêntricos ($h = 0,016$ m).
12. Quadrado com suástica flamejante ($h = 0,029$ m).
13. Quadrado com suástica ($h = 0,03$ m).
14. Quadrado subdividido em três áreas, sendo as laterais decoradas com ziguezagues e a interior definindo dois quadrados com as respectivas diagonais ($h = 0,032$ m).

Estampilha oval

15. Forma oval definida por pequenos traços radiais ($h = 0,026$ m).

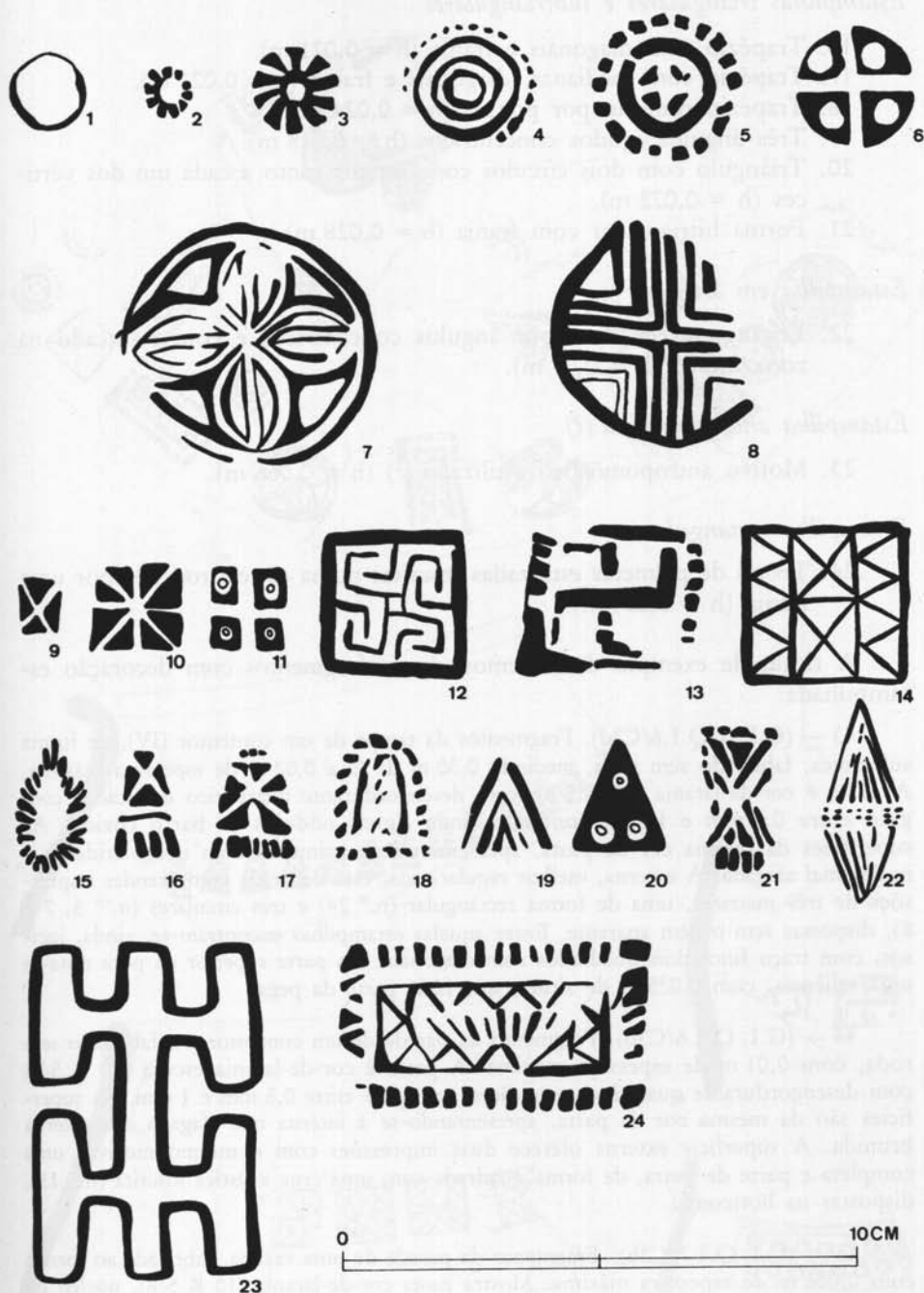


Fig. 25 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Estampilhas.

Estampilhas triangulares e subtriangulares

16. Trapézio com diagonais e franja ($h = 0,021$ m).
17. Trapézio com medianas, diagonais e franja ($h = 0,021$ m).
18. Trapézio rodeado por pontos ($h = 0,024$ m).
19. Três ângulos agudos concêntricos ($h = 0,018$ m).
20. Triângulo com dois círculos concêntricos junto a cada um dos vértices ($h = 0,022$ m).
21. Forma bitriangular com franja ($h = 0,028$ m).

Estampilha em losango

22. Losango preenchido por ângulos concêntricos e com ponteados na zona mesial ($h = 0,04$ m).

Estampilha antropomórfica (?)

23. Motivo antropomórfico estilizado (?) ($h = 0,066$ m).

Estampilha rectangular

24. Teoria de palmetas estilizadas inscritas numa cartela rodeada por uma franja ($h = 0,034$ m).

A título de exemplo descrevemos alguns fragmentos com decoração estampilhada:

43 — (G.I.91-Q.1.6/C3d). Fragmentos da tampa de um contentor (IV), de forma subcônica, fabricado sem roda, medindo 0,30 m de $\varnothing$ e 0,02 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (10 R 5/8), com desengordurante quartzítico e micáceo com grão entre 0,5 mm e 1 mm, contendo ainda alguns nódulos de barro cozido. As superfícies da mesma cor da pasta, apresentando-se a interna com irregularidades e muito mal afagada. A externa, melhor regularizada, está decorada com grandes impressões de três matrizes, uma de forma rectangular (n.º 24) e três circulares (n.ºs 5, 7 e 8), dispostas sem ordem aparente. Entre aquelas estampilhas encontram-se, ainda, incisos, com traço fino, dois quadrados com diagonais. Na parte superior da peça nota-se uma saliência, com 0,025 m de altura, que fazia parte da pega.

44 — (G.I. Q.1.6/C3b). Fragmento da parede de um contentor (?), fabricado sem roda, com 0,01 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja escura (10 R 5/6) com desengordurante quartzítico e micáceo com grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies são da mesma cor da pasta, apresentando-se a interna mal afagada e a externa brunida. A superfície externa oferece duas impressões com o mesmo motivo, uma completa e parte de outra, de forma quadrada com uma cruz suástica inscrita (n.º 13), dispostas na horizontal.

45 — (G.I. Q.1.7/C3b). Fragmento da parede de uma vasilha, fabricada ao torno, com 0,006 m de espessura máxima. Mostra pasta cor-de-laranja (10 R 5/8), núcleo de cor cinzenta (2.5 YR 4/0), com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm e alguns elementos superiores a 1 mm. As superfícies, alisadas, são de cor ligeiramente mais escura que a da pasta. A superfície externa mostra quinze estampilhas iguais, de forma circular (n.º 2), dispostas em duas faixas paralelas horizontais,

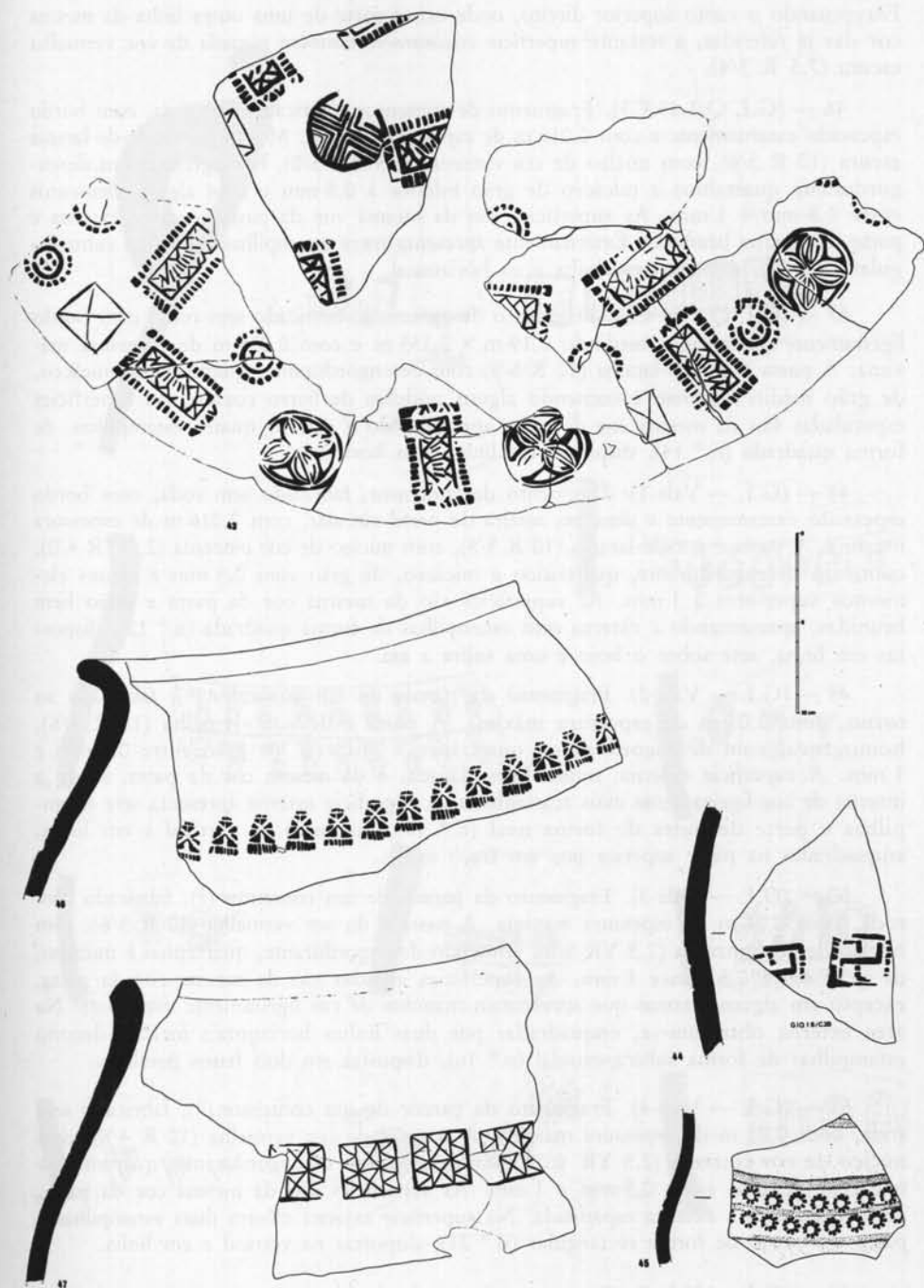


Fig. 26 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica com decoração estampilhada.

enquadradas por linhas pintadas de cor cinzenta (2.5 YR 4/0) com 0,005 m de largura. Exceptuando o canto superior direito, onde existe parte de uma outra linha da mesma cor das já referidas, a restante superfície encontra-se também pintada de cor vermelha escura (7.5 R 3/4).

46 — (G.I. Q.1.19/C3). Fragmento de contentor, fabricado sem roda, com bordo espessado externamente e com 0,015 m de espessura máxima. Mostra pasta cor-de-laranja escura (10 R 5/6), com núcleo de cor cinzenta (2.5 YR 5/0), homogénea, com desengordurante quartzítico e micáceo de grão inferior a 0,5 mm e com alguns elementos entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies são da mesma cor da pasta sendo a externa e parte da interna brunidas. Externamente apresenta treze estampilhas de forma subtriangular (n.º 17), dispostas em linha e na horizontal.

47 — (G.I. Q.1.11/C3). Fragmento de contentor, fabricado sem roda, com bordo ligeiramente demarcado, medindo 0,19 m × 0,155 m e com 0,015 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (10 R 5/8) com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão médio a grosso e contendo alguns nódulos de barro cozido. As superfícies espatuladas são da mesma cor da pasta apresentando a externa quatro estampilhas, de forma quadrada (n.º 14), dispostas em linha e na horizontal.

48 — (G.I. — Vala-1). Fragmento de contentor, fabricado sem roda, com bordo espessado externamente e uma asa inteira de perfil circular, com 0,016 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (10 R 5/8), com núcleo de cor cinzenta (2.5 YR 4/0), contendo desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão com 0,5 mm e alguns elementos superiores a 1 mm. As superfícies são da mesma cor da pasta e estão bem brunidas, apresentando a externa oito estampilhas de forma quadrada (n.º 12), dispostas em linha, sete sobre o bojo e uma sobre a asa.

49 — (G.I. — Vala-2). Fragmento da parede de um contentor (?), fabricado ao torno, com 0,01 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10 R 4/6), homogénea, com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. A superfície externa, muito bem afagada, é da mesma cor da pasta, sendo a interna de cor ligeiramente mais acastanhada. A superfície externa apresenta sete estampilhas e parte de outra de forma oval (n.º 15), dispostas na vertical e em linha, enquadradas na parte superior por um traço inciso.

50 — (G.I. — Vala-3). Fragmento da parede de um contentor (?), fabricado com roda, com 0,01 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10 R 5/6), com núcleo de cor cinzenta (2.5 YR 5/0), contendo desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies alisadas são da mesma cor da pasta, excepto em algumas zonas que apresentam manchas de cor ligeiramente mais clara. Na área externa observam-se, enquadradas por duas linhas horizontais incisas, dezoito estampilhas de forma subtrapezoidal (n.º 16), dispostas em dois frisos paralelos.

51 — (G.I. — Vala-4). Fragmento da parede de um contentor (?), fabricado sem roda, com 0,01 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10 R 4/8), com núcleo de cor cinzenta (2.5 YR 4/0), homogénea, com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies são da mesma cor da pasta, apresentando-se a externa espatulada. Na superfície externa mostra duas estampilhas e parte de outra, de forma rectangular (n.º 21), dispostas na vertical e em linha.

52 — (G.I. — Vala-5). Fragmento da parede de um contentor (?), fabricado com roda, com 0,009 m de espessura máxima. A pasta é cor-de-laranja (2.5 YR 5/6), com núcleo de cor cinzenta (2.5 YR 5/0), homogénea, com desengordurante, quartzítico e

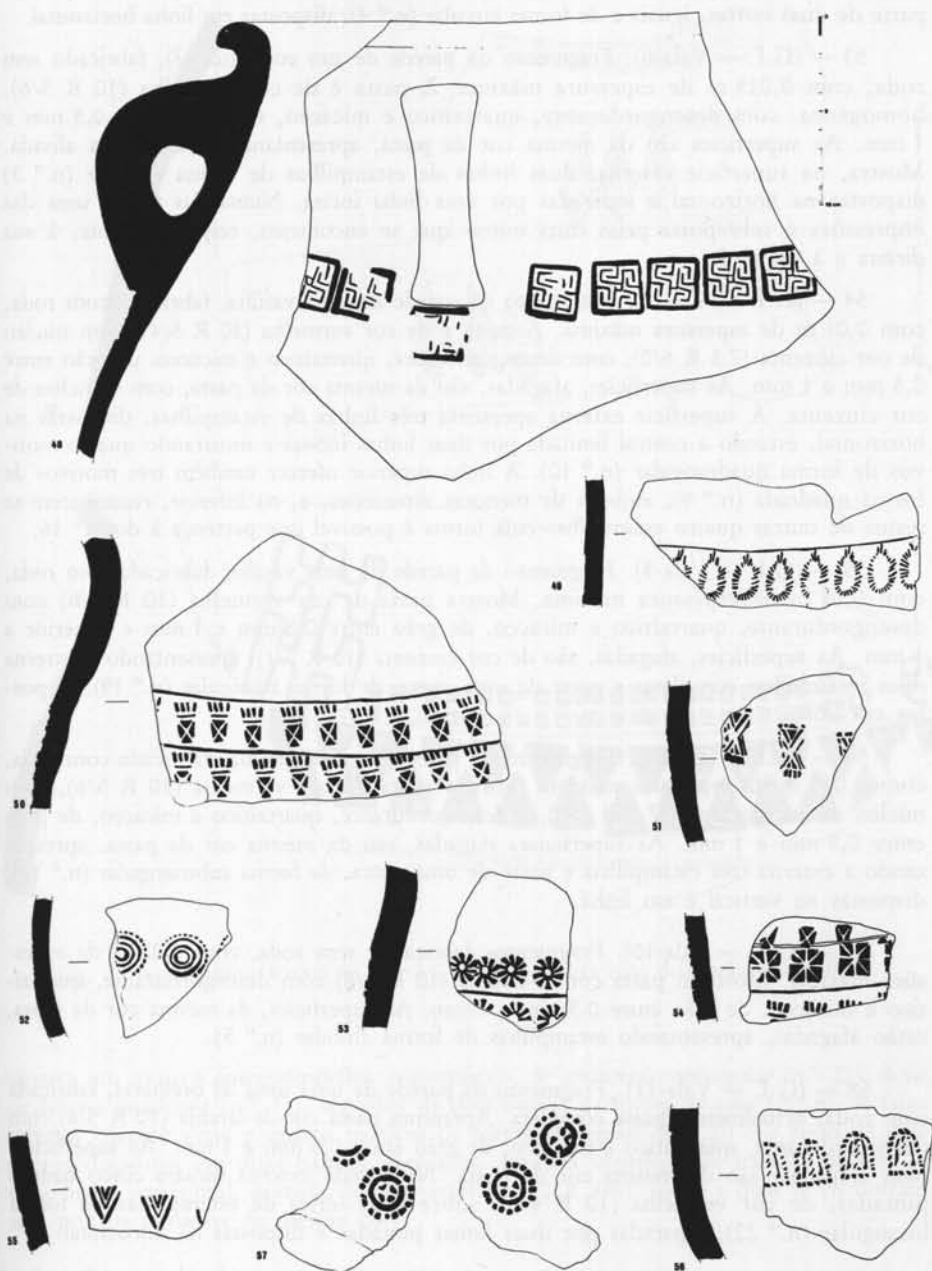


Fig. 27 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica com decoração estampilhada.

micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies são da mesma cor da pasta, sendo a externa espatulada. A superfície externa mostra uma estampilha completa e parte de duas outras, iguais e de forma circular (n.º 4), dispostas em linha horizontal.

53 — (G.I. — Vala-6). Fragmento da parede de um contentor (?), fabricado sem roda, com 0,015 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10 R 5/6), homogénea, com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies são da mesma cor da pasta, apresentando-se a externa alisada. Mostra, na superfície externa, duas linhas de estampilhas de forma circular (n.º 3) dispostas na horizontal e separadas por uma linha incisa. Numa das linhas uma das impressões é sobreposta pelas duas outras que se encontram, respectivamente, à sua direita e à esquerda.

54 — (G.I. — Vala-7). Fragmento da parede de uma vasilha, fabricada com roda, com 0,01 m de espessura máxima. A pasta é de cor vermelha (10 R 5/4), com núcleo de cor cinzenta (7.5 R 6/0), com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies, afagadas, são da mesma cor da pasta, com manchas de cor cinzenta. A superfície externa apresenta três linhas de estampilhas, dispostas na horizontal, estando a central limitada por duas linhas incisas e mostrando quatro motivos de forma quadrangular (n.º 10). A linha superior oferece também três motivos de forma quadrada (n.º 9), embora de menores dimensões, e, na inferior, reconhecem-se restos de outras quatro estampilhas cuja forma é possível que pertença à do n.º 16.

55 — (G.I. — Vala-8). Fragmento da parede de uma vasilha, fabricada com roda, com 0,01 m de espessura máxima. Mostra pasta de cor vermelha (10 R 5/6) com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm e superior a 1 mm. As superfícies, afagadas, são de cor cinzenta (10 R 5/1); apresentando a externa duas estampilhas completas e parte de uma outra, de forma triangular (n.º 19), dispostas em linha.

56 — (G.I. — Vala-9). Fragmento da parede de uma vasilha, fabricada com roda, com 0,015 m de espessura máxima. Mostra pasta de cor vermelha (10 R 5/6), com núcleo de cor cinzenta (7.5 R 6/0), e desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies, afagadas, são da mesma cor da pasta, apresentando a externa três estampilhas e parte de uma outra, de forma subtriangular (n.º 18), dispostas na vertical e em linha.

57 — (G.I. — Vala-10). Fragmentos fabricados sem roda, com 0,02 m de espessura máxima. Mostram pasta cor-de-laranja (10 R 5/8) com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies, da mesma cor da pasta, estão afagadas, apresentando estampilhas de forma circular (n.º 5).

58 — (G.I. — Vala-11). Fragmento da parede de uma urna de orelhetas, fabricada com roda, actualmente quase completa. Apresenta pasta cor-de-laranja (10 R 5/8) com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão entre 0,5 mm e 1 mm. As superfícies, bem afagadas, são da mesma cor da pasta. Na parede externa mostra cinco bandas pintadas, de cor vermelha (10 R 4/6), sobre duas séries de estampilhas de forma losangular (n.º 22); separadas por duas linhas pintadas e dispostas na horizontal.

59 — (G.I. — Vala-12). Fragmento da parede de uma grande vasilha, fabricada sem roda. A pasta é cor-de-laranja (10 R 5/8) com desengordurante, quartzítico e micáceo, de grão médio e contendo, ainda, alguns nódulos de barro cozido. As superfícies, alisadas, são da mesma cor da pasta. A superfície externa está decorada com duas faixas horizontais de estampilhas separadas por uma linha incisa. A faixa superior

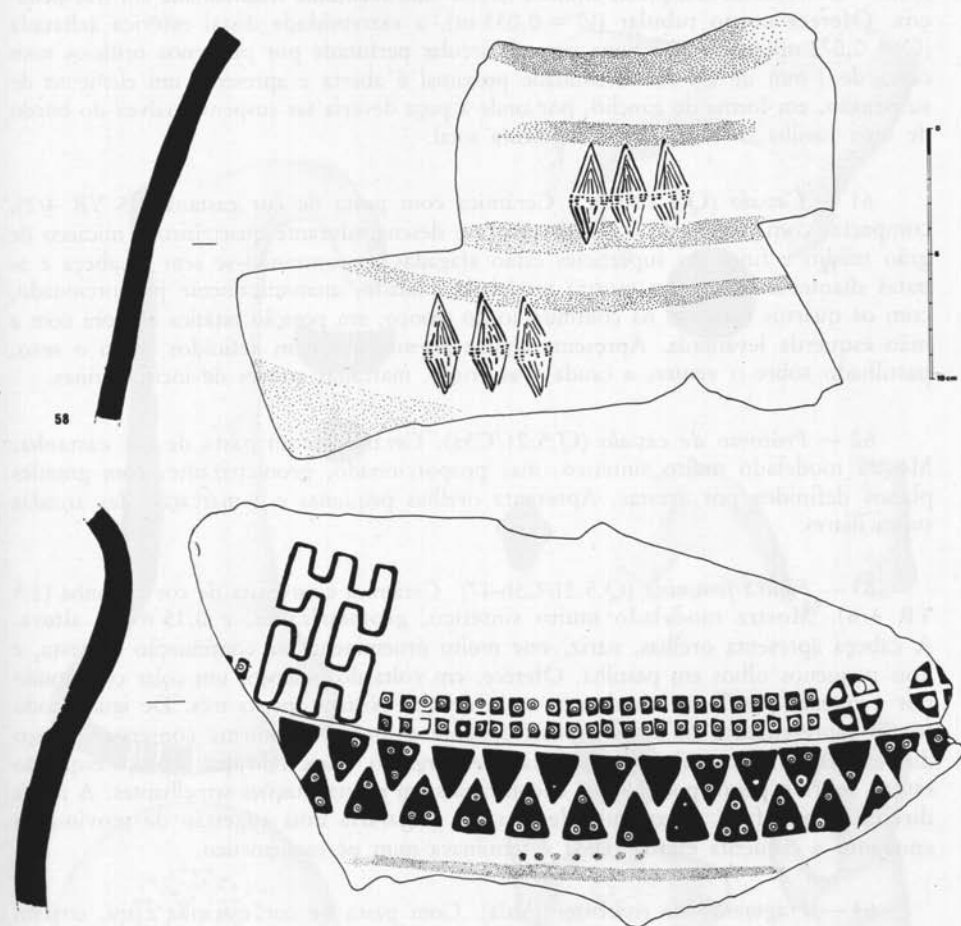


Fig. 28 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Cerâmica com decoração estampilhada.

mostra um motivo antropomórfico esquemático, de contorno rectangular (n.º 23), doze de forma quadrada (n.º 11), seguidos de dois outros de forma circular (n.º 6). A faixa inferior oferece vinte e quatro motivos de forma triangular (n.º 20) e o resto de dois outros dispostos em duas bandas alternadas. Junto à superfície de fractura observa-se uma linha horizontal, pintada de cor vermelha (10 R 4/6), sobre a qual se encontram sete pontos pintados da mesma cor.

4.8. Peças coroplásticas

Consideramos, desde já, as seguintes peças coroplásticas:

60 — *Aspergillus* (Q.1.14/C3c). Cerâmica com pasta cor-de-laranja (10 R 5/6), compacta, com núcleo cinzento e desengordurante quartzítico e micáceo de grão fino.

A superfície exterior, mal regularizada, mostra tratamento brunido, de aspecto brilhante. Encontra-se completa, embora tivesse sido recolhida fragmentada em três pedaços. Oferece corpo tubular ($\varnothing = 0,033$ m), a extremidade distal esférica achatada ($\varnothing = 0,072$ m), com uma zona central circular perfurada por pequenos orifícios com cerca de 1 mm de $\varnothing$. A extremidade proximal é aberta e apresenta um elemento de suspensão, em forma de gancho, por onde a peça deveria ser suspensão, talvez do bordo de uma vasilha. Mede 0,158 m de altura total.

61 — *Cavalo* (Q.1.13/C3c). Cerâmica com pasta de cor castanha (5 YR 4/2), compacta, com núcleo de cor mais escura e desengordurante quartzítico e micáceo de grão médio e fino. As superfícies estão afagadas, encontrando-se sem a cabeça e as patas dianteiras. O corpo mostra modelado cuidado, anatomicamente proporcionado, com os quartos traseiros na continuação do tronco, em posição estática embora com a mão esquerda levantada. Apresenta alguns pormenores bem definidos como o sexo, pastilhado sobre o ventre, a cauda e as crinas, marcadas através de incisões finas.

62 — *Prótomo de cavalo* (Q.5.21/C5a). Cerâmica com pasta de cor castanha. Mostra modelado muito sintético, mas proporcionado, geometrizar, com grandes planos definidos por arestas. Apresenta orelhas pequenas e a marcação das arcadas supraciliares.

63 — *Figura feminina* (Q.5.21/C5b-17). Cerâmica com pasta de cor castanha (2.5 YR 4/6). Mostra modelado muito sintético, geometrizar, e 0,15 m de altura. A cabeça apresenta orelhas, nariz, este muito proeminente na continuação da testa, e dois pequenos olhos em pastilha. Oferece, em volta do pescoço, um colar constituído por pequenas pastilhas, inicialmente sete, de que existem apenas três. De igual modo foram representados os seios e possivelmente o umbigo. Somente conserva o braço direito, com a mão muito esquemática e semierguido, parecendo que o braço esquerdo estaria sobre o peito; posição que encontramos em representações semelhantes. A perna direita, a que falta a extremidade e o pé, mostraria uma sugestão de movimento enquanto a esquerda estaria rígida e terminava num pé esquemático.

64 — *Fragmento de contentor* (Vala). Com pasta de cor castanha clara, contém porção do bordo e uma figura modelada, antropomórfica e masculina, com 0,143 m de altura, que poderá ter servido de asa. A figura, de modelado sintético, está de pé com os braços e as pernas afastadas, apoiando o queixo no bordo do vaso e olhando o seu interior. A cabeça, mais cuidada, oferece sobre a fronte os restos de um toucado, nariz proeminente na continuação da testa, boca representada por um pequeno traço inciso e dois olhos em pastilha. O fragmento mostra, ainda, a parede exterior com um engobe de cor vermelha escura, decorada por uma linha de estampilhas dispostas em banda, à altura das pernas do personagem masculino, entre duas linhas horizontais incisas. Sobre as estampilhas reconhecem-se teorias de círculos concêntricos pintados de cor vermelha.

38 — *Urna de orelhetas* (Vala). Já referida anteriormente. A tampa, de forma cónica, termina numa pega representando uma cabeça antropomórfica. Sobre a cabeça reconhece-se um toucado, em forma de leque, na continuação da fronte. A face mostra nariz proeminente e largo, olhos circulares, grandes, representados por incisão, e boca com lábios salientes. O corpo da peça está decorado por séries de estampilhas, de forma losangular, que alternam com bandas e redes pintadas de cor vermelha escura. Mostra duas orelhetas, opostas, na direcção das asas que são decoradas com pastilhas.

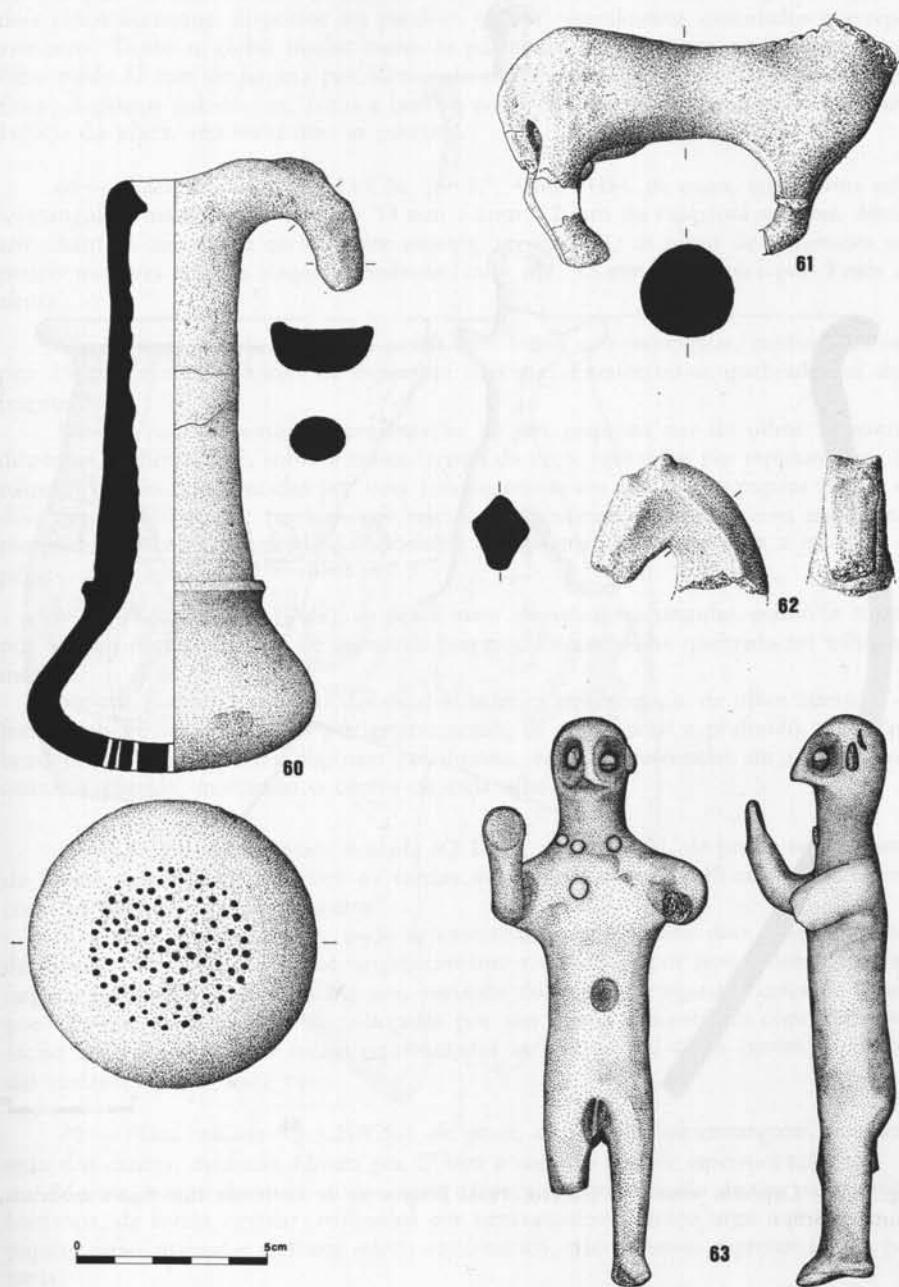


Fig. 29 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Peças coroplásticas: 60 — *aspergillus*; 61 — fragmento de cavalo; 62 — prótopo de cavalo; 63 — figura feminina.

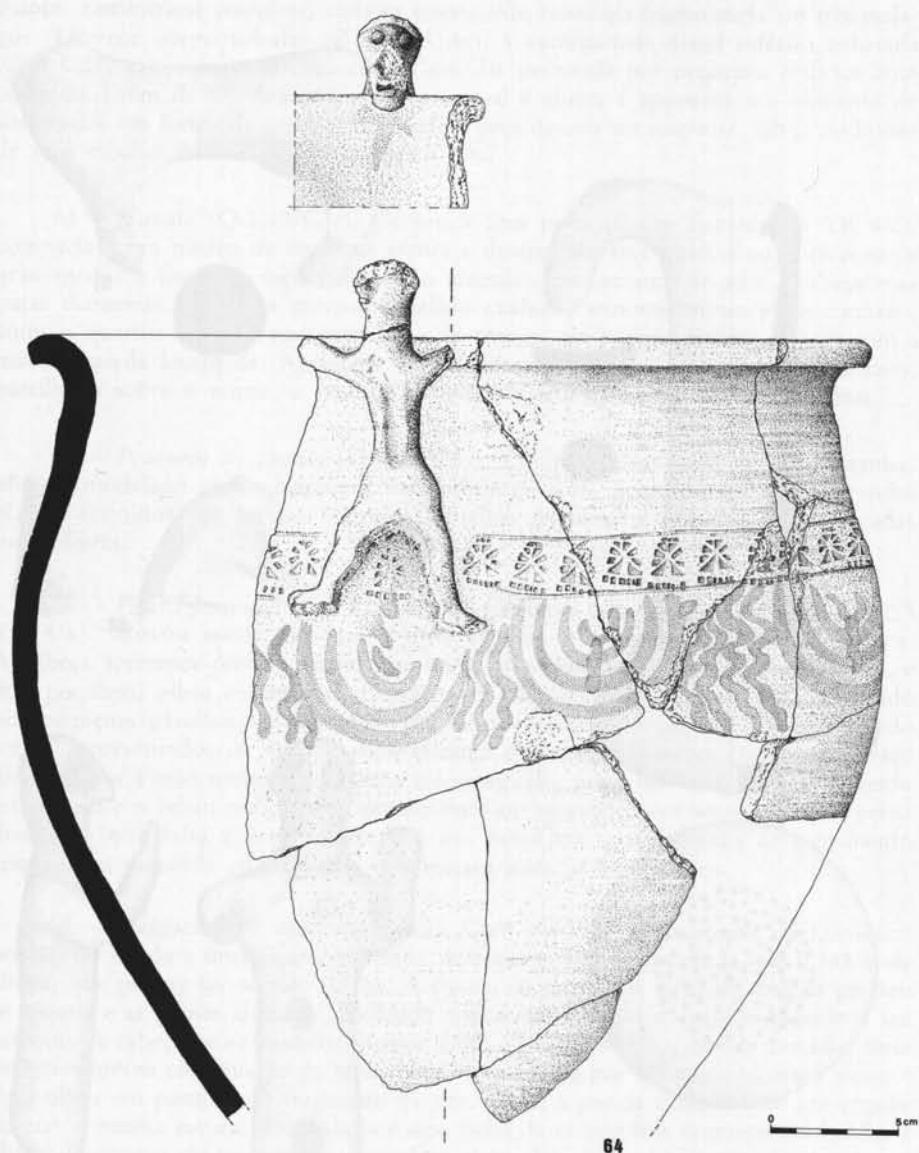


Fig. 30 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Fragmento de contentor com figura modelada, antropomórfica.

5. Espólio metálico

A campanha de escavações de 1982 no depósito votivo de Garvão permitiu exumar os seguintes artefactos metálicos de que destacamos, pela sua raridade e importância cultural, as placas oculadas de prata e de ouro:

65 — *Placa oculada* (Q.1.19/C3b), de ouro, com forma sub-rectangular, medindo 42 mm por 13 mm e com 0,2 mm de espessura máxima. Mostra a representação de dois olhos humanos, dispostos em paralelo, unidos centralmente, executados por repuxamento. Tanto o globo ocular como as pálpebras são de forma amendoada. Cada olho mede 17 mm de largura por 10 mm de altura e em seu redor encontram-se traços finos, dispostos radialmente, feitos a buril, a partir do reverso, ocupando todo o restante espaço da placa, representando as pestanas.

66 — *Placa oculada* (Q.1.23/C3a, pl. 2.º, Conj. 115), de ouro, com forma sub-rectangular, medindo 42 mm por 13 mm e com 0,2 mm de espessura máxima. Muito semelhante à descrita anteriormente mostra, no entanto, os olhos de dimensões um pouco menores que os daquela medindo, cada um, 15 mm de largura por 9 mm de altura.

67 — *Placa oculada* (Vala), de prata, com forma sub-rectangular, medindo 52 mm por 25 mm e com 0,3 mm de espessura máxima. Encontrou-se quebrada em dois fragmentos.

Mostra centralmente a representação de um pequeno par de olhos humanos, dispostos na horizontal, sobre a maior largura da peça, realizados por repuxamento. As pálpebras estão representadas por uma linha contínua em relevo e as pupilas através de dois pequenos pontos, também em relevo. As pestanas, realizadas com traço fino, mostram dimensões exageradas, dispõem-se radialmente, e ocupam toda a extensão da peça.

68 — *Placa oculada* (Vala), de prata, com forma sub-rectangular, medindo 70 mm por 30 mm e com 0,3 mm de espessura máxima. Encontrou-se quebrada em três fragmentos.

Mostra, junto a cada uma das extremidades, a representação de olhos humanos de forma subcircular, realizados por repuxamento, de traço largo e profundo. As pálpebras, com pestanas curtas dispostas radialmente, estão representadas em relevo, assim como as pupilas, marcando o centro de cada olho.

69 — *Fragmento de placa oculada* (Q.2/ext. ao depósito), de prata, originalmente de forma sub-rectangular, com os cantos quebrados, medindo 45 mm por 26 mm e com 0,5 mm de espessura máxima.

É a área mesial da peça, onde se encontram representados dois olhos humanos, de forma subcircular, dispostos tangencialmente e realizados por repuxamento, de traço largo e profundo, medindo cada um, segundo dois eixos ortogonais, cerca de 23 mm por 18 mm. As pupilas estão marcadas por um relevo semiesférico com um ponto inciso centralmente. Não foram representadas as pestanas tal como ocorre na maioria das restantes peças deste tipo.

70 — *Placa oculada* (Q.5.21/C5a), de prata, com forma sub-rectangular, fracturada num dos cantos, medindo 42 mm por 27 mm e com 0,5 mm de espessura máxima.

Mostra, ocupando quase toda a área da peça, a representação de um par de olhos humanos, de forma circular, realizados por repuxamento de traço largo e profundo. As pupilas estão marcadas por um relevo semiesférico, não se tendo representado as pestanas.

71 — *Placa oculada* (Q.1.19/C3a), de prata, com forma subtriangular, medindo 45 mm de altura, 25 mm na maior largura, e 0,5 mm de espessura máxima.

Mostra numa das extremidades uma pequena dobra e na área mesial a representação de um par de olhos humanos, de forma subcircular, dispostos em paralelo e na

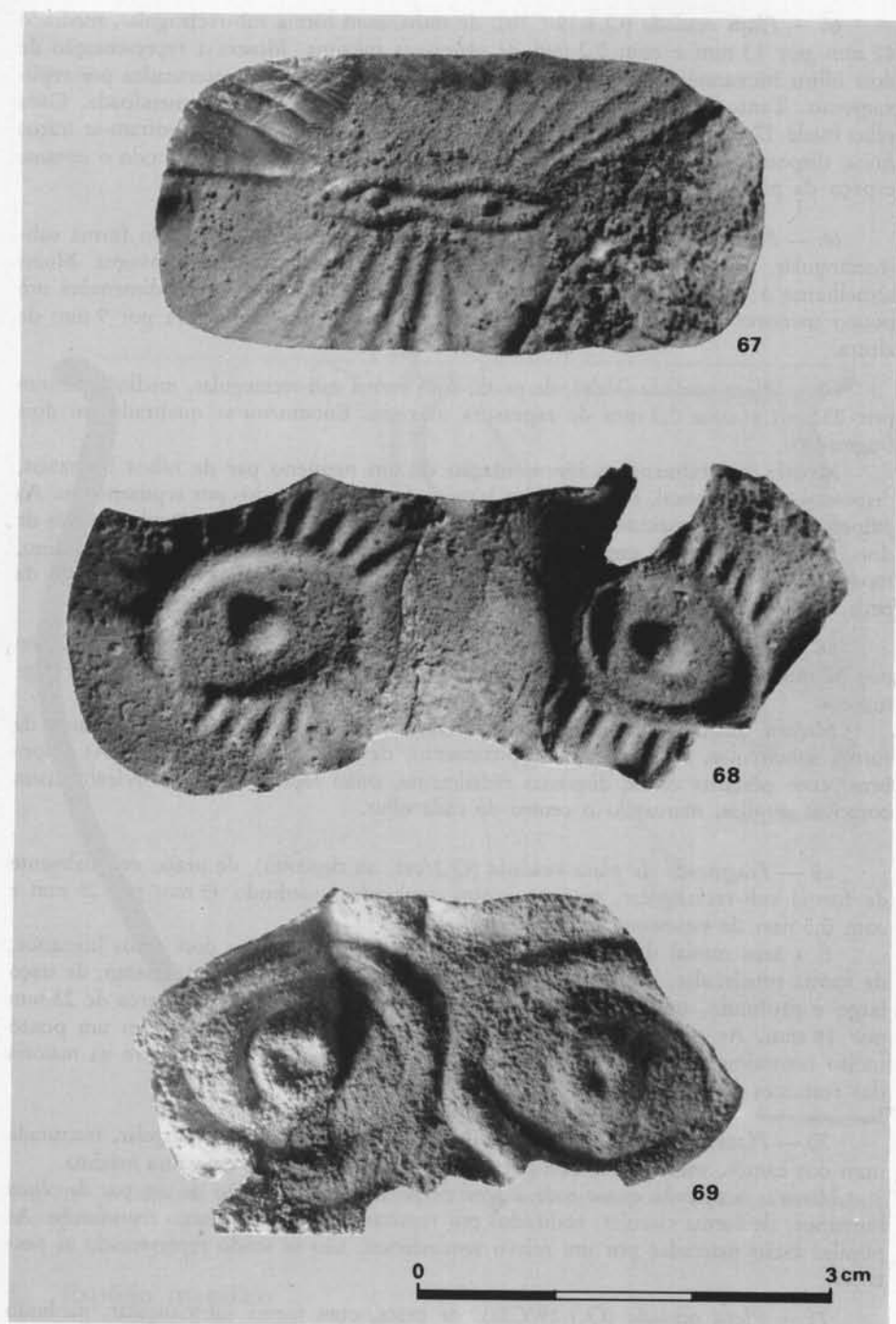


Fig. 31 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Placas oculadas de prata. Ampliado ca. 2x.

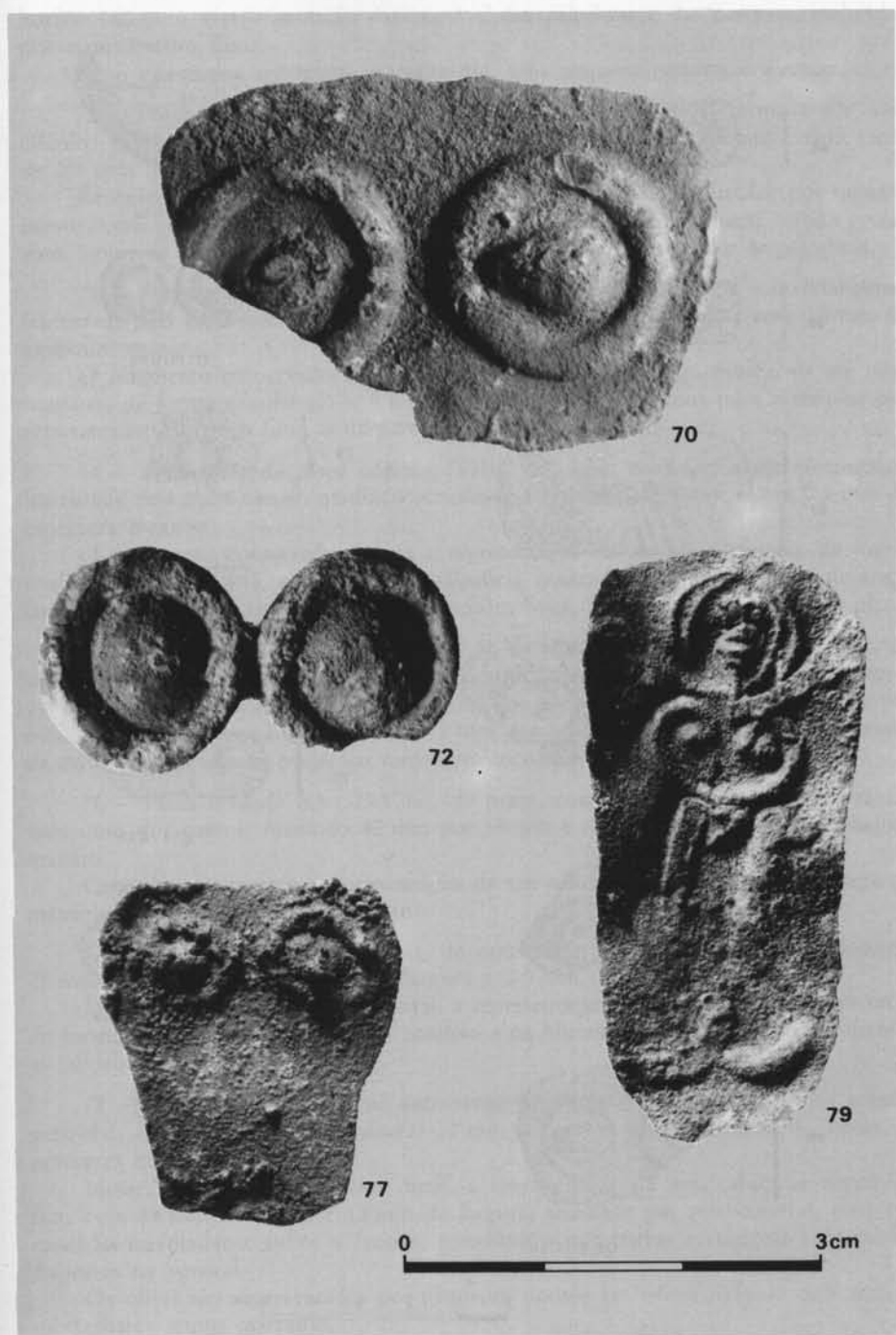


Fig. 32 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Placas de prata, oculadas (n.ºs 70, 72 e 77) e com representação antropomórfica (n.º 79). Ampliado ca. 2x.

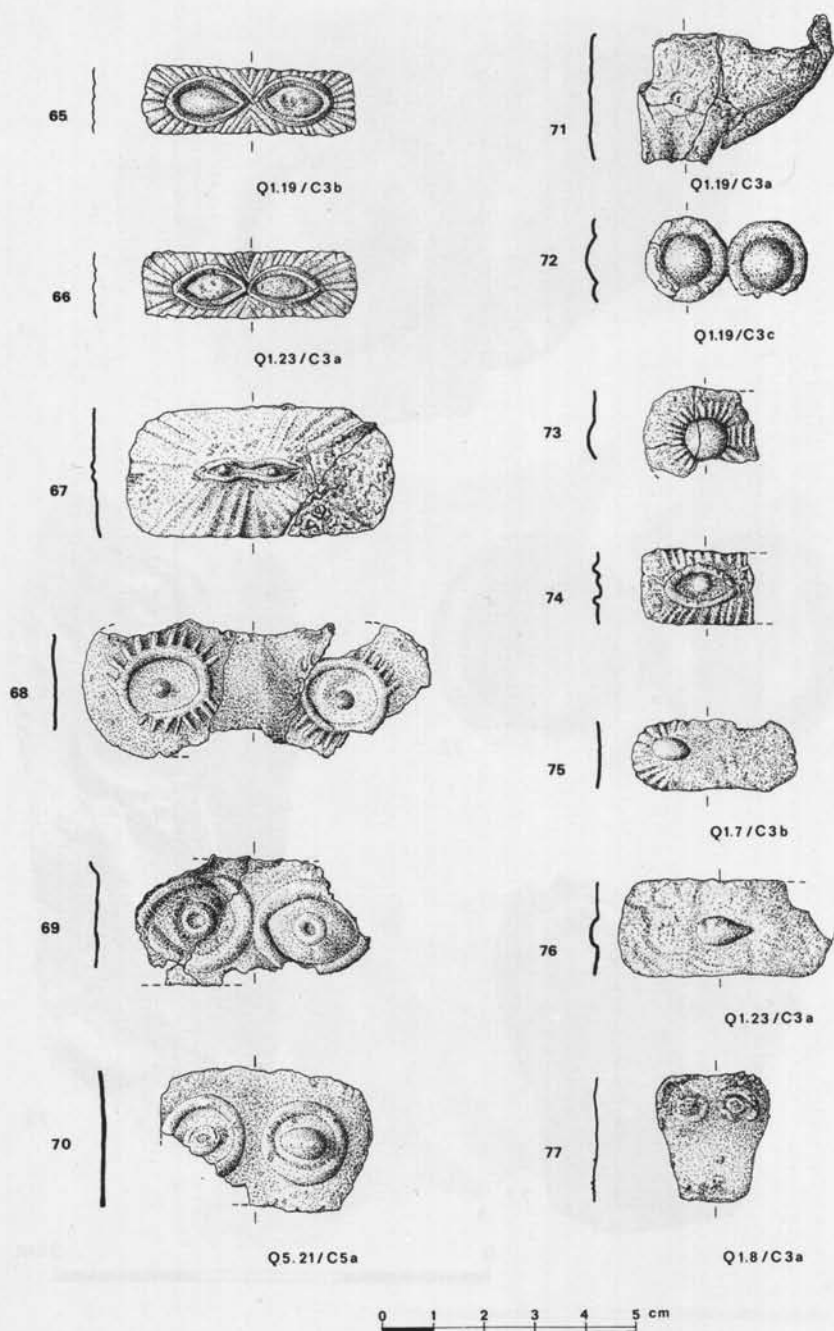


Fig. 33 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Placas de prata oculadas.

horizontal, com a representação das pupilas, das pálpebras e das pestanas, realizadas por repuxamento fino.

Num dos topos apresenta, centralmente, uma pequena perfuração circular.

72 — *Placa oculada* (Q.1.19/C3c, pl. 3), de prata, recortada, formada por dois círculos geminados, ligeiramente fracturada, medindo 31 mm por 16 mm e com cerca de 0,5 mm de espessura máxima.

Representa um par de olhos humanos, de forma circular, realizados por repuxamento, com globo ocular de forma quase semiesférica, rodeado por uma coroa circular com 3 mm de largura e de perfil convexo, parecendo-nos reproduzir as pálpebras.

73 — *Fragmento de placa oculada* (Vala), de prata, com forma sub-rectangular, fracturada pela zona mesial, medindo actualmente 22 mm por 17 mm e com 0,3 mm de espessura máxima.

O fragmento conservado mostra a representação, muito esquemática, de um olho humano, de forma circular ($\varnothing = 8$ mm), de onde partem pequenos raios realizados por repuxamento de traço fino, mais parecendo uma figura solar.

74 — *Fragmento de placa oculada* (Vala), de prata, com forma sub-rectangular, fracturada pela zona mesial, medindo actualmente 22 mm por 14 mm e com 0,3 mm de espessura máxima.

O fragmento conservado mostra a representação de um olho humano, de forma oval (15 mm $\times$ 9 mm), com pupila e pálpebras realizadas por repuxamento de traço largo, sendo as pestanas marcadas por incisões finas, ocupando toda a área da placa.

75 — *Placa oculada* (Q.1.7/C3b, pl. 2.^o), de prata, com forma sub-rectangular, de cantos arredondados, fracturada num dos bordos, medindo 33 mm de altura, 13 mm e 0,5 mm de espessura máxima. Perto de um dos topos mostra a representação de um olho humano, de forma oval, medindo 7 mm por 4,5 mm, realizada por repuxamento, de onde partem alguns pequenos raios com incisão muito fina.

76 — *Placa oculada* (Q.1.23/C3a), de prata, com forma sub-rectangular, fracturada num dos cantos, medindo 42 mm por 19 mm e com cerca de 1 mm de espessura máxima.

Centralmente mostra a representação de um olho humano, realizada por repuxamento, com 12 mm de comprimento.

77 — *Placa oculada* (Q.1.8/C3a), de prata, com forma subtrapezoidal, medindo 25 mm de altura, 22 mm na maior largura e 0,5 mm de espessura máxima.

Mostra, junto à extremidade distal, a representação de um par de olhos humanos, de forma subcircular, dispostos em paralelo e na horizontal, com os globos oculares e as pálpebras (sem pestanas).

78 — *Placa com representação antropomórfica* (Vala), de prata, com forma subtrapezoidal, medindo 53 mm de altura, 30 mm na maior largura e cerca de 1 mm de espessura máxima.

Mostra, centralmente na área distal, a representação de uma cabeça antropomórfica, com 18 mm de altura e 13 mm de largura, realizada por repuxamento, com um toucado ou diadema sobre a fronte, constituído por barras rectangulares paralelas dispostas na vertical.

Os olhos são representados por pequenos pontos em relevo rodeados por arcadas sobreciliares muito marcadas.

O nariz é largo, a boca pequena e linear. Na área correspondente ao peito vêem-se dois traços, quase paralelos, talvez representando um colar, quebrados na extremidade inferior, onde parecem suspender um objecto de forma subcircular.

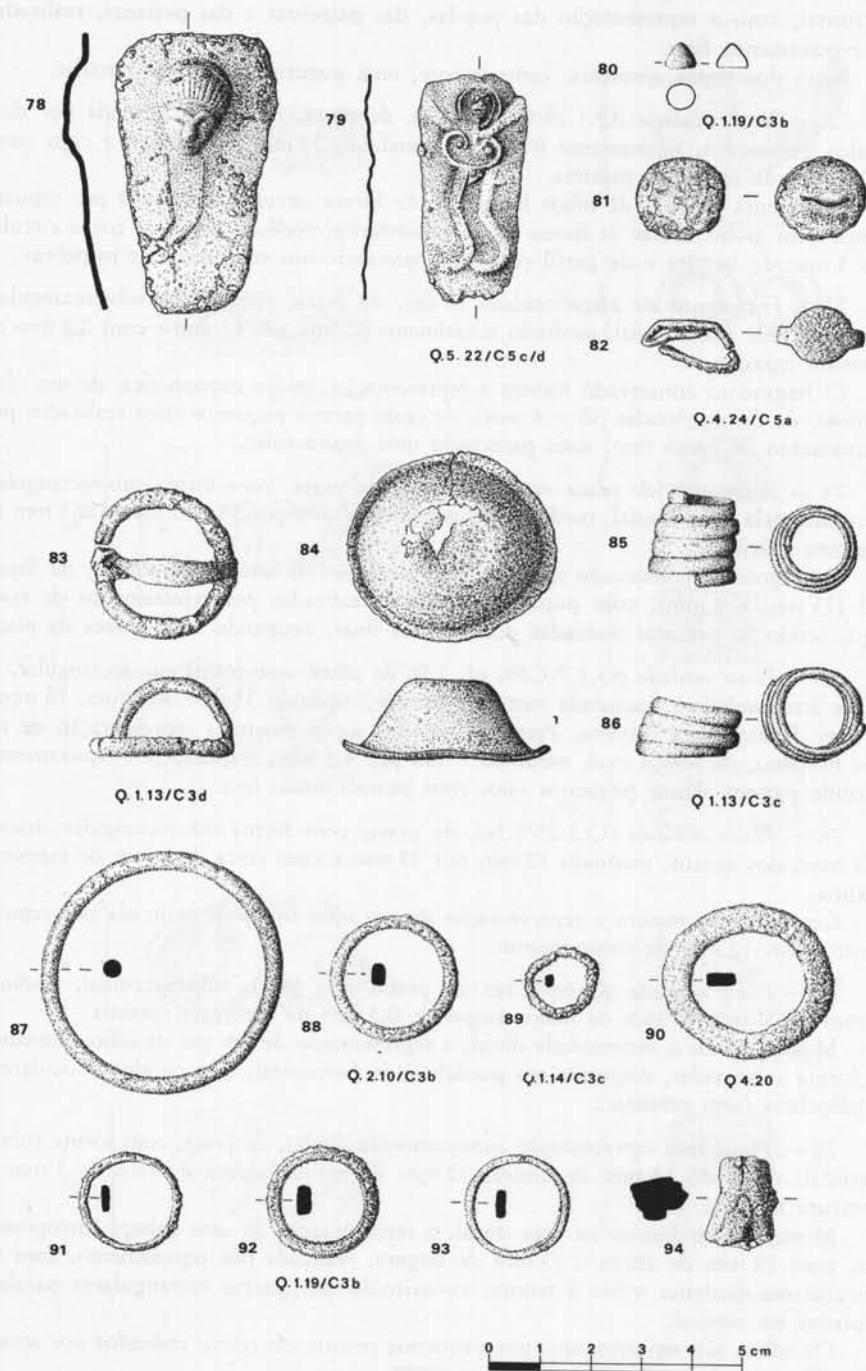


Fig. 34 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Placas de prata com representação antropomórfica (n.ºs 78 e 79) e objectos de bronze.

79 — *Placa com representação antropomórfica* (Q.5.22/C5c/d, conj. 28), de prata, com forma subtrapezoidal, de cantos arredondados, medindo 44 mm de altura, 21 mm de largura máxima e, aproximadamente, 0,5 mm de espessura.

Mostra, a toda a altura, uma figura antropomórfica de pé, muito esquemática, realizada por repuxamento.

A cabeça, onde se reconhece a marcação dos olhos e da boca, apresenta forma circular. Na extremidade distal está aberto um pequeno orifício circular. O tronco foi representado por uma forma em arco de círculo, enrolado nas pontas ou em voluta, correspondendo as extremidades aos mamilos.

Os braços aparecem representados linearmente, erguidos à altura da cabeça, na denominada “posição do orante”.

Às pernas e aos pés correspondem traços ondulados quase paralelos. Poderá tratar-se da representação de uma divindade semelhante às que encontramos tanto na arte rupestre como decorando cerâmicas e objectos metálicos da Idade do Ferro.

80 — *Aplicação* (Q.1.19/C3b), de ouro, com forma cónica, oca, medindo 6 mm de diâmetro na base e com 5 mm de altura.

81 — *Moeda* (Vala), de prata, pertence à oficina de Gades, com 17 mm de diâmetro máximo, 2 mm de espessura e 2,5(?) g de peso. No anverso, muito deteriorado, reconhece-se a representação da cabeça de Hércules-Melkart, toucado com a pele de leão.

O reverso mostra, centralmente, um atum, voltado para o lado direito, sobre o qual se vêem quatro signos, quase ilegíveis, de uma legenda púnica. O conjunto é rodeado por uma gráfila de pontos.

Parece tratar-se de uma hemidracma (2,5 g?) cunhada na segunda metade do século III a.C.

82 — *Anel* (Q.4.24/C5a, conj. 34), de prata, fragmentado em duas partes, apresenta um engaste circular com 12 mm de Ø.

83 — *Fíbula anular* (Q.1.13/C3d-12), de prata. O aro é constituído por um toro com 4 mm de secção e 30 mm de diâmetro. A ponte, laminar com 5 mm de largura, mostra perfil semicircular medindo o seu arco 14 mm de altura. Não foi encontrada a agulha.

84 — *Címbalo* (Vala), de prata, com forma troncocónica, cujos diâmetros medem 42 mm e 20 mm e com 16 mm de altura.

Uma coroa circular, com 5 mm de rebordo, envolve a zona aberta da peça. Mostra na base algumas perfurações muito pequenas, certamente para a sua aplicação através de uma linha.

85 — *Anel* (Vala), de prata, constituído por um enrolamento em espiral, com 5 voltas de um fio de secção sub-rectangular, medindo 3 mm por 1 mm. Tanto o Ø ext. da peça como a sua altura medem 16 mm.

86 — *Anel* (Q.1.13/C3c-8), de prata, constituído por um enrolamento em espiral com 4 voltas, de um fio de secção subcircular com 3 mm de Ø. Mede 12 mm de Ø interno.

87 — *Bracelete* (?) (Vala), prata, com secção circular (Ø = 3 mm) e 47 mm de Ø externo.

88 — *Argola* (Q.2.10/C3b), de prata, com secção circular (Ø = 2,5 mm) e 25 mm de Ø externo.

89 — *Argola ou anel* (Q.1.14/C3c), prata, com secção circular ($\varnothing = 2$ mm) e 14 mm de $\varnothing$ externo.

90 — *Argola* (Q.4.20/Conj. 9.6), prata, com secção sub-rectangular (2 mm $\times$ 5 mm) e 33 mm de $\varnothing$ externo.

91 — *Anel* (Vala), prata, com secção rectangular (5 mm $\times$ 1 mm) e 20 mm de $\varnothing$ externo.

92 — *Anel* (Q.1.19/C3b), prata, com secção rectangular (5 mm $\times$ 2 mm) e 22 mm de $\varnothing$ externo.

93 — *Anel* (Q.1.19/C3c), prata, com secção rectangular (5 mm $\times$ 2 mm) e 21 mm de $\varnothing$ externo.

94 — *Fragmento de lingote* (?) (Q.1.14/C3), de prata, com forma sub-paralelepipedica, medindo 17 mm de comprimento, 12 mm de largura e 8 mm de espessura máxima.

95 — *Fragmento de fibula* (Q.4). Porção correspondente ao arco, de bronze, com 35 mm de $\varnothing$. Apresenta secção subtrapezoidal com 8 mm de largura máxima e 5 mm de espessura. A superfície superior do arco está decorada com duas incisões muito finas paralelas ao bordo. Mede 40 mm de comprimento máximo.

96 — *Fragmento de fibula* (Q.4). Porção correspondente ao pé, de bronze, composto por uma haste de secção sub-rectangular terminando num elipsóide achatado encimado por duas pequenas esferas geminadas. Mede 40 mm de comprimento máximo.

97 — *Fragmento de fibula* (Q.1.11). Porção correspondente ao pé, de bronze, com uma haste de secção sub-rectangular, terminando numa composição de três volumes bitroncocónicos, um deles decorado com pequenas incisões, encimada por uma esfera. Mede 30 mm de comprimento máximo.

98 — *Aplicação* (Q.4.23/C5 a/b) de bronze, cónica, oca no centro. Mede 5 mm de altura e 5 mm de $\varnothing$ máximo.

6. Espólio lítico

Como ex-votos de pedra, assinalamos:

99 — *Conta* (Q.1.19/C3b), de cornalina, com forma esférica achatada, mede 5 mm de $\varnothing$ máximo e 3 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

100 — *Conta* (Q.1.19/C3b), de cornalina, com forma esférica achatada, mede 5 mm de $\varnothing$ máximo e 3 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

101 — *Conta* (Q.1.19/C3b), de cornalina, com forma esférica achatada, mede 5 mm de $\varnothing$ máximo e 3 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

102 — *Conta* (Q.1.19/C3b), de cornalina, com forma cilíndrica, mede 4 mm de $\varnothing$ máximo e 5 mm de comprimento. A perfuração é cónica.

103 — *Conta* (Q.1.12/C3c), de cornalina, com forma cilíndrica, mede 11 mm de $\varnothing$ máximo e 5 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

104 — *Conta* (Vala), de cornalina, com forma cilíndrica, mede 8 mm de $\varnothing$ máximo e 3 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

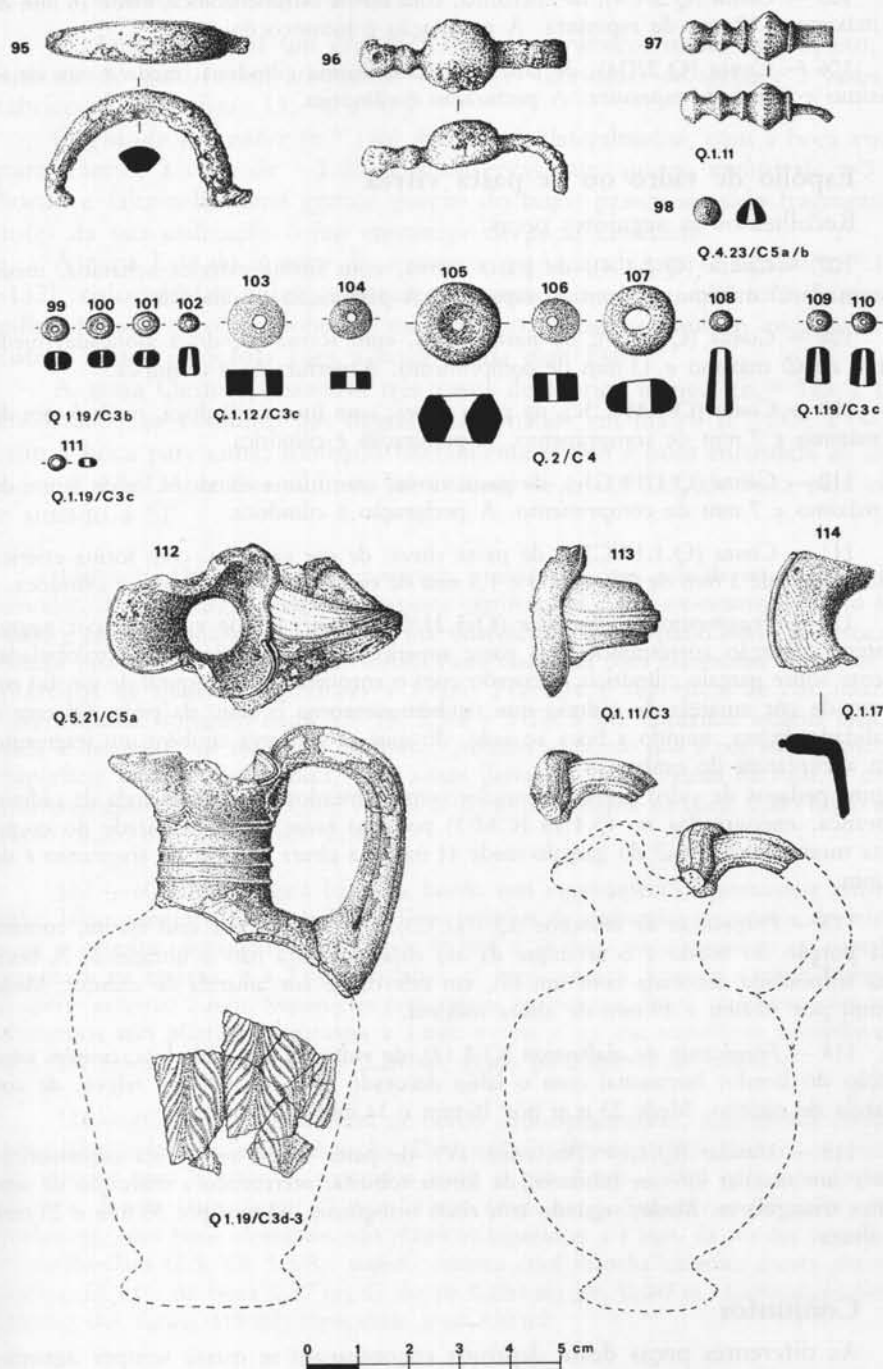


Fig. 35 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Objectos de bronze (n.ºs 95 a 98) e objectos de vidro.

105 — *Conta* (Q.2/C4), de cornalina, com forma bitroncocónica, mede 16 mm de Ø máximo e 10 mm de espessura. A perfuração é bitroncocónica.

106 — *Conta* (Q.2/C4), de cornalina, com forma cilíndrica, mede 9 mm de Ø máximo e 5 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

7. Espólio de vidro ou de pasta vítrea

Recolhemos as seguintes peças:

107 — *Conta* (Q.2/C4), de pasta vítrea, com forma esférica achatada, mede 14 mm de Ø máximo e 7 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

108 — *Conta* (Q.2/C4), de pasta vítrea, com forma cilíndrica alongada, mede 5 mm de Ø máximo e 13 mm de comprimento. A perfuração é cilíndrica.

109 — *Conta* (Q.1.19/C3c), de pasta vítrea, com forma cilíndrica, mede 5 mm de Ø máximo e 7 mm de comprimento. A perfuração é cilíndrica.

110 — *Conta* (Q.1.19/C3c), de pasta vítrea, com forma cilíndrica, mede 5 mm de Ø máximo e 7 mm de comprimento. A perfuração é cilíndrica.

111 — *Conta* (Q.1.19/C3c), de pasta vítrea, de cor castanha, com forma esférica achatada, mede 3 mm de Ø máximo e 1,5 mm de espessura. A perfuração é cilíndrica.

112 — *Fragmento de oinochoe* (Q.5.21/C5a, conj. 8), de vidro de cor negra, contém a porção correspondente à parte superior da peça. Mostra boca trilobulada, assente sobre gargalo cilíndrico, decorado com o enrolamento em espiral de um fio em relevo de cor amarela de cádmio que também contorna o lábio da peça. Oferece a totalidade da asa, unindo a boca ao colo, do qual se conserva também um fragmento com a curvatura do ombro.

Alguns pedaços de vidro negro, decorados com plumeados de cores amarela de cádmio e branca, encontrados no Q.1.19 (C3d-3) poderão fazer parte da parede do corpo desta mesma peça. O Ø do gargalo mede 11 mm e a altura máxima do fragmento é de 54 mm.

113 — *Fragmento de oinochoe* (Q.1.11/C3), de vidro de cor azul escura, contém uma porção do bordo e o arranque da asa cuja curvatura não o ultrapassa. A boca seria trilobulada decorada com um fio, em relevo, de cor amarela de cádmio. Mede 25 mm por 30 mm e 19 mm de altura máxima.

114 — *Fragmento de alabastron* (Q.1.17), de vidro de cor azul clara, contém uma porção do bordo; horizontal com o lábio decorado com um fio, em relevo, de cor amarela de cádmio. Mede 23 mm por 16 mm e 14 mm de altura.

115 — *Maxilar* (Q.1.19/C3b, conj. IV), de pasta vítrea, representa esquematicamente um maxilar inferior humano, de forma robusta, oferecendo a marcação de sete dentes triangulares. Mede, segundo três eixos ortogonais, 45 mm por 35 mm e 23 mm de altura.

8. Conjuntos

As diferentes peças deste depósito encontravam-se quase sempre agrupadas em *conjuntos*, especialmente bem definidos na C.3c/5c onde eram formados por grandes contentores e respectivo conteúdo. A título de exemplo apresentaremos dois destes conjuntos.

8.1. *Conjunto V do Q.1.11/C.3c*

É constituído por um grande recipiente cerâmico, muito incompleto, no interior do qual foram arrumadas 16 tigelas fabricadas ao torno e 3 vasos de fabrico manual (figs. 13, 36 e 37).

O *grande contentor* (n.º 116) foi deitado lateralmente, com a boca virada para Oeste, à cota de -3,05 m. Conservava um pouco menos de 1/3 do bordo e faltava-lhe uma grande porção do bojo; parece ter sido fragmentado antes da sua utilização como contentor de peças cerâmicas.

A zona Este do interior do contentor era ocupada por 12 tigelas (n.ºs 117-132), colocadas de cutelo e encaixadas umas nas outras, que formavam uma pilha deitada enrolada sobre si mesma; quatro tigelas também encaixadas de cutelo foram colocadas com a boca virada para Este.

A zona Oeste apresentava três vasos de fabrico manual (n.ºs 133 a 135) encostados ao conjunto das tigelas e arrumados em fila: o n.º 133, a NO e com a boca para cima; tombado lateralmente e com a boca encostada ao anterior, o n.º 134; a este último, foi encostar-se o n.º 135, de boca para cima e situado a SE.

116 — (G.II/112). Grande contentor, provido de duas asas de secção transversal circular, de boca larga; bordo ligeiramente extrovertido e sem espessamento; lábio aplanado e em bisel simples; colo curto e mal diferenciado; fundo plano e sem pé destacado. Muito incompleto. Fabricado ao torno. Pasta compacta com numerosos elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm. Fractura e superfície de cor amarelada-vermelhada, variando entre 3.5 YR 5.5/8 e 5 YR 6.5/6. Superfície externa bem alisada e decorada por um sulco profundo, paralelo ao bordo que é por ele evidenciado. Superfície interna alisada-tosca, com zonas deixando ver as estrias da roda, e outras com vestígios de espaturamento. Altura 0,40 m; Ø externo da boca, 0,295 m; Ø máx. (bojo) 0,365 m; Ø do fundo 0,16 m.

117 — (G.II/96). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão executados do interior para o exterior, separados entre si por 16 mm e 18 mm, respectivamente na superfície interna e na externa, e a 7 mm do lábio; Ø máx. (superf. interna) 4 mm; Ø mínimo (superf. externa) 2 mm. Superfícies com estrias horizontais. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm e com a cor das superfícies vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Ø ext. da boca 0,167 m; Ø do pé 0,061 m; alt. 0,048 m.

118 — (G.II/97). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio aplanado; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados do interior para o exterior, separados entre si por 7 mm e a 10 e 11 mm do lábio; Ø máx. 5 mm (sup. int.); Ø mín. 3 mm (sup. ext.). Superfícies estriadas. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, da cor das superfícies vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8); superf. externa com mancha cinzenta escura junto ao bordo. Ø ext. da boca 0,17 m; Ø do pé 0,057 m; alt. 0,047 m. Capacidade parcial (abaixo dos furos) 315 ml; capacidade total 430 ml.

119 — (G.II/98). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados a partir da superf. interna, separados entre si por 14 mm e a 10 e 12 mm do lábio; Ø

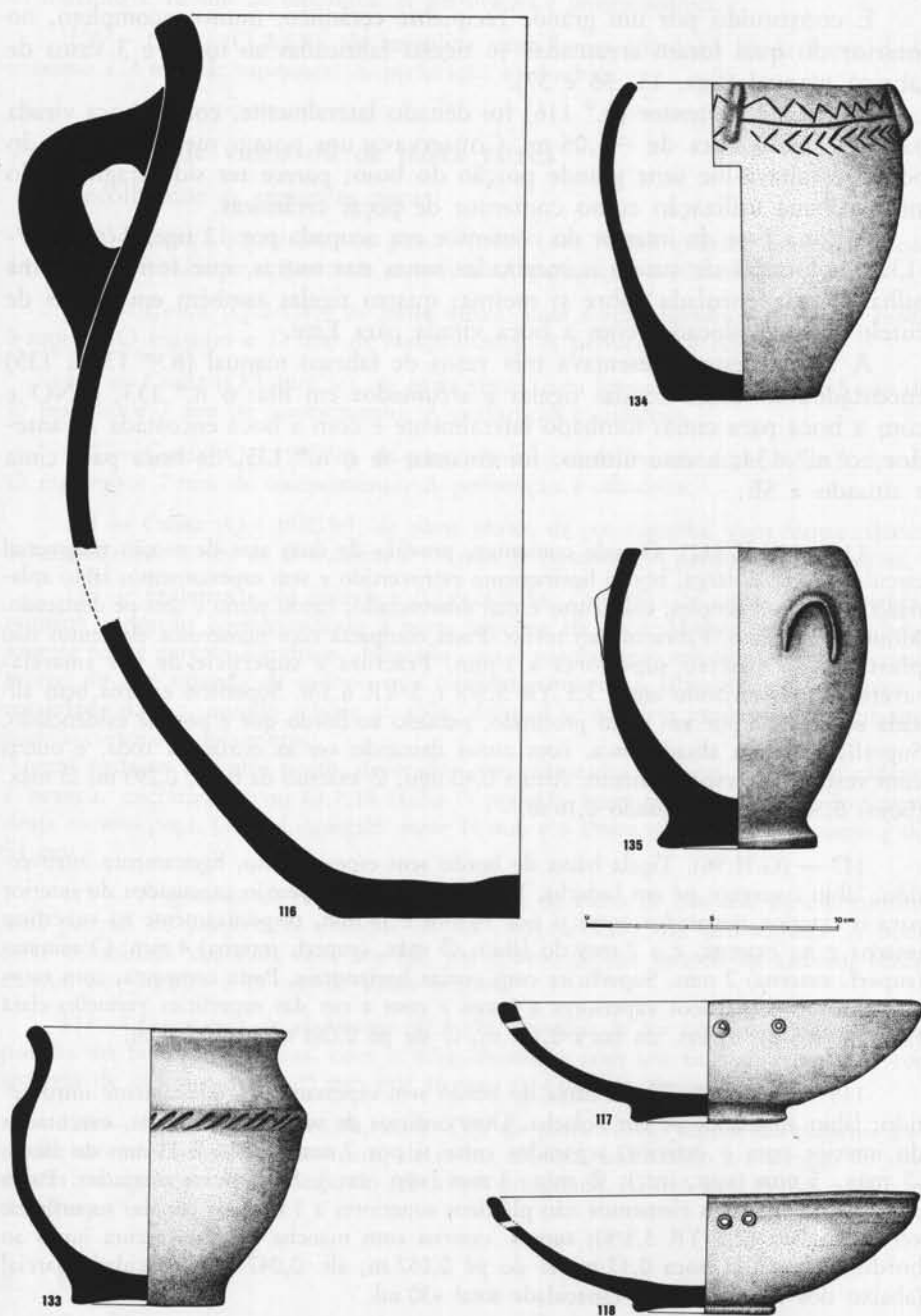


Fig. 36 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Conjunto V. Cerâmica.

máx. 4 mm (sup. int.); Ø mín. 3 mm (sup. ext.). Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, da cor das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Ø ext. da boca 0,178 m; Ø do pé 0,061 m; alt. 0,057 m. Fracturada.

120 — (G.II/99). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, subcilíndrica, separados entre si por 15 mm e a 8 mm do lábio; Ø 3 mm. Superfícies com estrias deixadas pela roda. Pasta compacta com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, da cor das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Ø ext. da boca 0,177 m; Ø do pé 0,059 m; alt. 0,053 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios) 365 ml; capacidade total 528 ml.

121 — (G.II/100). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente extrovertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados a partir do interior, separados entre si por 12 mm e a 7 mm e 8 mm do lábio; Ø máx. 4 mm, Ø mín. 3 mm. Superfícies com estrias deixadas pela roda. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, da cor das superfícies: vermelha (2.5 YR 5.5/6). Superfícies com manchas negras. Ø máx. da boca 0,168 m; Ø do pé 0,059 m; alt. 0,05 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 325 ml; capacidade total 370 ml. Completa mas deformada pela cozedura.

122 — (G.II/101). Tigela baixa de bordo sem espessamento e direito; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados a partir do interior, separados entre si por 20 mm e a 10 mm do lábio; Ø máx. 4 mm, Ø mín. 2 mm. Superfícies com estrias deixadas pela roda. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, da cor das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Ø máx. da boca 0,168 m; Ø do pé 0,059 m; alt. 0,049 m. Capacidade parcial (abaixo dos furos de suspensão) 315 ml; capacidade total 425 ml.

123 — (G.II/102). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados a partir do interior, separados entre si por 15 mm e a 7 mm e 9 mm do lábio; Ø máx. 3 mm, Ø mín. 2 mm; foram desgastados externamente. Superfícies com estrias deixadas pela roda. Pasta compacta, com abundantes elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm, da cor das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Ø máx. da boca 0,168 m; Ø do pé 0,058 m; alt. 0,051 m. Incompleta.

124 — (G.II/103). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, subcilíndricos, executados a partir do interior, separados entre si por 8 mm e a 10 mm do lábio; Ø 3 mm. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, cor igual à das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8), excepto junto ao fundo, onde a parede é mais espessa, e a fractura apresenta um núcleo mais claro (5 YR 6.5/6) do que as superfícies. Ø máx. da boca 0,154 m; Ø do pé 0,057 m; alt. 0,055 m. Incompleta.

125 — (G.II/104). Tigela baixa de bordo sem espessamento, direito e de lábio convexo; pé em bolacha, com marca incisa. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados a partir do interior, separados entre si por 10 mm (na sup. int.) e por 13 mm (na sup. ext.) e situados a 5 mm do lábio; Ø máx. 2 mm e 3 mm. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta, com numerosos elementos não plásticos superiores a 1 mm, de cor igual à das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8).

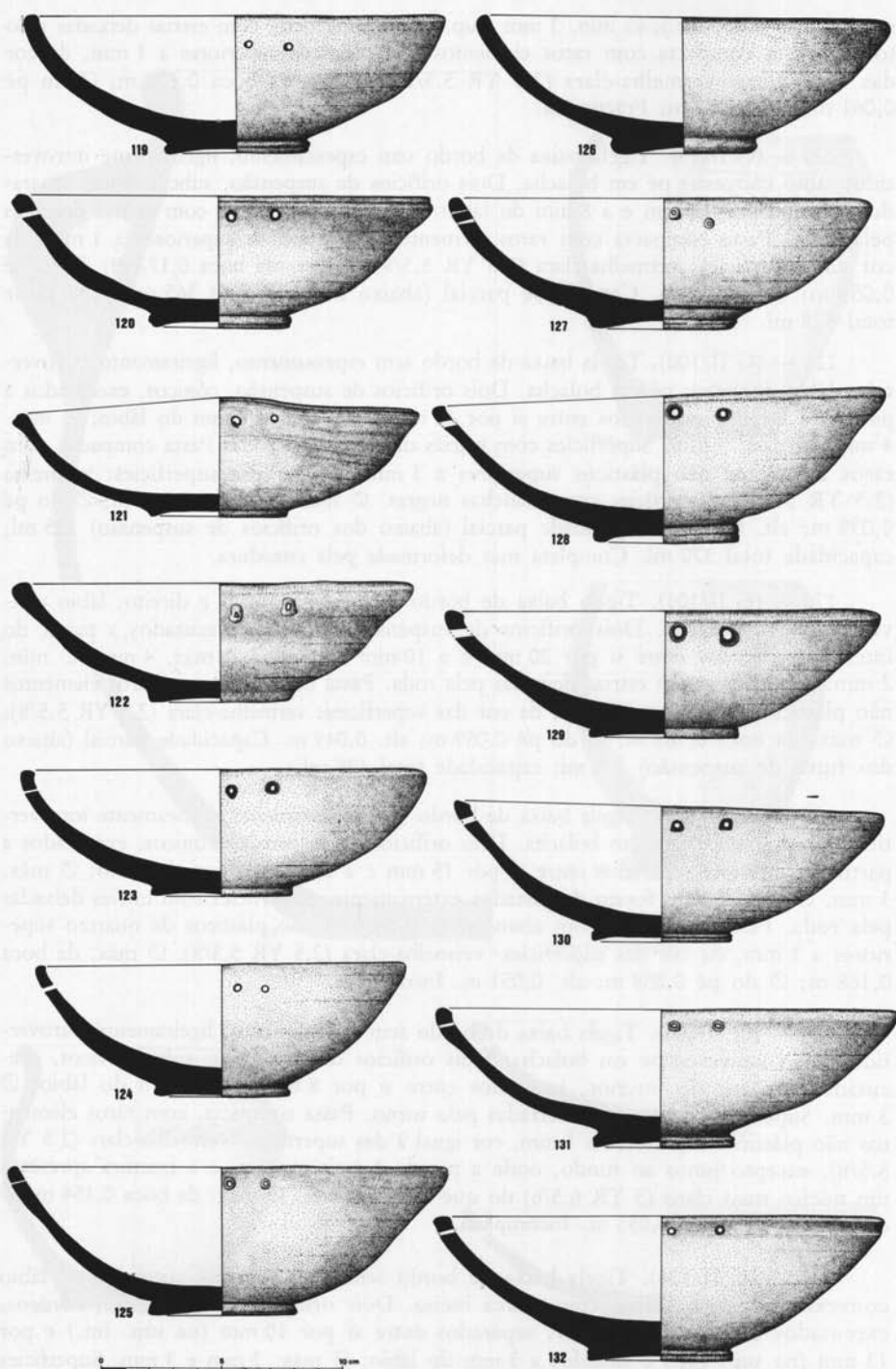


Fig. 37 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Conjunto V. Cerâmica.

Ø máx. da boca 0,181 m; Ø do pé 0,061 m; alt. 0,061 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 500 ml, capacidade total 600 ml.

126 — (G.II/105). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. A porção conservada não possui orifícios de suspensão. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, de cor idêntica à das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Ø máx. da boca 0,171 m; Ø máx. do pé 0,060 m; alt. 0,057 m. Incompleta.

127 — (G.II/106). Tigela baixa de bordo sem espessamento, direito e de lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, um cónico e outro subcilíndrico, executados a partir do interior, separados entre si por 11 mm e a 5 mm e 10 mm do lábio; Ø máx. 3 mm, Ø mín. 1,5 mm. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm; cor idêntica à das superfícies: amarela-avermelhada (5 YR 6.6). Ø ext. da boca 0,175 m; Ø do pé 0,059 m; alt. 0,054 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 415 ml; capacidade total 485 ml.

128 — (G.II/107). Tigela baixa de bordo sem espessamento, direito e de lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, subcilíndricos, executados a partir do interior, separados entre si por 15 mm (na sup. int.) e 17 mm (sup. ext.) e a 7 mm e a 9 mm do lábio; Ø 3 mm; foram alargados externamente através de desgaste circular efectuado após a cozedura. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta, com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm, de cor idêntica à das superfícies: amarela-avermelhada (5 YR 6.6). Ø máx. da boca 0,187 m; Ø do pé 0,06 m; alt. 0,06 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 535 ml, capacidade total 645 ml.

129 — (G.II/108). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, subcilíndricos, executados a partir do interior, separados entre si por 23 mm (sup. int.) e 25 mm (sup. ext.) e a 7 mm e 8 mm do lábio; Ø 4 mm; foram alargados externamente através de desgaste circular posterior à cozedura. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Superfície interna amarela-avermelhada (5 YR 6.5/6) com manchas negras junto do bordo; superfície externa negra com manchas amarela-avermelhadas. Pasta compacta com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm. O fundo apresenta uma fenda, de origem, resultante de cozedura deficiente: esta tigela não podia, pois, ser utilizada para conter líquidos. Ø ext. da boca 0,180 m; Ø do pé 0,063 m; alt. 0,052 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 350 ml, capacidade total 485 ml.

130 — (G.II/109). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio em bisel simples; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, subcilíndricos, executados a partir do interior, separados entre si por 17 mm a 7 mm do lábio; Ø 3 mm; foram alargados externamente após a cozedura. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm; cor idêntica à das superfícies: vermelha-clara (2.5 YR 5.5/8). Superfície externa com manchas cinzenta-escuras. Ø ext. da boca 0,178 m; Ø do pé 0,057 m; alt. 0,057 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 395 ml, capacidade total 540 ml.

131 — (G.II/110). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio em bisel simples; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, cónicos, executados a partir do interior, separados entre si por 16 mm a 6 mm do lábio; Ø máx. 2 mm e 3 mm. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta com

raros elementos não plásticos superiores a 1 mm; cor igual à das superfícies: amarela-avermelhada (5 YR 6.5/6). Superfícies manchadas de negro. Ø ext. da boca 0,190 m; Ø do pé 0,057 m; alt. 0,057 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 595 ml, capacidade total 660 ml.

132 — (G.II/111). Tigela baixa de bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo-aplanado; pé em bolacha. Dois orifícios de suspensão, subcilíndricos, executados a partir do interior, separados entre si por 17 mm e a 6 mm do lábio; Ø 3 mm; foram alargados na superfície externa após a cozedura. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta com raros elementos não plásticos superiores a 1 mm; cor igual à das superfícies: amarela-avermelhada (5 YR 6.5/6). Superfícies com manchas vermelhas (2.5 YR 5.5/6). Ø ext. da boca 0,185 m; Ø do pé 0,06 m; alt. 0,06 m. Capacidade parcial (abaixo dos orifícios de suspensão) 490 ml, capacidade total 630 ml.

133 — (G.II/49). Pequeno pote de bordo sem espessamento e extrovertido; lábio convexo; colo bem diferenciado; pé destacado e fundo plano. Fabricado à mão. Superfície externa muito bem alisada, com vestígios de espatulamento; superfície interna alisada-tosca. O ombro é marcado por uma fiada de impressões em bastonete. Pasta friável, com abundantes elementos não plásticos superiores a 1 mm sobretudo de quartzo, de cor castanha (5 YR 6/5), por vezes com zonas superficiais negras. Superfícies castanhas (5 YR 6/5) com manchas negras, estas mais abundantes na sup. interna. Ø ext. da boca 0,103 m; Ø máx. (bojo) 0,118 m; Ø do pé 0,061 m; alt. 0,11 m. Capacidade 600 ml.

134 — (G.II/47). Vaso ovóide de bordo sem espessamento e introvertido; lábio aplanado; fundo plano sem pé destacado. Fabricado à mão. Superfícies alisadas. Decoração (sup. ext.): três mamilos alargados e estreitos situados sob o bordo; faixa horizontal com motivos incisivos formada por uma linha em ziguezague que cobre parcialmente os mamilos e por incisões em espiga separadas da linha quebrada por um traço horizontal. Pasta friável com abundantes elementos não plásticos superiores a 1 mm. Cor das superfícies amarela-acinzentadas (10 YR 5.5/3). Ø ext. da boca 0,103 m; Ø máx. (bojo) 0,12 m; Ø ext. do fundo 0,063 m; alt. 0,126 m. Capacidade 720 ml.

135 — (G.II/46). Vaso ovóide de bordo sem espessamento e introvertido; lábio aplanado; pé destacado com o fundo côncavo. Fabricado à mão. Superfícies bem alisadas; a externa foi parcial e irregularmente brunida. Decoração plástica cujo motivo se inspira no da "asa cega": três cordões em cerco que delimitam meias ovais, equidistantes. Pasta friável com abundantes elementos não plásticos entre 0,5 e 1 mm. Cor das superfícies castanha-avermelhada (5 YR 4/5). Ø ext. da boca 0,086 m; Ø máx. (bojo) 0,008 m; Ø alt. 0,12 m. Capacidade 480 ml.

8.2. Conjunto IX do Q.1.6/C.3c (figs. 14, 38 e 39)

No interior de um grande contentor (n.º 136), fragmentado mas quase completo (faltava-lhe parte do bordo), colocado de boca para cima e ligeiramente inclinado, encontrava-se, na zona Oeste, o *oinochoe* n.º 142, deitado e com o fundo encaixado na boca do vaso fabricado ao torno n.º 141; sob o *oinochoe* estava o vaso de fabrico manual n.º 137; no lado Este havia, no fundo do contentor, o "queimador" n.º 140, coberto pelo "copo" de cerâmica manual n.º 138, disposto de boca para baixo, e pelo pequeno pote também de fabrico manual n.º 139, deitado e de boca para NE.

136 — (G.II/74). Grande contentor de colo pouco marcado, bordo ligeiramente extrovertido e lábio convexo. Possui duas asas anelares de secção transversal circular, diametralmente opostas. Fundo plano, sem pé destacado. Montado ao torno. Superfície int. alisada; sup. ext. alisada e espatulada. Pasta compacta com raros elementos não plásticos (quartzo) superiores a 1 mm; cor igual à das superfícies: vermelha-alaranjada (10 R 5.5/8). Superfície externa com grande mancha castanha-escura (10 R 3.5/1). Ø ext. da boca 0,42 m; Ø máx. (bojo) 0,441 m; Ø ext. do fundo 0,156 m; alt. 0,44 m.

137 — (G.II/61). “Copo” ovóide de fabrico manual; bordo sem espessamento, ligeiramente introvertido; lábio convexo-aplanado; pé destacado maciço, troncocónico e de fundo plano. Superfície interna alisada-tosca; superfície externa alisada. Decorado por fiada horizontal de seis pequenos mamilos cónicos e por dois elementos plásticos alongados. Pasta friável e grosseira. Superfícies, castanha-escuras (7.5 YR 3/4), castanha-acinzentadas (7.5 YR 4/2) e cinzentas (7.5 YR 3/0). Ø ext. da boca 0,09 m; Ø máx. (bojo) 0,10 m; Ø do pé 0,058 m; alt. 0,095 m. Capacidade 320 ml.

138 — (G.II/70). “Copo” ovóide de fabrico manual; bordo sem espessamento e ligeiramente introvertido; lábio aplanado; pé destacado, troncocónico e de fundo plano. Superfícies bem alisadas. Pasta friável com numerosos elementos não plásticos superiores a 1 mm. Superfícies castanha-escuras (5 YR 4/4), com manchas acinzentadas (5 YR 3/1). Ø ext. da boca 0,083 m; Ø máx. (bojo) 0,093 m; Ø do pé 0,048 m; alt. 0,115 m. Capacidade 430 ml.

139 — (G.II/71). Pequeno pote de fabrico manual; colo bem marcado; bordo revirado para o exterior; pé maciço, de fundo plano, em bolacha. Superfície int. alisada; superfície ext. alisada no bordo e colo e rugosa no bojo. Pasta friável com numerosos elementos não plásticos superiores a 1 mm. Superfícies cinzenta-escuras (5 YR 3/1) com manchas castanho-escuras (5 YR 4/4). Ø ext. da boca 0,115 m; Ø máx. (bojo) 0,118 m; Ø do pé 0,065 m; alt. 0,12 m. Capacidade 740 ml.

140 — “Queimador” de fabrico manual, de forma esferoidal, bordo sem espessamento e ligeiramente introvertido; pequena asa de secção transversal subcircular que arranca do bordo. “Janelas” triangulares, em número de oito, dispostas numa faixa horizontal, alternadamente com um vértice e um dos lados para cima; foram cortadas na pasta fresca, aparentemente sem matriz pois não existem duas iguais; a sua abertura foi precedida da marcação, por incisão fina, de um traço horizontal, a cerca de 35 mm do lábio. Superfícies alisadas toscas. Pasta friável e com numerosos elementos não plásticos superiores a 1 mm. Superfícies castanha-amareladas (5 YR 4.5/6) com manchas cinzentas (10 YR 4/1) e cinzenta-acastanhadas (10 YR 5/2).

141 — (G.II/84). Vaso fabricado ao torno, de boca larga, bordo revirado para o exterior, bojo globular de tendência bitroncocónica, sem pé destacado e fundo côncavo, onfalóide, com tênue botão central. Superfície interna alisada com estrias deixadas pelo torno; sup. ext. alisada por espatulamento. Pasta compacta com raros elementos não plásticos (quartzo) superiores a 1 mm; cor igual à das superfícies: castanha-alaranjada (2.5 YR 6/8 e 5 YR 6/6). Ø ext. da boca 0,205 m; Ø máx. (bojo) 0,205 m; Ø do fundo 0,095 m; alt. 0,18 m. Capacidade 3370 ml.

142 — (G.II/83). *Oinochoe* fabricado ao torno, de bojo ovóide; colo largo, baixo e mal diferenciado; boca trilobulada; asa em fita arrancando do bordo; fundo côncavo, onfalóide e sem pé destacado. Superfície interna alisada; sup. ext. alisada e espatulada. Pasta compacta com raros elementos não plásticos (quartzo) superiores a 1 mm; cor igual à das superfícies: castanha-alaranjada (2.5 YR 5.5/8) com manchas cinzentas escuras (5 YR 3/1). Ø ext. máx. da boca 0,115 m; Ø máx. (bojo) 0,205 m; Ø do fundo 0,088 m; alt. 0,245 m. Capacidade 3370 ml.

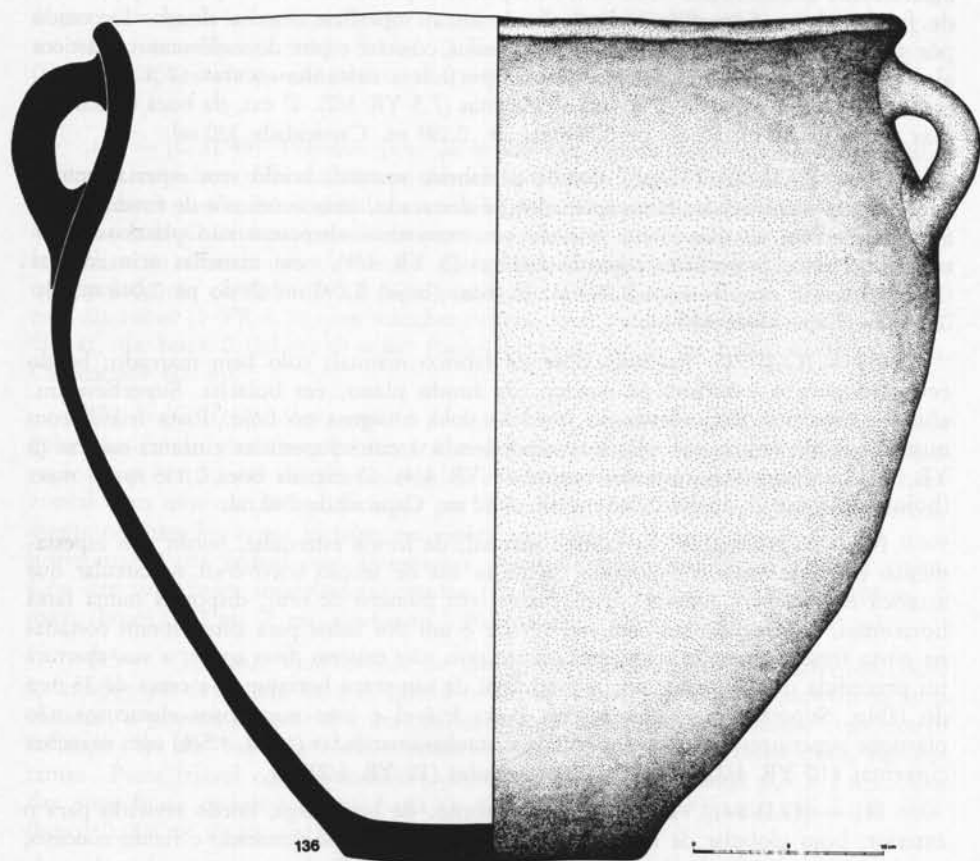


Fig. 38 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Conjunto IX. Cerâmica.

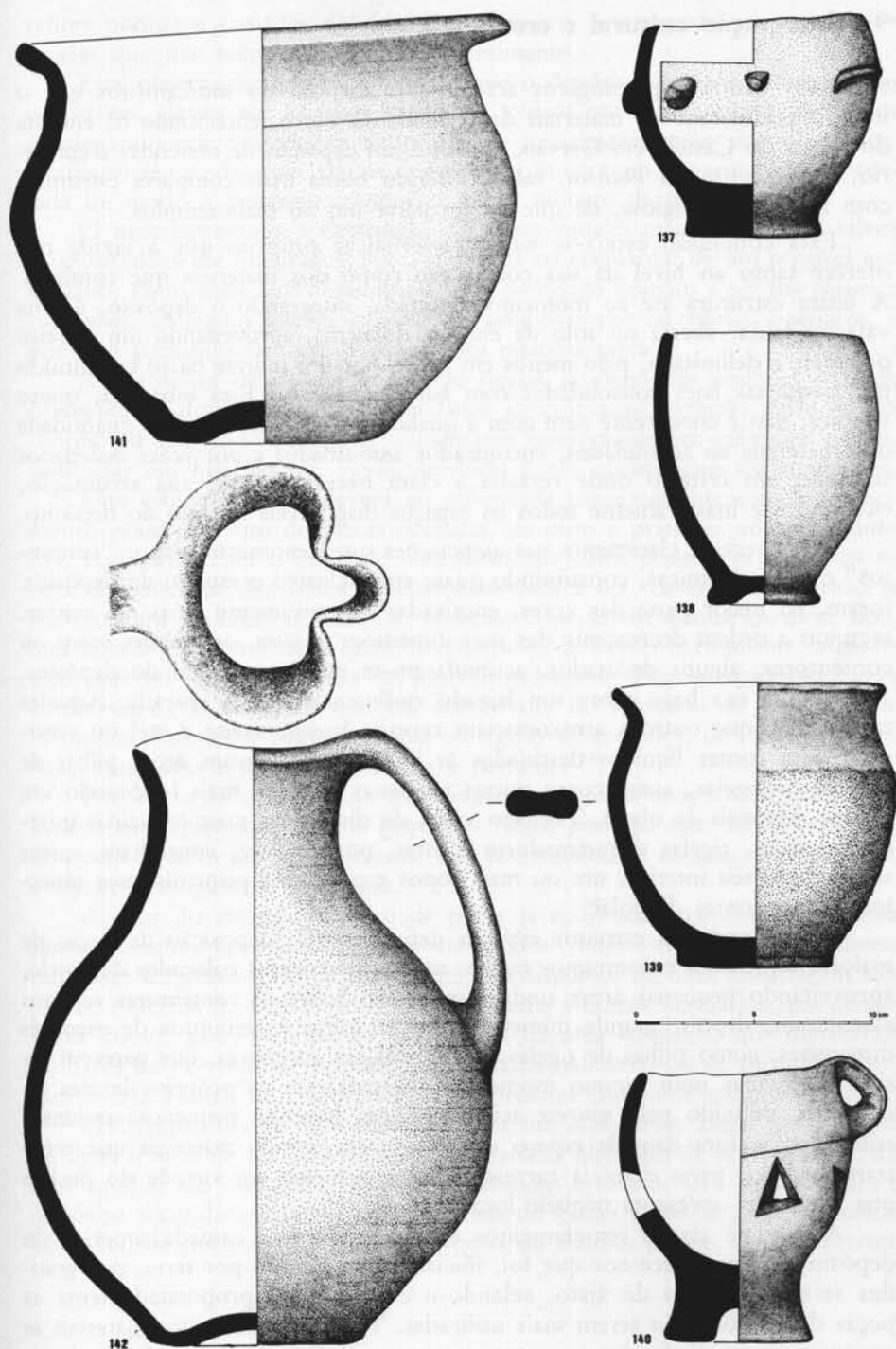


Fig. 39 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Conjunto IX. Cerâmica.

9. Integração cultural e cronologia

9.1. Os dados arqueológicos actualmente disponíveis indicam-nos que o imenso aglomerado de materiais da II Idade do Ferro, encontrado na encosta do Cerro do Castelo em Garvão, constitui um depósito de oferendas secundário, uma *favissa* ou *bothros*, talvez inserido numa mais complexa estrutura, com finalidade religiosa, de que fariam parte um ou mais templos.

Esta conclusão esteia-se nas características próprias que a jazida nos oferece tanto ao nível da sua construção como dos materiais que continha. A única estrutura até ao momento detectada, integrando o depósito, é uma vala ou fossa, aberta no solo da encosta do cerro, aproveitando um estreito patamar, e delimitada, pelo menos em parte, por um murete baixo constituído por pequenas lajes consolidadas com barro amassado. Esta estrutura, muito simples, não é condizente nem com a qualidade nem com a grande quantidade dos materiais ali acumulados, encontrados amontoados e por vezes ordenados segundo um critério onde ressalta a clara necessidade da sua arrumação, ocupando-se massivamente todos os espaços disponíveis no seio do depósito.

Reconhece-se claramente nas associações que denominámos por “conjuntos” que as cerâmicas, constituindo quase em exclusivo o espólio do depósito, foram, na maior parte das vezes, encaixadas sucessivamente umas nas outras, segundo a ordem decrescente das suas dimensões. Assim, os grandes vasos ou contentores, alguns decorados, acumulavam-se na zona central do depósito, assentes na sua base sobre um lajeado rudimentar que o revestia. Aqueles recipientes, que outrora armazenariam cereais, frutos, azeite e mel ou serviriam para conter líquidos destinados às libações, guardavam agora pilhas de taças e de tigelas, assim como outras pequenas vasilhas, mais lembrando um grande depósito de olaria. Também vasos de dimensões mais reduzidas guardavam taças, tigelas e queimadores e estes, por sua vez, continham, quase sempre, no seu interior, um ou mais copos e por vezes pequeníssimos objectos, como contas de colar.

Preenchendo os estreitos espaços definidos pela deposição de peças de maiores dimensões encontrámos tigelas, taças e fragmentos colocados de cutelo, aproveitando pequenas áreas ainda disponíveis. Sobre os contentores repletos assentaram, depois, grande número de peças soltas e conjuntos de menores dimensões, como pilhas de tigelas. As deposições sucessivas, que parecem ter sido efectuadas num mesmo momento, ultrapassaram os próprios limites do depósito, definido pelo murete acima referido, havendo pequenos conjuntos colocados já fora daquele espaço e tendo-se encontrado materiais que terão transbordado, parte deles já carregados posteriormente em virtude do declive que a encosta apresenta naquele local.

Apesar de alguns remeximentos esporádicos que a camada superior do depósito sofreu parece-nos que foi, inicialmente, coberto por terra, por grandes seixos e blocos de xisto, selando-o e quebrando propositadamente as peças de modo a não serem mais utilizadas. Também muitos dos materiais se encontravam já quebrados no momento em que ali foram colocados embora, por vezes e muito curiosamente, recolhêssemos os seus fragmentos em dife-

rentes pontos e camadas do depósito, o mesmo acontecendo em zonas profundas que não sofreram qualquer remeximento.

Esta observação é outra prova de que o depósito continha materiais não utilizáveis, alguns por estarem quebrados, outros por não serem já necessários e sobretudo por estorvarem no local onde inicialmente terão sido oferecidos. Verificou-se, ainda, que alguns contentores mostravam a parte superior cortada de modo a poderem comportar maior número de peças.

O enterramento e a destruição de todos aqueles materiais, alguns talvez propositadamente quebrados, foi o modo de os resguardar de um possível uso profano, tanto mais que oferecidos a uma divindade ficariam a ser sua pertença exclusiva, utilizados apenas em funções religiosas por sacerdotes e acólitos, e por isso passando também a auferir um estatuto sagrado.

As centenas de pequenas taças e tigelas já exumadas poderão ter sido oferecidas à divindade ou às divindades ali cultuadas, fazendo parte de ex-votos ou contendo produtos alimentares consumidos em refeições rituais, utilizadas em libações ou, ainda, servindo como queimadores ou lamparinas.

Esta última hipótese deverá ser valorizada conjuntamente com o aparecimento neste depósito de placas oculadas, de ouro e prata, ex-votos anatômicos, conotados com o culto de uma divindade cujos poderes profilácticos na cura das doenças dos olhos a relacionam com a luz, tanto mais que não se encontraram verdadeiras lucernas, objectos comuns em santuários deste tipo, mas apenas pequenas taças quase hemisféricas, de bordo ligeiramente introvertido, que no “mundo ibérico” as parecem substituir. Esta interpretação parece confirmada por se terem também encontrado no santuário de Gagghera, em Sélinonte (Palermo), pequenas taças ou tigelas de cerâmica, de forma hemisférica, destinadas a queimar essências e perfumes ¹⁴.

Por outro lado, a grande quantidade de queimadores, encontrados quebrados ou repletos de outros pequenos vasos, poderão estar ainda relacionados com aqueles atributos divinos, não mostrando, no entanto, muitos deles, evidentes vestígios de utilização.

Apesar do enorme número de peças já recolhidas que conferem a este santuário uma importância fundamental para a compreensão das superestruturas religiosas da proto-história peninsular, não dispomos de uma amostragem ampla de objectos de fabrico sofisticado, comuns a outros santuários seus congéneres como, por exemplo, os conhecidos na área levantina, que ofereceram milhares de ex-votos de bronze, de Villaricos (Almería) ou de Ibiza (Es Cuyram e Isla Plana), de onde provêm importantes conjuntos coroplásticos.

Os fragmentos de dois *oinochoai* e de um *alabastron*, assim como os pés de duas fíbulas de La Tène e uma fíbula anular hispânica de prata, encontrada sem agulha, são claramente objectos quebrados e fora de uso, atirados para o depósito secundário. Tanto a hemidracma de Gades como as pequenas placas oculadas, de ouro e de prata, encontradas no *bothros* podem ter sido ofereci-

¹⁴ PICARD, C. G. — *La dame des brûle-parfums à Carthage*. “Revista de la Universidad Complutense”, XXV (Homenaje a Garcia y Bellido, I), 1976, n.º 101, p. 169.

das pelos crentes colocadas entre peças de cerâmica e, assim, escapado à selecção prévia que certamente os sacerdotes ou os funcionários do templo fizeram dos objectos a serem removidos do santuário.

9.2. A necessidade de retirar dos santuários grandes quantidades de oferendas e de ex-votos, de modo a recuperar as suas áreas funcionais, foi já assinalada na Península em Despeñaperros e em Castellar de Santisteban (Jaén), santuários rupestres da Serra Morena, onde ciclicamente até belas peças de bronze eram lançadas nas falésias e encostas exteriores, de modo a deixar livres os espaços para receberem novas dádivas ¹⁵.

Não podemos determinar, com exactidão, a época nem as diferentes motivações de ordem psicológica e religiosa que conduziram à prática quase universal de oferecer objectos às divindades. Simples oferendas de agradecimento ou ex-votos, para pagamento de promessas bem sucedidas, constituem um diversificado número de artefactos que fornecem importante informação sobre os diferentes níveis de concepção do sagrado, das diversas variantes das suas manifestações e, sobretudo, das características e atributos de certas divindades. Esta complexa problemática, que não cabe abordar neste momento, está inequivocamente conotada com os diferentes conceitos de sobrevivência, a crença de uma nova vida depois da morte e a ideia de um renascimento, só possível através da intervenção divina. As divindades, construídas afinal segundo a mentalidade dos homens, compartilham, por vezes, com eles idênticas necessidades físicas, os mesmos gostos e até os mesmos defeitos e qualidades.

Como consequência desta imagem humanizada da divindade encontraremos os grandes depósitos de oferendas, muitos deles constituídos por objectos de uso comum, junto aos santuários mais importantes da Antiguidade. É, no entanto, no Próximo Oriente, nos finais do III milénio, sobretudo na área sírio-palestina que identificaremos os protótipos para os depósitos secundários registados na maioria dos grandes santuários mediterrânicos do I milénio a.C.

Só em Byblos foram escavados cerca de meia centena de grandes contentores de cerâmica, alguns especialmente fabricados para aquele fim, e de fossas, guardando estatuetas de bronze e de terracota, armas, ferramentas, jóias e outros recipientes cerâmicos e metálicos; oferendas e ex-votos retirados dos templos e enterrados no solo dos espaços sagrados (Templo Sírio, Templo dos Obeliscos, Campo das Oferendas e Recinto Sagrado). Também em Ugarit (junto ao templo de Baal), em Miret el-Beida, Gezer e Hazor, existiam depósitos de oferendas datados dos inícios a meados do II milénio, perdurando naquela primeira cidade até aos finais do século VIII a.C. Uma grande fossa

¹⁵ NICOLINI, G. — *Les bronzes votifs ibériques de la Prähistorische Staatssammlung, München*. "Madrider Mitteilungen", 7, 1966, p. 148.

ID. — *Les bronzes figurés des sanctuaires ibériques*. Paris, Presses Universitaires de France, 295 pp., XL ests., 1969, pp. 40-44.

encontrada, repleta de objectos diversificados, junto ao templo de Lachish, parece ter tido idêntica função ¹⁶.

Na cidade de Kition, em Chipre, encontraram-se, sobretudo no período fenício, muitas fossas, abertas no solo do pátio junto ao templo, contendo oferendas, dele retiradas e propositadamente quebradas, assim como ossos de carneiro e de cabra. Igualmente no santuário de Apolo em Kourion, onde existiam dois espaços para oferendas e dois altares, foram encontradas duas fossas utilizadas como depósitos secundários, uma delas repleta de pequenas terracotas datadas dos séculos VII ao IV a.C. e a outra contendo materiais dos séculos V ao I d.C., mostrando uma longa sobrevivência do culto e a perduração de práticas religiosas similares ¹⁷.

Também em Knossos, no santuário dedicado a Demeter, activo a partir dos finais do século VIII até ao século III a.C., foram encontradas, em volta do templo principal, várias fossas abertas no substrato rochoso, utilizadas como depósitos secundários de oferendas, contendo principalmente grandes quantidades de cerâmicas fragmentadas, pequenas jóias, estatuetas de terracota e ossos de animais. Um santuário em Olous, igualmente dedicado a Demeter, ofereceu materiais semelhantes ¹⁸.

Outros depósitos secundários foram já escavados em Cartago, tanto junto ao templo de Tanit como ao Templo de Demeter, descobertos também repletos de cerâmicas, sobretudo de queimadores, e onde se misturavam objectos de várias épocas removidos dos templos ¹⁹.

Encontrámos paralelos, com maiores afinidades tanto em termos culturais como cronológicos, para o depósito votivo de Garvão nos grandes santuários púnicos de Ibiza. Tanto Es Cuyram como o santuário da Isla Plana, onde foram escavados dois *bothroi* em forma de poço, assim como os santuários rurais, de dimensões mais reduzidas (Can Yay), ofereceram elevado número de materiais como objectos de uso quotidiano e votivos, sobretudo cerâmicas e terracotas representando divindades femininas e masculinas, datáveis dos finais do século VI até ao século II a.C.

Perto da necrópole de Puig des Molins uma fossa que ofereceu várias

¹⁶ NEGBI, O.; MOSKOWITZ, S. — *The "foundation deposits" or "offering deposits" of Byblos*. "Bulletin of the American Schools of Oriental Research", 184, 1966, pp. 21-26. NEGBI, O. — *Canaanite gods in metal: an archaeological study of ancient syro-palestinian figurines*. Tel Aviv, Tel Aviv University, 1976, pp. 121-140.

¹⁷ KARAGEORGHIS, V. — *Kition, Mycenaean and Phoenician discoveries in Cyprus*. Londres, Thames and Hudson, 1976, pp. 96-101, 111, figs. 77, 101. ID. — *Chronique des fouilles et découvertes archéologiques à Chipre en 1981*. "Bulletin de Correspondance Hellénique", 106, 1982, pp. 685-744, espec. pp. 727-728.

¹⁸ COLDSTREAM, J. N. — *Knossos, the sanctuary of Demeter*. Oxford, The British School of Archaeology at Athens, 1973, pp. 4, 177, 181.

¹⁹ FERRON, J.; AUBET, M. E. — *Estatuillas de orantes del mundo cartaginés: tipología y cronología*. "Trabajos de Prehistoria", 31, 1974, pp. 253-276, espec. p. 265. PICARD — *op. cit.* (v. nota 14), pp. 168-169.

centenas de terracotas, datadas dos séculos IV-III a.C., e um enterramento, pode também ter sido um depósito secundário ou *bothros* ²⁰.

Uma grande aglomeração de ex-votos, proveniente de uma área restrita do santuário das Nascentes do Sena, poderia ainda, dada a disposição daqueles, constituir um depósito secundário, embora pareça não estar integrado em qualquer estrutura arquitectónica não perecível ²¹.

9.3. Os materiais arqueológicos, encontrados no depósito secundário de Garvão, subdividem-se em dois grandes grupos, conforme a finalidade com que foram fabricados.

Um primeiro grupo, constituído por artefactos de uso comum, que encontramos normalmente em contextos ligados com a vida quotidiana das populações desta época, inclui uma enorme diversificação de formas cerâmicas, sobretudo de fabricação em série, por vezes já industrializada, assim como alguns objectos de adorno e de uso pessoal.

A um outro grupo, mais restrito, pertencem artefactos propositadamente concebidos e fabricados para serem utilizados como ex-votos ou nas actividades religiosas, como os queimadores, algumas peças fabricadas sem roda, certos vasos cerâmicos decorados com pinturas, estampilhas e elementos coroplásticos, estatuetas e as placas de ouro e de prata. Neste último conjunto, os ex-votos anatómicos constituem um núcleo que revela, de modo particular, uma finalidade exclusivamente conotada com os atributos profilácticos do santuário, tal como o *aspergillus* é testemunho de práticas religiosas relacionadas com a bênção, a purificação e cura através da água ou o címbalo que, neste contexto, estará certamente ligado a certos rituais ou com aspectos da música sacra.

Esta diversificação de oferendas e de ex-votos é, aliás, comum a outros santuários desta época, pois não devemos esquecer que estamos perante materiais de um depósito secundário, podendo, por isso, guardar objectos provenientes de um ou mais templos, reunidos durante um espaço de tempo que pode ser longo, consoante as cronologias que nos oferecem alguns deles, mais característicos, e que terão, ainda, servido a diferentes práticas e finalidades religiosas.

9.4. Uma pequena terracota representando uma personagem feminina, de pé, nua e em posição hierática, constitui uma das raras figurações antropomórficas encontradas neste depósito. Apresenta o braço direito semierguido à altura dos ombros, terminando numa mão apenas esboçada, parecendo que o esquerdo, hoje perdido, se encontrava dobrado sobre o peito. As suas características

²⁰ MAÑÁ, J. M. — *Puig des Molins (Ibiza)*. "Noticiário Arqueológico Hispánico, I, 1953, pp. 121-125, ests. XXXVII-XLIV, espec. p. 124. ALMAGRO GORBEA, M. J. A. — *Catálogo de las Terracotas de Ibiza del Museo Arqueológico Nacional*, Madrid, 1980, pp. 24-25.

²¹ DEYTS, S. — *Les bois sculptés des Sources de la Seine*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1983, p. 40.

formais oferecem um elevado grau de síntese, mostrando o corpo e os membros geometrizar, toscos, sem modelado anatómico.

A cabeça, também muito esquemática, mostra nariz grande, em bico e com a base larga, na continuação da testa. As orelhas, os olhos, os seios e um colar de grandes contas foram representados por pequenas pastilhas; solução técnica que encontramos em estatuetas congêneres figurando divindades relacionadas com cultos de fertilidade, agrícola e humana, muito divulgadas no Próximo Oriente, na Síria, na Palestina e em Chipre desde o III milénio a.C. (Hama e Tell El-Brak) ²².

Estas figurinhas, nuas e hieráticas, em posição de acolhimento ou de bênção, são, certamente, imagens de divindades, oferendas e ex-votos, e nunca representações dos próprios ofertantes, dado que apenas um número restrito de personagens do panteão religioso, cujo estatuto sagrado permite certo tipo de transgressão, são representadas nuas; situação obviamente vedada aos mortais.

A coroplastia é conhecida no Sudoeste peninsular a partir do Calcolítico, período em que estímulos culturais vindos do Mediterrâneo Oriental, acompanhando a chegada da metalurgia ao extremo ocidente da Europa, dão origem à produção de recipientes zoomorfos e de outros artefactos de terracota, conotados com a superestrutura religiosa, nomeadamente pequenas esculturas femininas.

É bastante mais tarde, durante a I Idade do Ferro, nos séculos VIII a VI a.C., e graças a um renovado influxo cultural orientalizante, que encontraremos um novo grupo, embora restrito, de realizações coroplásticas, integrando espólios funerários ²³.

Posteriormente, as produções coroplásticas provenientes do SO peninsular reduzem-se às duas esculturas representando touros e a uma figura feminina, descobertas por Vergílio Correia ²⁴, na necrópole da II Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires de Alcácer do Sal, hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, assim como a duas outras figuras femininas, ainda inéditas, encontradas no povoado da Azougada e que presumivelmente também se encontram no M.N.A.E. ²⁵.

É curioso notarmos que a uma mesma proveniência oriental corresponde uma permanência de meios técnicos e de soluções plásticas que não evoluirão substancialmente como nos mostra, por exemplo, o modo de representar os olhos através de pequenas pastilhas salientes, processo que encontra identidade

²² BADRE, L. — *Les figurines anthropomorphes en terre cuite à l'Age du Bronze en Syrie*. Beyrouth, Institut Français d'Archéologie du Proche Orient, 1980, ests. II-52, XXX-3.

²³ BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. — *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal: epigrafia e cultura*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1980, pp. 17, 23.

ID. — *Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, in "Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszewski", Paris, 1984 pp. 431-468.

²⁴ CORREIA, V. — *Obras*, vol. IV: *Estudos Arqueológicos*. Coimbra, 1972, pp. 166, 176.

²⁵ BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 23, 1984).

em peças cronologicamente distanciadas como o felino da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Santa (Ourique), o vaso ornitomorfo calcolítico da Anta Grande do Zambujeiro (Évora), a estatueta de Garvão ou, ainda, os touros de Alcácer do Sal.

As características estilísticas e técnicas da pequena escultura de Garvão possuem paralelos, sobretudo entre outras produções coroplásticas de carácter popular, com origem ou inspiração púnica, encontradas na Península. Dos santuários púnicos de Ibiza provêm algumas destas toscas figurinhas nuas, de terracota, certamente fabricadas localmente, com o nariz em bico na continuação da testa e com os olhos, os seios, os adornos, e por vezes também o cabelo, representado por pequenas pastilhas. Uma cabeça feminina com tais características encontrada em Puig des Molins, está hoje no Museu Arqueológico Nacional de Madrid; outras estatuetas, de corpo inteiro, igualmente provenientes de Puig des Molins pertencem ao Museu de Ibiza e ao de Barcelona ²⁶.

Uma outra figura idêntica, atribuída ao século III ou já aos inícios do século II a.C., com 0.156 m de altura, representando uma personagem feminina de pé, sem proveniência exacta, hoje no Museu de Pré-História de Valência, mostra os braços semierguidos em cruz, à altura dos ombros, o nariz grande na continuação da testa, os olhos, os seios e um colar constituídos por pastilhas, tal como encontramos na figurinha de Garvão ²⁷.

Um outro bom paralelo, tanto temático como cronológico, para a estatueta de Garvão, é-nos oferecido pelas duas pequenas figuras antropomórficas de terracota de cor clara, uma feminina e outra masculina, respectivamente com 0.083 m e 0.096 m de altura, encontradas por Bonsor sobre um *ustrinum* de Bencarrón (Carmona). Estavam associadas a uma conta de pasta vítrea de cor verde, oculada a azul e a branco, a um colar com contas de cerâmica, a quinze pequenos vasos, alguns com tratamento de verniz vermelho de cor escura, vinhosa, de tipo tardio, a um vaso zoomórfico (*askos*) e a fragmentos de ânforas "púnicas". Este conjunto arqueológico foi datado por A. Blanco ²⁸ da segunda metade do século IV ou já dos inícios do século III a.C., atendendo ao facto de que a mesma forma dos vasos, com idêntico tratamento das superfícies, integra, na necrópole de Castellones de Ceal (Jaén), um horizonte com sepulturas estratigraficamente registadas como pouco posteriores às sepulturas com cerâmica ática, datadas da primeira metade do século IV a.C. Esta atribuição cronológica está de acordo, não só com os restantes materiais encontrados no *ustrinum* (conta oculada e cerâmica de verniz vermelho tardio,

²⁶ GARCIA Y BELLIDO, A. — *Colonización púnica*, in "Historia de España", tomo I, vol. II, pp. 309-493, Espasa-Calpe, Madrid, 1975, espec. pp. 335, 443, figs. 338, 431. ALMAGRO GORBEA — *op. cit.* (v. nota 20), pp. 14, 71, 176, fig. 48.

²⁷ PICARD, C. — *Figurines de terre cuite du Musée de Préhistoire de Valencia*. "Archivo de Prehistoria Levantina", XIII, 1972, pp. 81-92, espec. p. 85, est. V.

²⁸ BLANCO, A. — *Notas de arqueología andaluza*. "Zephyrus", XI, 1960, pp. 151-163, espec. pp. 161, 162, est. VI.

fragmentos de ânforas “púnicas” ou ibéricas?), como com a datação genérica do século III dada aos paralelos encontrados em Ibiza para as terracotas, como ainda, com os materiais que integram o restante espólio deste depósito secundário de Garvão que, como adiante veremos, se escalonará entre a segunda metade do século IV e os finais do século III a.C. O artefacto mais moderno deste depósito, até agora recolhido e cronologicamente melhor classificado, é uma hemidracma de Gades, da segunda metade do século III a.C., ajudando a demonstrar os contactos das populações do interior do Baixo Alentejo com as cidades “púnicas” do litoral mediterrâneo e as influências culturais daí decorrentes, que detectamos não só na coroplastia ali encontrada como, ainda, em outros aspectos tanto da cultura material como da superestrutura religiosa.

A cronologia encontrada para aquelas importantes peças da coroplastia proto-histórica peninsular pode relacionar-se com a datação dos bronzes ibéricos esquemáticos, tanto mais que, apesar das diferenças do processamento técnico particular a cada tipo de realização, sendo umas de cerâmica e as outras metálicas, se trata, em princípio, de ex-votos e, portanto, com finalidades e funções *grosso modo* idênticas ou semelhantes, devendo, em última instância, revelar comportamentos similares, tanto a nível estético-conceptual como religioso e até social. Um bronze de estilo esquemático, proveniente de Puente Genil (Córdoba), descoberto com uma moeda de Gades, constitui um interessante paralelo cronológico e cultural para a terracota do depósito de Garvão, onde também surgiu uma hemidracma gaditana, datando-a do mesmo período, ou seja, na segunda metade do século III a.C.²⁹

Estas estatuetas, de volumes esquemáticos e anatomia insipiente, embora por vezes vigorosas e expressivas, revestem aspectos e modelos populares de realização artesanal, afastando-os claramente dos cânones oferecidos pela escultura erudita. Esta observação indica-nos uma certa vulgarização da frequência desses santuários, certamente devida a novos condicionalismos, tanto económicos como sociais e religiosos, que também reconhecemos em outros pontos da Europa mediterrânica a partir do século IV e que decorrerá até finais do século III³⁰, período que, na Península, corresponde ao auge da “cultura ibérica”.

Ao grupo de estatuetas de concepção muito sintética, de tipo “púnico”, pertencem ainda alguns achados isolados provenientes de povoados (Serra de l’Espasa, Capsanes), sobretudo da área levantina da Península, assim como as do santuário ibérico de La Serreta de Alcoy, das necrópoles do Cabecito del Tesoro, de Verdolay, e de Albuferetas e a figura, sem contexto, de Cádiz³¹.

²⁹ NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15, 1969) p. 239. GOMES, M. V. — *El “smiting god” de Azougada (Moura)*. “Trabajos de prehistoria”, 40, 1983.

³⁰ DEYTS — *op. cit.* (v. nota 21), p. 199.

³¹ GARCIA Y BELLIDO — *op. cit.* (v. nota 26), pp. 464-466, figs. 385-389. VILASECA, S. — *Das figuritas de barro del poblado ibérico de Serra de l’Espasa, de Capsanes, Província de Tarragona*, in “Crónicas del III Cong. Arq. del SE Español”, Albacete, 1946, pp. 259-263.

9.5. Os restantes elementos coroplásticos do depósito de Garvão oferecem, também, as mesmas características de síntese formal que encontramos na peça anteriormente estudada, apesar de alguns pormenores, talvez por auferirem um significado especial, merecerem uma melhor definição. Excluindo a representação isolada de um cavalo, encontrado sem cabeça, as outras produções coroplásticas surgem associadas a grandes vasilhas ou contentores, ou, em menor número, a queimadores, onde se combinam, por vezes, com outras técnicas decorativas como a estampilhagem e a pintura.

O cavalo referido está representado de pé, em posição estática, e oferece modelado de formas lineares, com os quartos traseiros na continuação do volume do tronco e com o sexo pastilhado sobre o ventre.

Mostra claras afinidades estilísticas, aliás muito elementares, com a estatueta antropomórfica, pois não rejeitamos a hipótese de terem sido ambas as peças produzidas pelo mesmo artista. Encontrámos os melhores paralelos para esta estatueta nas representações de equídeos de bronze dos santuários ibéricos levantinos, sobretudo de Despeñaperros (Jaén)³², podendo situar-se estilisticamente entre as formas dos dois cavalos ibéricos da Prähistorische Staatssammlung de Munique, um atribuído por Nicolini³³ ao século V, e o outro, menos elegante, com o corpo maciço, a cabeça cilíndrica com a extremidade plana, as orelhas na continuação da fronte, a cauda grossa e larga e com o sexo esquemático pastilhado, datado do século III ou II a.C.

Uma prótome de cavalo, achada isolada no depósito de Garvão, que deverá fazer parte de um recipiente, talvez com a função de pega, com formas muito geometrizes, a extremidade do focinho plana e as orelhas na continuação da testa, integra as características tardias dos séculos III e II, tanto da torêutica como da coroplastia peninsulares.

9.6. A urna de orelhetas perfuradas, com tampa cónica, está encimada por uma cabeça antropomórfica, com toucado alto em forma de leque, com nariz proeminente e largo, olhos grandes circulares, marcados por incisão e boca com lábios salientes.

Mostra, sob as orelhetas, duas asas, de perfil semicircular, colocadas verticalmente, decoradas com uma linha de pastilhas. O corpo desta urna está decorado com linhas de estampilhas de forma losangular, dispostas em paralelo, e por bandas horizontais, pintadas de cor vermelha, que também encontramos na tampa. Trata-se de um importante artefacto, com manifesto carácter votivo ou mesmo funerário, cujos melhores paralelos provêm de necrópoles ou de santuários da área levantina, alguns deles de grutas³⁴, embora sem as características barroquizantes que integram este exemplar na "fantasia ibérica",

³² ÁLVAREZ OSSORIO, F. — *Catálogo de los ex-votos de bronce ibéricos*. Museo Arqueológico Nacional, Madrid, 1941, pp. CXXXV, CLXI.

³³ NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), pp. 144-146, est. 37:27, 37:28.

³⁴ PÉREZ, J. A. — *El culto en cuevas en la region valenciana*. "Revista de la Universidad Complutense", XXV, n.º 101, pp. 9-30, (Homenaje a García Bellido, I), 1976.

conferida por Pellicer³⁵, a outras peças de forma complexa ou com grande carga decorativa.

Na Península Ibérica conhecem-se hoje muito mais de uma centena de urnas de orelhetas, distribuídas por cerca de setenta estações, sobretudo do Levante, observando-se na sua dispersão uma acentuada tendência litoral, sendo também conhecidas em Ibiza, revelando-nos o seu carácter exógeno e a sua origem no Mediterrâneo Oriental ou Central³⁶.

Os paralelos geograficamente mais próximos para a urna de orelhetas de Garvão, provêm da necrópole da II Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes) e do povoado de Chibanes (Setúbal). A primeira, encontrada completa, foi datada dos finais do século VI ou mesmo já do primeiro quartel do século V a.C., tanto pelos materiais a que estava associada como pela sua própria tipologia, mostrando forma e decoração dissemelhantes da urna de Garvão e carácter mais arcaizante.

A tampa de orelhetas de Chibanes, de fabricação local e sem roda, integra materiais mais tardios, onde encontraremos outros paralelos para o espólio de Garvão³⁷.

A urna de orelhetas perfuradas, com pintura barroquizante constituída por bandas e faixas de círculos concêntricos, proveniente do túmulo XIV da necrópole de Los Patos, em Cástulo, aproxima-se mais da exuberância decorativa que observamos no exemplar de Garvão. Esta necrópole, inserida num meio cultural rico, dependente da exploração de reservas minerais, sobretudo de prata, ofereceu ainda outros materiais, alguns com paralelos em Garvão, como cerâmicas com tratamento de verniz vermelho, cinzentas finas, ibéricas e gregas, um *aryballos* de vidro policromo e cerâmicas estampilhadas, podendo ser datada dos finais do século V a meados do século IV a.C.³⁸.

Na área levantina da Península, apresentam ainda paralelos com algum interesse cronológico e cultural para a urna de orelhetas, assim como para outras cerâmicas, do depósito votivo de Garvão, os espólios encontrados nas necrópoles de Villaricos (Almería), cujos materiais mais recuados remontam ao século VI, de La Solivella (Valência), datada no século V ou ainda dos finais

³⁵ PELLICER, M. — *Las primeras cerámicas a torno pintadas andaluzas y sus problemas*, in "Tartessos y sus Problemas: V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", Barcelona 1969, pp. 291-310, espec. pp. 54-55, 310.

³⁶ FLETCHER VALLS, D. — *Las urnas de orejetas perforadas*, in "Actas del VIII Congreso Nacional de Arqueología", 1963, Zaragoza, 1964, pp. 305-319. JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S. — *Les vases à oreillettes perforées en France et leurs similaires en Méditerranée Occidentale*. "Archivo de Prehistoria Levantina", XI, 1966, pp. 99-124. NORDSTRÖM, S. — *La céramique peinte ibérique de la province d'Alicante* (Acta Universitatis Stockholmiensis, VI), 1973, II, pp. 174-176. BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. — *A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)*. "O Arqueólogo Português", série IV, 1, 1983, pp. 207-266, espec. pp. 231-233, fig. 18.

³⁷ BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 36), pp. 219-221, 233, 255.

³⁸ BLAZQUEZ, J. M. — *Cástulo I* (Acta Arqueológica Hispánica, 8), Madrid, 1975, pp. 53, 58, 59, 90-94, 119, 230, fig. 41:1, est. IX:1.

do VI por algumas sepulturas, oferecerem fíbulas de dupla mola e de mola bilateral, de Toya (Peal del Becerro, Jaén) e de El Molar (Alicante), ambas com materiais que abrangem um largo período entre os finais do século VI e o século IV, assim como de Hoya de Santa Ana (Albacete), cuja maioria do espólio está centrada no século V, como a urna de orelhetas (sep. 70), um *oinochoe* de boca trilobada, um *aryballos*, dois touros de terracota e uma rara urna de cerâmica cinzenta decorada por impressões (sep. 77) ³⁹.

No interior da Meseta, a necrópole de Buenache de Alarcón (Cuenca) forneceu duas urnas globulares (sepulturas 16 e 17) com pares de orelhetas perfuradas, assim como a tampa de uma terceira urna daquele tipo, encontrada perto da incineração 2. A urna da sep. 16 não entregou qualquer espólio, enquanto a da incineração 17 continha no seu interior três fíbulas anulares, de bronze, com arco alto e cinco fusaíolas de forma bitroncocónica, com perfuração cilíndrica, uma delas decorada com pontos incisos formando segmentos de recta, materiais que também encontram paralelos no depósito secundário de Garvão.

Outras urnas desta mesma necrópole, datada de entre os séculos V e IV a.C., ofereceram também pequenas fíbulas anulares de bronze com arco alto, fíbulas de arco peraltado e pé de balaústre, de tipo La Tène, fusaíolas bitroncocónicas, uma delas, da incineração 1, decorada com linhas incisas formando triângulos e na base um motivo estelar. Algumas sepulturas continham pequenas taças de cerâmica cinzenta, com bordo ligeiramente introvertido e espessado no interior, forma 21 de Lamboglia, comum na cerâmica pré-campaniense datada do século IV a meados do século III ⁴⁰.

Reflectindo idênticas características, que encontrámos nos materiais de Buenache de Alarcón onde ressalta não só uma menor influência do comércio mediterrânico como aspectos arcaizantes, sobretudo no fabrico das cerâmicas, muitas delas montadas sem roda, é, ainda, perto de Cuenca, na necrópole de Las Madrigueras (Carrascosa del Campo) que, no túmulo III, estrato II, encontraremos uma urna de orelhetas perfuradas. É o único exemplar conhecido nesta estação, acompanhando, na mesma sepultura, duas pequenas urnas, uma fabricada sem torno e outra carenada com pé em anel, de cerâmica cinzenta fina fabricada ao torno, uma taça com bordo largo quase plano e duas

³⁹ JIMENEZ, J. S. — *Excavaciones y trabajos arqueológicos en la provincia de Albacete, de 1942 a 1946* (Informes y Memórias, 15), Madrid, 1947. ASTRUC, M. — *La necrópolis de Villarcos* (Informes y Memórias de la Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, 25), Madrid, 1951, pp. 57-59. FLETCHER VALLS, D. — *La necrópolis de la Solivella (Alcalá de Chivert)* (Série de Trabajos Varios, 32), Valencia, 1965, pp. 13, 26-28. SIESO, J. P. — *La cerámica ibérica procedente de Toya (Peal de Becerro, Jaén) en el Museo Arqueológico Nacional*. "Trabajos de Prehistoria", 36, 1979, pp. 289-347, espec. pp. 331-332. BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 36), pp. 240, 251, 252.

⁴⁰ LOSADA, H. — *La necrópolis de la Edad del Hierro de Buenache de Alarcón (Cuenca)*. "Trabajos de Prehistoria", Madrid, XX, 1966. BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 36), pp. 237-238, 252.

outras com bordo ligeiramente introvertido e espessado no interior, uma delas de cerâmica cinzenta (forma 21 de Lamboglia), assim como um fragmento de concha, pequenos objectos de ferro e de bronze. Esta sepultura foi datada dos finais do século V ou do início do século IV a.C. ⁴¹.

Uma tampa do povoado ibérico de Tossal de les Tenables (Lérida) encimada por uma cabeça antropomórfica, com os olhos em pastilha e o nariz proeminente, foi o único paralelo que encontramos para a tampa da urna de Garvão ⁴².

Atendendo aos paralelos detectados, sobretudo em relação aos motivos coroplásticos, devemos datar a urna de orelhetas de Garvão entre os finais do século IV e a primeira metade do século III a.C.

9.7. Não encontramos paralelos directos para alguns dos outros motivos coroplásticos que decoram recipientes de Garvão, como as duas pegas em forma de ave colocadas em posição oposta, junto ao bordo de um queimador, ou as grandes figuras antropomórficas que também serviam de pegas a um contentor ou *pitthos*. Uma destas figuras nuas, de realização tosca, mostra a cabeça com toucado em leque, semelhante ao da cabeça que encima a urna de orelhetas, e os olhos em pastilha, assentando o queixo e as mãos sobre o bordo do vaso. Pode constituir um possível protótipo, com figuras antropomórficas nuas em idêntica posição, o caldeiro assente numa base trípode de influência orientalizante do túmulo Bernardini de Praeneste, datado de meados do século VII (660-640), hoje no Museu de Villa Giulia ⁴³.

Um grande contentor de Garvão, com duas cabeças antropomórficas modeladas sob o bordo, tem paralelo numa cratera, decorada com uma cabeça proveniente de Ullastret ⁴⁴.

9.8. A temática ornitomorfa, utilizando geralmente pombas na decoração de vasos, tem sido encontrada sobretudo em contextos votivos e foi muito divulgada no Mediterrâneo a partir do século VIII.

Uma pequena taça ritual, policroma, de Palaikastro (Creta), datada do Minóico médio, mostra no interior uma pequena pomba com as asas abertas. Duas outras taças, de bordo ondulado assentes sobre pés altos de forma bitroncocónica, encontradas no Agora de Atenas, datadas nos finais do sé-

⁴¹ ALMAGRO GORBEA, M. — *La necrópolis celtibérica de "Las Madrigueras-Carrascosa del Campo"* (Cuenca) (Excavaciones Arqueológicas en España, 41), Madrid, 1965. ID. — *La necrópolis de "Las Madrigueras-Carrascosa del Campo"* (Cuenca) (Biblioteca Praehistorica Hispana, X), Madrid, 1969, pp. 38-40. BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 36), p. 251.

⁴² PERICOT, L. — *Cerámicas ibéricas*. Barcelona, Ediciones Polígrafa, 1979, p. 200, fig. 315.

⁴³ BANDINELLI, R. B.; GIULIANO, A. — *Los etruscos y la Italia anterior a Roma*, El Universo de las Formas, Aguilar, Madrid, 1974, pp. 134, 135, figs. 155, 156. PALLOTINO, M. — *Il Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia*. Roma, Edizioni Quasar, 1980, p. 283, fig. 390.

⁴⁴ PERICOT — *op. cit.* (v. nota 42), p. 212, fig. 341.

culo VIII (Período Geométrico), oferecem sobre o bordo e em posição diametralmente oposta, mas voltadas para o interior, duas pequenas pombas ⁴⁵.

Também em Fortetsa (Knossos), no túmulo X, datado do Período Geométrico tardio (850-750), contendo armas de ferro, *aryballoi*, contas de âmbar e de vidro, assim como elevado número de cerâmicas, foram encontradas soltas duas figuras de pombas de terracota (n.ºs 548 e 549), assim como uma pequena taça com quatro pombas assentes sobre o bordo, dispostas simetricamente duas a duas (n.º 551) e duas “árvores da vida” de cerâmicas, uma delas ainda com duas pombas (n.ºs 546 e 547) ⁴⁶.

No santuário de Knossos descobriu-se uma terracota representando um altar, constituído por três colunas cada uma encimada por uma pomba, uma divindade com uma daquelas aves sobre a cabeça assim como uma placa de ouro com a representação de uma deusa com pombas ⁴⁷.

Ainda em Knossos, no santuário de Demeter, foram encontradas duas pequenas pombas, uma delas proveniente de um depósito de oferendas, datadas de meados do século VI a.C. ⁴⁸

Igualmente a arrecada de Teke (Knossos), datada do século IX, apresenta uma decoração que associa pombas e cabeças de uma divindade ⁴⁹.

Uma divindade feminina alada segurando pombas, com protótipos na Etrúria e na Grécia (Artemis Orthia, Esparta), está representada nas arrecadas de filigrana de ouro de Santiago de la Espada (Jaén) (séc. VI a.C.) ⁵⁰.

A “dama de Paphos” aperta uma pomba sobre o peito ⁵¹; ave que acompanha representações da grande deusa-mãe Oriental Astarté, e da forma sincretizada cartaginesa Tanit, exumadas naquela cidade, conhecendo-se algumas procedentes do santuário e da necrópole de Puig des Molins, em Ibiza, datadas dos finais do século VI e do século V a.C. ⁵².

Alguns bronzes antropomórficos dos santuários ibéricos segurando pombas, nomeadamente de Collado de Los Jardines (Jaén), uma estátua do santuário de Endovélico (Alandroal), onde também se reconhece uma pomba, e um fragmento de El Gígarralejo, com uma mão sustentando uma daquelas

⁴⁵ KURTZ, D. C.; BOARDMAN, J. — *Greek burial customs*. Londres, Thames and Hudson, 1971, est. 9. BUCHHOLZ, H.; KARAGEORGHIS, V. — *Prehistoric Greece and Cyprus*. Londres, Phaidon Press, 1973, p. 69, 307.

⁴⁶ BROCK, J. K. — *Fortetsa, Early Greek Tombs near Knossos*. Cambridge, University Press, 1957, pp. 41-43, 53-54, ests. 36 e 37.

⁴⁷ GLOTZ, G. — *La Civilisation Égéenne*. Paris, Éditions Albin Michel, 1937, pp. 266, 285.

⁴⁸ COLDSTREAM — *op. cit.* (v. nota 18), pp. 90, 91, est. 65, n.ºs 261, 264.

⁴⁹ BOARDMAN, J. — *The greeks overseas, their early colonies and trade*. Londres, Thames and Hudson, 1980, p. 57.

⁵⁰ BLÁZQUEZ, J. M. — *La interpretación de la pátera de Tivisa*. “Ampurias”, XVII-XVIII, 1955-56, pp. 111-139, espec. p. 121. SANTA-OLALLA, J. M. — *Esquema Paleontológico de la Península Hispánica* (Publicaciones del Seminario de História Primitiva del Hombre), Madrid, 1946, p. 139, est. XLI.

⁵¹ GLOTZ — *op. cit.* (v. nota 47), p. 285.

⁵² ALMAGRO GORBEA — *op. cit.* (v. nota 20), pp. 52, 158, 159. FERNANDEZ, J. H. — *El hipogeo número 6 de la campaña de 1923 en El Puig des Molins* “Homenaje al Prof. Martin Almagro Basch”, vol. II, 1983, pp. 325-347.

aves, parecem ainda alargar temática e geograficamente aquele importante aspecto mitográfico ⁵³.

Conhecem-se *askoi* em forma de pomba provenientes de Cartago ⁵⁴, da Sardenha (Tharros, Caralis), de Ibiza (Puig des Molins, Ca Na Jondala, Cala Vedella) ⁵⁵, datados dos séculos IV-III a.C., assim como na Península, certamente devido à influência púnica, nos povoados de Coimbra del Barranco Ancho (Múrcia) e de Margalef (Lérida), nos santuários de La Serreta (Alicante) (séc. III) e Ullastret (Gerona) ⁵⁶, na necrópole de Cádiz ⁵⁷, na necrópole de Las Cogotas (Ávila), datados do século IV ⁵⁸ e ainda em Numância ⁵⁹; estes últimos de modelado mais rudimentar e demonstrando claras influências do mundo ibérico, como aliás estão denunciadas em muitos dos aspectos das cerâmicas mais tardias desta estação. No Sudoeste peninsular encontrou um de nós (C. M. B.), em 1973, no túmulo 2 do núcleo B, da necrópole da I Idade do Ferro da Chada (Ourique), uma pequena taça com tratamento de verniz vermelho, no interior e em faixas no exterior e no fundo, forma 11 “tartesso-oriental” de E. Cuadrado ⁶⁰, duas grandes contas de pasta vítrea de cor negra, oculadas a branco, e duas pequenas representações de pombos em terracota, com as asas abertas, tendo sido o conjunto datado do século VII a.C. ⁶¹.

Estes artefactos constituíam as oferendas de uma sepultura, descoberta já violada, podendo a taça ter inicialmente contido as duas pequenas esculturas ornitomorfas, como observámos na peça de Palaikastro ou nas do Ágora de Atenas, associação a que não é estranha a disposição das pombas no queimador de Garvão.

Significado semelhante, certamente a representação de um atributo de uma divindade feminina a quem se dedicavam os recipientes, pode ser ainda

⁵³ VASCONCELOS, J. Leite de — *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Imprensa Nacional, Lisboa, 1905, pp. 111-146. ÁLVAREZ OSSORIO — *op. cit.* (v. nota 32), p. 29, ests. I e XV. ARRIBAS, A. — *Os Iberos* (Historia Mundi), Verbo, Lisboa, 1967, p. 63, est. 39.

⁵⁴ FANTAR, M. — *De Carthage à Kairouan. 2000 ans d'Art et d'Histoire en Tunisie*. Paris, Ministère des Relations Extérieures, Association Française d'Action Artistique, 1983, p. 68.

⁵⁵ TARRADELL, M.; TARRADELL, M. F. — *Materiales púnicos de Ibiza en el Museo de Lluç. “Revista de la Universidad Complutense”, XXV (Homenaje a García Bellido, vol. II), 1976, p. 15, est. 15. RIAZA, A. R. — Colección de Cerámica Púnica de Ibiza. Madrid, Museo Arqueológico Nacional, 1980, pp. 20-21, 78-79, ests. 9-10.*

⁵⁶ NORDSTRÖM — *op. cit.* (v. nota 36), I, p. 75; II, pp. 193, 194, 277.

⁵⁷ JUNYENT, E. — *Los materiales del poblado ibérico de Margalef en Torregrossa (Lérida). “Pyrenae”, 8, 1972, pp. 89-132, espec. p. 91.*

⁵⁸ CABRÉ, J. — *Excavaciones de las Cogotas, Cardenosa (Ávila), II-La necrópoli* (Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, 120), 1932, p. 49, est. LIV.

⁵⁹ WATTENBERG, F. — *Las cerámicas Indígenas de Numancia* (Biblioteca Praehistorica Hispana, IV), Madrid, 1963, p. 237.

⁶⁰ CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 12), p. 261.

⁶¹ BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 23, 1980), pp. 24, 25. BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 23, 1984).

⁶² ARRIBAS — *op. cit.* (v. nota 53), pp. 145-149, est. 16. CABRÉ, J. — *Arquitectura hispánica, El sepulcro de Toga*, “Arch. Esp. de Arte y Arqueología”, n.º 1, 1925, pp. 73-101.

reconhecido nos vasos de cerâmica com tampas encimadas por pombas encontrados em Toya (Jaén) e em La Serreta (Alicante). O vaso de Toya é uma *pyxis*, com tampa e duas asas verticais, semicirculares, colocadas junto ao bordo, ricamente decorada com frisos excisos e motivos geométricos e fitomórficos pintados. Fazia parte do espólio de uma grande sepultura, com três naves e cinco compartimentos que continham urnas de pedra decoradas, outras cerâmicas, armas, jóias e os restos de um carro ⁶².

O recipiente de La Serreta apresenta corpo cilíndrico com o bordo e a tampa ajustáveis, recortados em grandes dentes de lobo, oferecendo ainda restos de pintura ⁶³.

Estas peças constituem dois raros exemplares de cerâmica “ibérica” que associam a coroplastia às formas da decoração pintada, onde encontramos em alguns exemplares idêntica temática ornitomorfa, como nos oferece o “vaso dos pássaros” de Azaila, com a representação da “árvore da vida”, ou o *kalathos* do Cabecico del Tesoro de Verdolay (Múrcia) com uma pomba e um motivo vegetal muito estilizado ⁶⁴.

Recentemente foi escavado, em Alhonor (Sevilha), o que julgamos ser um depósito votivo do século III, semelhante ao de Garvão, tendo ali aparecido um queimador com tratamento de verniz vermelho, cujo pé está também decorado com pombas, oferecendo um bom paralelo para a peça de Garvão que temos vindo a tratar, sobretudo em relação ao seu possível significado ⁶⁵. As representações de pombas do queimador de Garvão são símbolos ou atributos característicos de uma divindade feminina do círculo das deusas-mães mediterrânicas, com os seus polimorfismos e epifanias inumeráveis — deusa da fecundidade humana e agrária, da terra e do amor — que encontra protótipos tanto na Etrúria, como na Grécia, no Egipto, na Fenícia ou em Cartago e com a qual estaria também conotada a própria função do queimador. Um *bothros* escavado perto do templo de Demeter em Cartago encontrava-se repleto de *thymiateria*, reproduzindo um modelo helenístico de cabeça antropomórfica feminina, utilizados nos rituais religiosos realizados em honra daquela deusa ⁶⁶, aliás muito semelhantes aos provenientes de um depósito votivo de Villaricos ^{66a}, alguns destes mostrando representações de aves afrontadas sobre a frente.

9.9. O *aspergillus*, de Garvão, possui um raro paralelo numa peça idêntica proveniente de “depósito de fundação” do Tophet de Cartago, hoje no Mu-

⁶² PERICOT — *op. cit.* (v. nota 42), p. 136, est. 184.

⁶⁴ ARRIBAS — *op. cit.* (v. nota 53), p. 170. PERICOT — *op. cit.* (v. nota 42), p. 29, figs. 31 e 32.

⁶⁵ PALOMO, L. A. L. — *Alhonor, Ciudad perdida en la Protohistoria Andaluza*. “Revista de Arqueología”, 26, 1983, pp. 16-23, espec. p. 23. IDEM — *El poblado de Alhonor (Herrera — Sevilha)*, in “Homenaje a Conchita Fernandez Chicano”, 1982, pp. 157-169.

⁶⁶ PICARD — *op. cit.* (v. nota 14), pp. 168, 169.

^{66a} ALMAGRO-GORBEA, M. J. — *Un deposito votivo de terracotas de Villaricos*, in “Homenaje al Prof. Martin Almagro Basch”, vol. II, 1983, pp. 291-307, 334-336, fig. 6.3.

seu do Bardo, devendo de ser valorizado com os rituais de sacralização daquele espaço, efectuados no século VII a.C., e que incluíam a bênção com água ⁶⁷. Uma outra peça que poderá estar ligada ao mesmo tipo de cerimónia é o *oinochoe* de *bucchero* negro com boca trilobulada, o bico central fechado por uma placa perfurada por pequenos orifícios como os de um *aspergillus*, e com as paredes decoradas por esgrafitos de tipo orientalizante, datado na segunda metade do século VII a.C. ⁶⁸.

9.10. As finas placas, de ouro e de prata, decoradas pela técnica do repuxamento, com motivos e formas variadas, constituem talvez um dos mais interessantes núcleos de ex-votos desta estação. Treze placas, completas ou fragmentadas, oferecem representações de olhos e são claramente ex-votos anatómicos; uma placa mostra uma representação antropomórfica esquemática e outra uma cabeça feminina da qual pende um colar longo. Esta última, de forma subtrapezoidal e de prata, é a que apresenta tratamento técnico mais cuidado e relevo mais elevado. A cabeça mostra nariz proeminente e longo, sobrancelhas espessas e um toucado, ou banda de canudos verticais, de cabelos enrolados sobre a testa. Tanto o penteado como o restante tratamento plástico da face da representação desta placa lembram exemplares coroplásticos de Ibiza, parecendo reproduzir um mesmo modelo.

Algumas *korai* de Puig des Molins, em terracota e fabricadas com moldes, mostram idênticos penteados de canudos, os mesmos olhos e o nariz exageradamente grandes. Estas peças, onde se identificam influências ródias e chipriotas, têm vindo a ser datadas no século V ou dos finais do século VI a.C. e algumas, representadas de pé, seguram, como já anteriormente referimos, uma pomba ou *askos* ornitomorfo ⁶⁹. É pena não se poder determinar com precisão qual a forma do pendente reproduzido na extremidade do colar da placa de Garvão, parecendo-nos, no entanto, podermos reconhecer um contorno semilunar, representado invertido, que, a confirmar-se, nos indicaria estarmos em presença de uma imagem de Tanit, cuja iconografia muito variada encontra abundantes exemplos em Ibiza e, naturalmente, em Cartago.

No grande tesouro descoberto em Salvacañete (Cuenca) que continha uma placa de prata oculada, semelhante às de Garvão, encontramos duas outras placas com representações antropomórficas repuxadas em relevo, uma delas associada a uma ave e a uma abelha, certamente uma imagem da deusa-mãe reunindo atributos particulares tanto a Astarté-Tanit como a Artemis ⁷⁰.

A associação das abelhas com Artemis, como oferecem as placas de ouro

⁶⁷ FANTAR — *op. cit.* (v. nota 54), pp. 32-33.

⁶⁸ PALLOTINO — *op. cit.* (v. nota 43), p. 204, fig. 263.

⁶⁹ ALMAGRO GORBEA — *op. cit.* (v. nota 20), pp. 52, 158, fig. 20.

⁷⁰ CABRÉ J. — *El tesoro de plata de Salvacañete (Cuenca)*. "Archivo Español de Arte y Arqueología", 35, 1936, p. 154, est. VI. RADDATZ, K. — *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des dritten bis zur Mitte des ersten Jahrhunderts vor Chr. Geb.* (Madrider Forschungen, 5), Walter de Gruyter, Berlin, 1969, pp. 103, 104, 247, ests. 50:5, 6; 53:30.

de Camiros (Rodas, séc. VII a.C.), reflectem aspectos de antigos cultos mino-rasiáticos simbolizando o poder da regeneração periódica, o controlo do mundo animal e o conhecimento superior ou a visão transcendental ⁷¹.

É ainda no santuário de Artemis Orthia, em Esparta, que encontraremos, no século VII, ex-votos representando figuras antropomórficas, algumas de divindades, recortadas em folha de estanho ⁷². Estes ex-votos de influência oriental têm os seus protótipos nos pendentes e nas placas metálicas recortadas, decoradas com a técnica do repuxado e incisão, da Anatólia (Zincirli), da Síria (Tell Beit Mirsim, Tell Nebi-Mend Minet el-Beida, Lachish, Ras-Shamra, Byblos, Nahoriya), da Palestina (Meggido, Acre, Hazor, Bethsean) e de Chipre (Enkomi, Amathonte, necrópole do século IX que ofereceu duas placas de ouro com Artartés), representando divindades femininas como a Ishtar assíria, a Qudsu síria, a Asherah cananita, ou a Astarté fenícia, oferecidas nos grandes santuários, fazendo depois parte dos seus depósitos votivos ⁷³. Estas placas, em forma de pêra, com representações divinas são conhecidas desde o III milénio a.C., embora sejam mais frequentes a partir de meados do II milénio, mostram geralmente a deusa nua em posição hierática, com penteado hathórico, com um braço erguido no gesto de benzer e o outro sobre o ventre ou com ambas as mãos agarrando os peitos. Em Tell Beit Mirsim (Síria) foram datadas algumas delas já do século VI a.C., oferecendo paralelos para os ex-votos de placas metálicas dos templos gregos de Samos, Ephesus e Chios que exibem uma deusa de pé sobre um leão (séc. VI a.C.) ⁷⁴.

São contemporâneas das placas com divindades, tanto de Garvão como de Salvacañete, algumas das figuras muito esquemáticas, de chapa metálica recortada, dos santuários ibéricos levantinos como as de Collado de los Jardines e de Castellar de Santisteban ⁷⁵, assim como os ex-votos representando divindades do santuário de Reitia em Este (Pádua), também datados dos séculos IV-III a.C., encontrados em depósitos votivos e mostrando uma assimilação de cultos dos santuários etruscos e itálicos ⁷⁶.

Embora ainda não disponhamos de dados estratigráficos que datem os bronzes esquemáticos ibéricos, devemos aqui valorizar as pequenas figuras antropomórficas recortadas em chapa e as placas metálicas com representações de olhos, cujos paralelos com os ex-votos de Garvão são flagrantes e de que se conhecem alguns exemplares provenientes de Collado de los Jardines, atri-

⁷¹ GIMBUTAS, M. — *The gods and goddesses of Old Europe 7000-3500 B.C., myths, legends & cult images*. Londres, Thames and Hudson, 1974, pp. 182, 189, 198, fig. 179. BOARDMAN — *op. cit.* (v. nota 49), p. 94, fig. 108.

⁷² BOARDMAN — *op. cit.* (v. nota 49), p. 75, fig. 76.

⁷³ ALBRIGHT, W. F. — *Astarte plaques and figurines from Tell Beit Mirsim: Mélanges Syriens offertes à M. René Dussaud*, vol. I, 1939, pp. 107-120, espec. p. 108. NEGBI — *op. cit.* (v. nota 16), pp. 95-99. KARAGEORGHIS — *op. cit.* (v. nota 17), pp. 694-696.

⁷⁴ ALBRIGHT — *op. cit.* (v. nota 73), p. 114. NEGBI — *op. cit.* (v. nota 16), pp. 86-99. BOARDMAN — *op. cit.* (v. nota 49), p. 76.

⁷⁵ ÁLVAREZ OSSORIO — *op. cit.* (v. nota 32), ests. LXXXIII, LXXXIX, CXI, CXXV. NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), pp. 112-113, 239, 251-252.

⁷⁶ BANDINELLI; GIULIANO — *op. cit.* (v. nota 43), pp. 51, 53, figs. 52, 53.

buídos aos séculos IV e III a.C., cronologia também encontrada para o depósito alentejano ⁷⁷. Nicolini ⁷⁸ datou daquele período um bronze antropomórfico esquemático e uma figura recortada por ele descobertos, no estrato III do santuário de Castellar de Santisteban, associados a pequenos fragmentos de cerâmica com tratamento de verniz vermelho, de tipo tardio, e as cerâmicas ibéricas decoradas com bandas e teorias de círculos concêntricos. Oferece-nos um outro raro dado cronológico o bronze esquemático de Puente Genil, já anteriormente por nós referido, encontrado associado a uma moeda de Gades, em princípio posterior a 236 a.C.

A outra placa de prata, com forma sub-rectangular, contém, como já referimos, a toda a altura uma figura muito esquemática, com os braços erguidos ao alto, na “posição do orante”, pernas lineares e curvilíneas e uma pequena cabeça, onde se reconhecem os olhos e a boca envolvida por uma espécie de cabeleira ou de manto. O peito oferece uma enorme palmeta com as extremidades enroladas em volutas sobre as zonas correspondentes aos seios. A presença maximizada da palmeta, sobre o peito de uma personagem feminina, encontra paralelos em aspectos característicos de exemplares da coproplastia proveniente dos santuários púnicos, especificamente em figuras atribuídas à deusa Tanit. A grande palmeta, geralmente incisa, foi representada no peito de várias terracotas, de corpo inteiro ou apenas em bustos, classificadas como figuras da deusa cartaginesa, datadas nos séculos IV e III a.C., como nos mostram exemplares de Sainte-Monique (Cartago), de Puig des Molins (Ibiza) e dois outros, hoje no Museu Pré-histórico de Valência, cuja proveniência se não conhece com exactidão mas que se presume terem sido igualmente encontrados em Ibiza ⁷⁹.

É interessante notarmos que ao tentarmos fazer o estudo comparativo de mais uma figuração antropomórfica deste depósito de Garvão, temos de recorrer novamente aos materiais púnicos de Ibiza, pois os escassos elementos iconográficos disponíveis que as caracterizam se identificam com aspectos próprios das representações da que foi, a partir do século V, a principal divindade feminina de Cartago.

Os símbolos da iconografia atribuída a Tanit, representando os principais atributos da deusa, associam-se a uma solenização típica dos gestos e a um certo hieratismo, que convém a uma divindade, como a “posição de orante”, com os braços semi-erguidos em atitude de oração ou de acolhimento, em alguns casos com um braço levantado, repousando o outro sobre o ventre, manifestando saudação e acolhimento, ou, ainda, com os braços cruzados sobre os seios ou caídos aos lados do corpo, segurando símbolos identificati-

⁷⁷ OSSORIO — *op. cit.* (v. nota 32), ests. CXLVI.

⁷⁸ NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), pp. 44-46, 239.

⁷⁹ PICARD — *op. cit.* (v. nota 27) ests. XII, XIII. GARCIA Y BELLIDO — *op. cit.* (v. nota 26), p. 431, fig. 336. AUBET, M. E. — *Algunos aspectos sobre iconografía púnica: las representaciones aladas de Tanit*. “Revista de la Universidad Complutense”, XXV, (Homenaje a García Bellido, I), 1976, pp. 61-82, espec. p. 67, est. IV. ALMAGRO GORBEA — *op. cit.* (v. nota 20), pp. 70, 177, fig. 46.

vos. Entre a vasta iconografia atribuída a Tanit encontramos o crescente e o disco, por vezes associados numa forma luni-solar, a estrela, o denominado signo de Tanit ou de Cartago, que é uma esquematização do orante, a flor de lótus, a palmeta, a palmeira, a granada, a pomba, o colar e o manto ou véu; lembrando os atributos da divindade senhora da vida e da felicidade, da morte e também da regeneração ou ressurreição.

As placas oculadas são um outro elemento fundamental para a interpretação funcional do santuário de Garvão, para o conhecimento do tipo de culto, das práticas religiosas processadas e das divindades ali cultuadas, assim como da sua possível estruturação, certamente integrando os restantes artefactos encontrados neste depósito. Aquelas peças e as reproduções de maxilares humanos constituem os únicos ex-votos até ao momento identificados com claro significado anatómico, devendo reflectir o resultado directo de curas, neste caso especialmente de carácter oftalmológico e acontecidas através da intervenção divina, denunciando-nos um aspecto importante do carácter profiláctico do santuário.

Duas das placas oculadas são de ouro e onze são de prata, mostrando nove recorte sub-retangular; uma é trapezoidal e, uma outra, constituída por dois círculos tangentes.

Este tipo de ex-votos encontra paralelos peninsulares, fabricados em prata, não só numa placa oculada (medindo 51 mm × 21 mm e com 3 g de peso) do tesouro de Salvacañete (Cuenca), já referido, como em dois outros exemplares, um pouco mais pequenos que aquele (com 46 mm × 41 mm e com 38 mm × 23 mm e 1 g de peso), encontrados em Drieves (Guadalajara) fazendo parte de um outro tesouro, ou ainda numa placa oculada recortada, em forma de 8, com 120 mm de comprimento, encontrada em Alhonoiz (Sevilha), no interior de um vaso, no possível depósito votivo, constituído sobretudo, tal como em Garvão, por um grande número de cerâmicas com formas diversificadas e datadas no século III a.C.⁸⁰

O restante espólio dos dois tesouros referidos, formado essencialmente por objectos de prata, mantém grandes relações entre si por oferecer outras peças que encontramos em ambos, como moedas, vasos ou os seus fragmentos, fíbulas, pequenos lingotes, anéis, braceletes e címbalos.

Esta identificação qualitativa reconhecida tanto em termos de variedade das peças que constituem os referidos espólios como até da própria matéria-prima em que foram fabricadas — a prata — conduz-nos a pensar que aqueles núcleos terão sido essencialmente formados a partir de elementos retirados de santuários. O depósito votivo de Garvão abona de certo modo esta hipótese, pois já ofereceu, para além dos ex-votos oculados ou com figurações antropomórficas, muitas outras pequenas peças de prata (moeda, fíbula,

⁸⁰ CABRÉ — *op. cit.* (v. nota 70). SAN VALERO APARISI, J. — *El tesoro preimperial de plata de Drieves (Guadalajara)* (Informes e Memorias de la Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, 9), Madrid, 1945. RADDATZ — *op. cit.* (v. nota 70), pp. 103, 104, 218, 247, ests. 15. 50:5, 6, 53:30. PALOMO, L. A. L. — *Bronces y plata tartésicos de Alhonoiz y su hinterland. "Zephyrus"*, XXXII-XXXIII, 1981, pp. 245-261. PALOMO — *op. cit.* (v. nota 65).

címbalo, anéis, bracelete) que ali assumem um inequívoco carácter votivo e revelam afinidades com as peças daqueles dois tesouros.

Tanto o tesouro de Drieves como o de Salvacañete contêm moedas romanas republicanas que poderão ser datadas do primeiro terço do século I, embora nos pareça que a maioria daquelas peças, reunidas pelo seu valor intrínseco que lhes é conferido pelo material em que estão fabricadas, possa pertencer à segunda metade do século IV e ao século III a.C.

O tipo de vasos de prata que encontramos em ambos os tesouros, sobretudo as taças com decoração vegetalista realizada por repuxamento, pode ser comparado com peças idênticas provenientes do Castellet de Banyoles de Tivissa (Baixo Ebro), não devendo serem posteriores aos finais do século III; data em que o povoado terá sido destruído durante as campanhas da Segunda Guerra Púnica⁸¹.

Outras peças semelhantes têm sido também encontradas, sobretudo no Sudeste peninsular, fazendo parte de tesouros, conjuntamente com moedas das oficinas hispânicas e por vezes com denários romanos (Torres, El Alcornocal, Pozoblanco). Tanto os recipientes de prata, cujas formas e decoração vegetalistas devem de ser atribuídas a influências orientais, como as restantes peças fabricadas naquele metal deverão ser de fabrico peninsular, realizadas por ourives autóctones, tanto mais que a matéria-prima utilizada, abundava no Sul e no Sudeste peninsular.

Também o santuário de Collado de los Jardines (Jaén) ofereceu placas oculadas, mas de bronze, conhecendo-se uma rectangular e quatro recortadas em forma de 8, com globo ocular e as pestanas representadas por finas incisões⁸². Um outro ex-voto daquele tipo, fazendo parte do núcleo de bronzes ibéricos da Prähistorische Staatssammlung, mostra os olhos com as pálpebras e a íris representadas através da técnica do repuxado⁸³.

Fora da Península Ibérica encontramos paralelos para estas placas oculadas nos grandes santuários, com carácter profiláctico, da Idade do Ferro, tendo alguns sobrevivido até à época romana, como nos das Sources de la Seine (Borgonha) ou da Source des Roches à Chamalières (Clermont-Ferrand). Naquele primeiro santuário, onde se encontrou um vaso dedicado à deusa Sequana (da "água clara nascida da terra"), foram inventariadas 119 placas oculadas, gravadas por repuxamento sobre finas folhas de bronze, recolhidas com uma enorme quantidade de esculturas de madeira, algumas delas também constituindo claros ex-votos anatómicos. Uma das placas oculadas ali descobertas encontrava-se fixada, por pregagem, a uma pequena tábuia; mostrando outras daquelas peças perfurações, junto aos cantos, certamente com a mesma finalidade. A natural importância dada tanto à prevenção, como à cura, das

⁸¹ BLÁZQUEZ — *op. cit.* (v. nota 50), pp. 111-139. SERRA-RÀFOLS, J. de C. — *La destrucción del poblado ibérico del Castellet de Banyoles de Tivissa (Bajo Ebro)*. "Ampurias", XXVI-XXVII, 1964-1965, pp. 105-134.

⁸² ÁLVAREZ OSSORIO — *op. cit.* (v. nota 32), est. CXLVI.

⁸³ NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), p. 142, est. 36:24.

doenças oftalmológicas reveste outros aspectos como no especial relevo da representação daqueles órgãos patente na cabeça de madeira do santuário de Bourbonne-les-Bains (Haute-Marne), recortados em folha de bronze e aplicados por pregagem ⁸⁴.

No santuário da Source des Roches à Chamalières, descoberto apenas em 1968, recolheram-se mais de 10 000 objectos e, entre eles, igualmente uma placa oculada com olhos de bronze ⁸⁵, indicando-nos a popularização e a continuação de mitos e práticas cujas origens europeias podem remontar aos vasos e aos “ídolos” oculados do Neolítico e chegarem até nós através de cultos mais ou menos cristianizados. É disso exemplo Santa Luzia a quem ainda hoje, bem perto de Garvão, se oferecem ex-votos constituídos por placas oculadas de prata, culto aliás muito difundido na Andaluzia ⁸⁶.

Encontrámos ainda outros paralelos para aqueles ex-votos de Garvão nas placas metálicas oculadas dos depósitos votivos do século VIII da Sicília (Sabucina, Caltanissetta) e da Catânia (Mendolito, Adrano), parecendo-nos que o carácter profiláctico dos olhos deve de ter igualmente inspirado a decoração de um capacete de bronze proveniente da necrópole de Tarquinia ⁸⁷.

Um significado semelhante deverão conter as pinturas vasculares com olhos apotropaicos como, por exemplo, do *Kylix* ático de figuras negras, da ex-colecção Pesciotti, no Museu de Villa Giulia, das taças que Rhoikos dedicou a Afrodite em Naucratis (séc. VI), e alguns raros vasos encontrados no mundo ibérico, em S. Miguel de Liria (Valência), no Castilho de Allosa (Teruel) e também em Ullastret (Gerona) ⁸⁸. Das necrópoles de Cartago provêm placas rectangulares, datadas nos séculos IV e III a.C., de casca de ovo de avestruz, com representações oculadas pintadas ⁸⁹.

9.11. O pequeno címbalo de prata é um outro interessante artefacto com paralelos no tesouro de Salvacañete, na necrópole de Villaricos e de el Cigarralejo (túmulo 200) e ainda nos depósitos votivos de Ibiza, oferecendo dados cronológicos e culturais já por nós largamente referidos ⁹⁰.

Dois outros daqueles instrumentos musicais, fabricados em bronze, en-

⁸⁴ DEYTS, S. — *La religion gallo-romaine en Bourgogne*. “Archeologia”, 57, 1973, pp. 21-27. ID. — *op. cit.* (v. nota 21), pp. 8, 52, 53, 126, 143, 188, 189, 213, fig. 23, est. LXXXIV:b.

⁸⁵ DUMONTET, M.; ROMEUF, A. M. — *Ex-voto gallo-romains de la Source des Roches à Chamalières*. Clermont-Ferrand, Musée Bargoin, 1980, p. 44, est. XLI.

⁸⁶ NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), p. 143.

⁸⁷ BANDINELLI; GIULIANO — *op. cit.* (v. nota 43), pp. 18, 19, 78, figs. 16, 17, 82.

⁸⁸ NORDSTRÖM — *op. cit.* (v. nota 36), II, p. 211. PALLOTINO — *op. cit.* (v. nota 43), p. 221, fig. 295. BOARDMAN — *op. cit.* (v. nota 49), p. 132.

⁸⁹ HARDEN, H. — *Os fenícios* (Historia Mundi), Verbo, Lisboa, 1968, p. 214, fig. 77. FANTAR — *op. cit.* (v. nota 54), p. 60.

⁹⁰ CABRÉ — *op. cit.* (v. nota 70), pp. 152-154, est. VI. ASTRUC — *op. cit.* (v. nota 39). CUADRADO, E. — *Tumbas principescas de El Cigarralejo*. “Madrider Mitteilungen”, 9, 1968, pp. 151-154. RADDATZ — *op. cit.* (v. nota 70), est. 52. GARCIA Y BELLIDO — *op. cit.* (v. nota 26), pp. 434-436.

contrados associados a astrágalos de cabra no *silicernium* 9a, integravam a fase mais recente (séc. V a.C.) da necrópole de Medellín (Badajoz) ⁹¹.

Peças idênticas da necrópole púnica de Erg el Ghazouani (Kerkouane) foram datadas dos séculos IV e III a.C., crendo-se que a música agradaria à alma dos mortos afastando também os espíritos maléficos ⁹².

Os címbalos, alguns com dimensões muito reduzidas, são conhecidos no Próximo Oriente desde o III milénio a.C., encontrando-se, desde o Período Arcaico, tanto nos santuários cretenses como helénicos; sendo utilizados em Knossos durante os séculos IV e III a.C. nos rituais nocturnos dos cultos mistéricos dedicados a Demeter. Uma daquelas peças, de Arcadia, mostra mesmo uma dedicatória a Kore, divindade sincretizada com Demeter ⁹³. De Castañuelo (Huelva), provêm três címbalos de ouro atribuídos aos finais da Idade do Bronze do SO ⁹⁴.

9.12. A pequena fíbula anular hispânica, de prata, encontrada no depósito de Garvão pode ter sido uma peça de uso comum, depois utilizada como oferenda, tal como aconteceu com muitos outros exemplares semelhantes, geralmente de bronze, provenientes de alguns santuários ibéricos.

Nos santuários da Serra Morena (Castellar de Santisteban e Collado de los Jardines) foram recolhidas mais de dois milhares de fíbulas anulares, muitas verdadeiras miniaturas, constituídas por anel, arco simples e agulha, do tipo 4c de Cuadrado, cuja datação, difícil de precisar, está centrada nos séculos IV e III a.C.

Este tipo de fíbulas de pequenas dimensões deriva de fíbulas de maior formato bem conhecidas na Península desde o século VI ⁹⁵. As pequenas fíbulas anulares têm sido encontradas sobretudo na área mediterrânica da Península (Cabecico del Tesoro, Bastida de Mogente, Puig Castellar, Hoya de Santa Ana) tendo ainda aparecido exemplares em algumas necrópoles da Meseta, já por nós referidas, como Aguilar de Anguita, La Osera, La Mercadera, Las Cogotas, Las Madrigueras (estrato I), Buenache de Alarcón, onde estão associadas a materiais cronologicamente situados entre o século IV e o III a.C.

Uma datação mais aproximada para este tipo de fíbulas é-nos oferecida pela sepultura 48 de Villaricos, cujo espólio incluía duas cráteras áticas de figuras vermelhas, uma delas datada de 400-380 a.C. por ser atribuída, por Beazley, ao "retorted painter". Também na necrópole de Cabrera de Mataró, a fíbula anular hispânica encontrava-se associada a cerâmicas negras áticas e de

⁹¹ ALMAGRO GORBEA, M. A. — *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura* (Biblioteca Praehistorica Hispana, XIV), Madrid, 1977, pp. 342, 343, 391, 410, 413, fig. 136.

⁹² FANTAR — *op. cit.* (v. nota 54), p. 72.

⁹³ COLDSTREAM — *op. cit.* (v. nota 18), pp. 143-144, 185, fig. 33, est. 89.

⁹⁴ SCHUBART, H. — *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel* (Madrider Forschungen, 9), Walter de Gruyter, Berlin, 1975, est. 54.

⁹⁵ BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 36), pp. 261-262.

figuras vermelhas dos séculos IV e III a.C. Igualmente na necrópole de El Cigarralejo aquelas fíbulas foram incluídas em dois ricos espólios funerários do século IV; o túmulo 200 posterior a 350 a.C. e o túmulo 277 que lhe é algo anterior ⁹⁶.

9.13. Os fragmentos de fíbulas de arco peraltado e com pé de balaúste, de tipo La Tène e do grupo 3a da sistematização de Cuadrado ⁹⁷, provenientes de Garvão, um deles encontrado no seio do depósito e dois outros no Q.4, corroboram as datações atribuídas à fíbula anular.

Na necrópole de El Cigarralejo, tanto no túmulo 200 como no 277, foram encontrados associados aqueles dois tipos de fíbulas demonstrando a sua contemporaneidade. O túmulo mais antigo (277), datado no primeiro quartel do século IV continha, entre outro material, quatro fíbulas de arco peraltado com pé em balaústre de La Tène, e duas fíbulas anulares, fragmentos de um *oinochoe* de pasta vítrea, fusaíolas, um prato e *kotylai* de cerâmica pré-campaniense ática. No túmulo 200, algo posterior ao 277, encontrou-se também grande número de peças entre as quais seis fíbulas La Tène, duas fíbulas anulares, três címbalos e anéis de bronze, material que encontra paralelos no espólio de Garvão; assim como *kantharoi*, *kylikes* e *kotylai* áticos, os mais recentes datados do segundo quarto do século IV, sendo a tumulação posterior a 350 a.C.

Um túmulo mais recente (239) daquela necrópole continha, igualmente, uma fíbula La Tène e um *kantharos* ático de verniz negro do terceiro quartel do século IV ou seja entre 350 e 325 a.C. As fíbulas La Tène de El Cigarralejo escalonam-se, portanto, desde os inícios até ao final do século IV a.C. ⁹⁸.

Conhecem-se igualmente estas fíbulas nos santuários ibéricos da Serra Morena, onde as encontramos associadas às fíbulas anulares hispânicas, embora pareçam ser um tipo originário do SE da França-Golfo de Leão, ali conhecidas na segunda metade do século VI, com outros protótipos hallstáticos na Meseta, encontrando-se nas necrópoles de Las Cogotas, La Mercadera, Osma, Miraveche, Buenache de Alarcón e de Aguilar de Anguita ⁹⁹. Desta última necrópole provém o pé de uma fíbula terminando numa elipse achatada,

⁹⁶ ÁLVAREZ OSSORIO — *op. cit.* (v. nota 32), est. CLXII. CUADRADO, E. — *La fíbula anular hispanica y sus problemas*. "Zephyrus", VIII, 1957, pp. 5-76, espec. p. 40, 50, 51, 66. CUADRADO, E. — *Precedentes y prototipos de la fíbula anular hispanica*. "Trabajos de Prehistoria", VII, Madrid, 1963. CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 90), pp. 151-154, 166-172. NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), pp. 144, est. 36, 26. ALMAGRO GORBEA — *op. cit.* (v. nota 41), pp. 100-101.

⁹⁷ CUADRADO, E. — *Fíbulas de La Tène en El Cigarralejo*. "Trabajos de Prehistoria", 35, 1978, pp. 307-336.

⁹⁸ CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 90), pp. 151-154, 157, 167-172, 184. CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 97), pp. 311-313, 326.

⁹⁹ NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), p. 143, est. 36, 26. MORAN, E. C.; CABRÉ, J. A. M. — *Fíbulas en las mas antiguas necrópolis de la Meseta Oriental hispanica*. "Revista de la Universidad Complutense", XXVI (Homenaje a García Bellido, vol. III), 1977, pp. 109-143. CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 97), pp. 332, 334.

encimada por três pequenos volumes esféricos, mostrando o terminal uma ligeira perfuração, muito semelhante a um dos exemplares de Garvão, ali datada do último quartel do século V a.C. Não encontrámos em Aguilar de Anguita paralelos perfeitos para a fíbula anular de Garvão, embora duas fíbulas anulares, do tipo 10 de Cuadrado, possam manter algumas analogias com aquela; uma delas foi encontrada com uma espada de antenas de discos, uma faca afilada, duas pontas e dois contos de lanças, fragmentos de adornos e de arreios, conjunto atribuído ao século V por A. Oliver e ao século IV-III por E. Cuadrado¹⁰⁰.

O Tesouro de Drieves (Guadalajara), já por nós referido, por ter oferecido placas de prata oculadas, continha fíbulas de prata com arco peraltado e pé de balaústre, uma delas decorada com pequenas pombas, importante elemento iconográfico, também anteriormente mencionado, assim como anéis planos semelhantes aos encontrados em Garvão, em Salvacañete (Cuenca) e em Castellar de Santisteban, embora estes últimos sejam de bronze¹⁰¹.

As fíbulas de La Tène são ainda conhecidas no SO peninsular no povoado do Cabeço de Vaiamonte onde se encontraram em grande número e de onde provém numeroso espólio que inclui cerâmicas estampilhadas, fragmentos de *oinochoi* de pasta vítrea, moedas das oficinas hispânicas pseudo-autónomas, um capacete de bronze e armas de ferro, assim como muitos outros materiais da II Idade do Ferro, resultantes de numerosas campanhas de escavação efectuadas sem método e conduzidas por M. Heleno, então director do M.N.A.E., que não procedeu a quaisquer registos estratigráficos¹⁰².

9.14. O pequeno lingote de prata e a hemidracma de Gades constituem um tipo especial de oferenda ou de ex-voto, cujo significado parece limitado aos seus valores como objectos de troca, isto é, ao valor intrínseco da matéria-prima com que foram fabricados. Com o uso do metal amoeado irá perder-se, progressivamente, o hábito de oferecer objectos às divindades, como os encontrados neste depósito, dando-se um empobrecimento dos significados particulares que cada um possuiria. Encontrámos também numerosos lingotes e moedas de prata no grande tesouro de Drieves (Guadalajara)¹⁰³.

A hemidracma gaditana, com a representação da cabeça de Hércules-Melkart no anverso e com um atum e legenda púnica no reverso, é a peça

¹⁰⁰ OLIVER, J. L. A. — *Las fíbulas de la necrópolis celtibérica de Aguilar de Anguita*. "Trabajos de Prehistoria", 31, 1974, pp. 143-216, espec. pp. 161-174, 184, figs. 8:8, 14:2, 3.

¹⁰¹ SAN VALERO APARISI — *op. cit.* (v. nota 80), p. 20. NICOLINI — *op. cit.* (v. nota 15), p. 143, est. 25, 36. RADDATZ — *op. cit.* (v. nota 70), pp. 103, 218, ests. 8, 52.

¹⁰² VASCONCELOS, J. L. — *Antiguidades do Alentejo*. "O Archeólogo Português", XXVIII, 1929, pp. 158-203, espec. pp. 183-185. SANTOS, M. F. dos — *Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo)*. "Anais da Academia Portuguesa da História", II série, 21, 1972, pp. 491-511. SANTOS, M. F. dos — *Fíbulas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo)*. "Anais da Academia Portuguesa da História", II série, 22, 1973, pp. 189-201. ARNAUD, J.; GAMITO, T. — *Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal: I — Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo)*. "O Archeólogo Português", série III, VII-IX, 1974/77, pp. 165-202.

¹⁰³ RADDATZ — *op. cit.* (v. nota 70), p. 222, est. 18.

deste depósito de Garvão que apresenta cronologia mais baixa; segundo a maioria dos autores estas cunhagens deverão ser ligeiramente anteriores ou mesmo contemporâneas do desembarque bárcida, de 238 ou 237 a.C., podendo prolongarem-se até 206 a.C., data da queda de Gadir marcando o fim da Segunda Guerra Púnica na Península (219-206 a.C.)¹⁰⁴.

9.15. Dois pedaços de um *oinochoe* que fazem parte do pequeno núcleo de objectos de vidro encontrado neste depósito de Garvão são, a par de fragmentos de fibulas e da hemidracma de Gades, talvez os mais importantes elementos para a atribuição cronológica desta jazida. Aqueles fragmentos, que tanto a cor da pasta como a decoração e até as dimensões parecem permitir atribuí-los ao mesmo recipiente, foram encontrados soltos, no seio do depósito, separados entre si por alguns metros. O fragmento maior e melhor conservado contém a porção superior da peça, incluindo a totalidade do gargalo, a boca e a asa, assim como a parte da parede correspondente ao ombro e onde aquela assenta. O fragmento menor pertence à zona mesial da parede do *oinochoe*, apresentando-se muito fracturado. A reconstituição gráfica da peça, fabricada segundo a técnica do núcleo de areia com vidro de cor negra, mostra corpo bolboso, com marcação em ângulo na junção do colo com o ombro, e cerca de 0,115 m de altura. Oferece gargalo cilíndrico e alto que termina numa boca trilobulada de onde arranca a asa, espessa, de secção subcircular, sobreelevada e angular, assente no ombro da peça. O pé seria circular marcado por uma gola e ligeiramente onfaloide.

Os fragmentos da parede, muito finos, mostram a decoração inovadora e característica de finos plumeados verticais, alternando a cor branca e a amarela de cádmio. Um fio em relevo, de cor amarela de cádmio, disposto em espiral envolve o gargalo desta peça e contorna-lhe o lábio. Estas características morfológicas e decorativas integram esta peça no período II da sistematização evolutiva, estilística e cronológica, de P. Fossing, datando-a nos finais do século IV e no século III a.C.¹⁰⁵.

Encontrámos ainda em Garvão um fragmento, contendo porção do bordo e o arranque da asa, de outro *oinochoe*, fabricado com vidro de cor azul ultramarino. O estudo deste pequeno testemunho permitiu reconhecer que teria boca trilobulada, com o lábio decorado por um fio em relevo de cor amarela de cádmio, idêntico ao da peça anteriormente descrita, mas com asa pequena de perfil semicircular, característica de peças baixas de corpo globular, cuja reconstituição gráfica apresentamos (fig. 35).

¹⁰⁴ FARRÉS, O. G. — *La moneda hispanica en la Edad Antigua*. Madrid, 1966, pp. 43, 54, 58. VILLARONGA, L. — *Numismática Antigua de Hispania: Iniciación a su estudio*. Barcelona, Editorial Cymys, 1979, pp. 101, 102. GUADÁN, A. M. — *La moneda ibérica: catalogo de numismática ibérica e ibero-romana* (Cuadernos de Numismática), 1980, p. 20.

¹⁰⁵ VIGIL, M. — *El vidrio en el mundo antiguo* (Bibliotheca Archaeologica, VII), Instituto Español de Arqueología, Madrid, 1969, pp. 44, 64. HAYES, J. W. — *Roman and Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum*. Toronto, 1975, p. 6. GOMEZ, F. F. — *Objectos de origen exotica en El Raso de Candeleda (Ávila)*. "Trabajos de Prehistoria", 29, 1972, pp. 273-294, espec. pp. 281-283.

Um fragmento de *alabastron*, fabricado com vidro de cor azul turquesa, correspondendo a uma porção do bordo, largo e horizontal em *bobèche* e quase perpendicular ao gargalo, com o lábio decorado por um fio em relevo de cor amarela de cádmio, constitui o último testemunho de recipientes de vidro, até agora descobertos em Garvão.

Tal como o *oinochoe* primeiramente referido, também estes fragmentos oferecem atributos que integram os dois recipientes de que faziam parte (um *oinochoe* e um *alabastron*) no grupo II de Fossing, auferindo portanto idêntica cronologia ¹⁰⁶, apesar de o segundo *oinochoe* poder sustentar uma datação um pouco mais elevada que o primeiro.

A origem destas belas peças policromas, fabricadas segundo a técnica do núcleo de areia, muito divulgadas em todo o Mediterrâneo pelo comércio greco-púnico a partir do século IV, tem vindo recentemente a ser atribuída a oficinas sírias, continuadoras das antigas tradições vidreiras já ali atestadas no II milénio a.C., mas reproduzindo miniaturalmente formas da cerâmica grega ¹⁰⁷. É no entanto possível que, no período a que pertencem as peças cujos fragmentos recolhemos em Garvão, os seus centros de produção se tenham difundido, acompanhando as necessidades de uma maior expansão comercial que encontramos aliás documentada conjuntamente com muitos outros artefactos de origem oriental depois reproduzidos em oficinas gregas, africanas, itálicas e mesmo peninsulares.

Em nosso entender não devemos dissociar estes recipientes, atractivas embalagens de luxo, dos produtos que transportavam (cosméticos, raros unguentos, perfumes e essências orientais), e para os quais deveriam, pelo menos no início, ter sido especialmente fabricados. Poderão ter existido centros vidreiros produtores destes recipientes, entre os séculos IV e III, na Palestina, em Chipre, em Creta, na Grécia, no Norte de Itália e em Roma (em Frattesina, perto de Rovigo, produziam-se recipientes com núcleo de areia, elementos de fíbula e braceletes, geralmente de cor negra com fios amarelos de cádmio entre os séculos VII e IV a.C.), em Alexandria e em Cartago onde, em Dermech, foi encontrado um forno, sob o santuário de Júpiter Amon, destinado ao fabrico de pequenos vasos e adornos, datado do século IV, ou de uma fase um pouco posterior, correspondendo a um grande surto de desenvolvimento industrial e comercial desta cidade ¹⁰⁸.

Um pequeno molde para camafeus de vidro, encontrado em Ampúrias, assim como um *amphoriskos* de vidro policromo com idêntica proveniência, mas contendo ainda o núcleo de barro e parte do molde com que foi fabricado colado à parede exterior, não constituindo portanto uma peça comercial, tem servido para sustentar, segundo alguns autores, uma produção local de

¹⁰⁶ VIGIL — *op. cit.* (v. nota 105), pp. 44, 52, 64. HAYES — *op. cit.* (v. nota 105), p. 6.

¹⁰⁷ HARDEN — *op. cit.* (v. nota 89), p. 156. VIGIL — *op. cit.* (v. nota 105), pp. 44, 48. GOMEZ — *op. cit.* (v. nota 105), pp. 281-283. GOLDSTEIN, S. M. — *Pre-Roman and Early Roman Glass in the Corning Museum of Glass*. New York, 1979, p. 37.

¹⁰⁸ HARDEN — *op. cit.* (v. nota 89), p. 157. GOLDSTEIN — *op. cit.* (v. nota 107), pp. 38-40.

objectos de vidro ¹⁰⁹. A interessante problemática que envolve o fabrico peninsular de vidro encontra, no depósito votivo de Garvão, novos elementos para o seu rastreio; não nos recipientes cuja origem temos vindo a tratar mas em outras produções como um ex-voto de pasta vítrea, de cor negra, representando, de modo muito sintético, um maxilar inferior humano. Esta peça é muito semelhante a outra também exumada neste depósito secundário mas fabricada em cerâmica e certamente idêntica à que terá servido de molde à de pasta vítrea, segundo nos parece, fundida, e que consideramos uma rara produção local. É bem possível que algumas contas de forma esférica achatada, produzidas com pastas vítreas muito mal depuradas, pouco brilhantes e de cores escuras, como mostram alguns exemplares recolhidos em Garvão, possam constituir outros elementos fabricados naquela região.

Os pequenos *oinochoai* e *alabastra*, integráveis no período II de Fossing, são ainda raros no Sudoeste peninsular, conhecendo-se alguns fragmentos, inéditos, provenientes do povoado da II Idade do Ferro do Cabeço de Vaia-monte (Monforte, Portalegre), onde acompanhavam outras interessantes peças de vidro, nomeadamente, contas, com grande variedade formal e decorativa, e um pendente com cabeça zoomórfica, de pasta vítrea de cores negra e branca, datável nos séculos IV e III a.C. ¹¹⁰.

Ainda no SO peninsular, no povoado de Chibanes (Setúbal), recolheu Marques da Costa ¹¹¹ um pequeno fragmento da parede de um recipiente de vidro, de cor azul turquesa com decoração branca e amarela, e recentemente foi publicada ¹¹² uma tampa de urna de orelhetas daquela estação onde encontramos também um interessante conjunto de cerâmicas estampilhadas com paralelos em Garvão.

A penetração no interior da Península dos pequenos recipientes de vidro, fabricados com núcleo de areia, está atestada na necrópole de incineração de El Raso (Ávila), incluída no ambiente cultural meseteno de que fazem parte os cemitérios de Las Cogotas e de La Osera. Aquela primeira estação ofereceu um *oinochoe* de vidro policromo atribuído ao período I de Fossing e datado no século V a.C., assim como outros materiais cuja origem tem de ser procurada no comércio mediterrânico, como uma pequena escultura feminina de bronze, de tipo etrusco, e duas taças pré-campanienses (seps. V e XXIX), pertencentes à forma 21 de Lamboglia, datadas no século IV a.C. ¹¹³.

O maior número de *oinochoai* e de *alabastra*, tipologicamente semelhantes aos de Garvão e encontrados na Península, são provenientes da área

¹⁰⁹ PRAT, O. — *Los vidrios de pasta de procedencia ampuritana* (Memórias de los museos arqueológicos provinciales, 1947, VIII), 1948, pp. 108-117, espec. pp. 114-115. GOMEZ — *op. cit.* (v. nota 105), pp. 287-288.

¹¹⁰ SEEFRIED, M. — *Les pendentifis en verre sur noyau des pays de la Méditerranée Antique*, École Française de Rome, 1982. GOLDSTEIN — *op. cit.* (v. nota 107), p. 39.

¹¹¹ COSTA, Marques da — *Estações préhistóricas dos arredores de Setúbal*. "O Arqueólogo Português", XV, pp. 55-83, XI ests., 1910, p. 69.

¹¹² BEIRÃO; GOMES — *op. cit.* (v. nota 36), p. 233.

¹¹³ GOMEZ — *op. cit.* (v. nota 105), pp. 273-278, 285.

levantina, zona onde a partir do século VIII mais intensamente se fizeram sentir as influências culturais e comerciais vindas do Mediterrâneo Oriental. Naquela região peninsular, mais próxima do Oriente, também a partir do século IV se sentiram com maior intensidade as influências comerciais gregas e, sobretudo, púnicas como nos indicam numerosos objectos com tais proveniências, ali descobertos.

Conhecem-se exemplares daqueles recipientes exumados das necrópoles de Ampúrias, Ullastret (Gerona) e de Punta de Vaca (Cádiz), assim como dos santuários, já referidos, de Ibiza (Puig des Molins) e de La Serreta de Alcoy, onde existem bons paralelos para a coroplastia de tipo “púnico” de Garvão. Um outro paralelo que constitui um achado excepcional, atendendo à situação estratigráfica que integrava e aos materiais a que estava associado, é-nos dado pelo *oinochoe* de vidro do túmulo 277 de El Cigarralejo (Múrcia).

Trata-se de uma peça globular, decorada com linhas paralelas e ziguezagues, medindo 0,10 m de altura, que fazia parte de um espólio funerário numeroso e rico, anteriormente por nós referido, confirmando-nos uma possível anterioridade à segunda metade do século IV de alguns poucos materiais do depósito de Garvão, como é o caso específico deste *oinochoe*, cuja tipologia já acima nos tinha feito sugerir essa pequena diferenciação cronológica ¹¹⁴.

9.16. A componente cultural de feição mediterrânica revelada pelo espólio atrás referido é ainda assinalada por grande parte dos recipientes montados ao torno. Com efeito, quer a cerâmica pintada de bandas quer a de engobe vermelho encontram flagrantes paralelos na cerâmica do mundo ibérico.

A maioria da cerâmica pintada, que, de um modo geral, parece ter sido produzida local ou regionalmente pois oferece pasta idêntica à da tão abundante cerâmica “comum” montada ao torno, integra-se, sobretudo se atendermos à técnica decorativa, no grupo da cerâmica pintada da Andaluzia Ocidental.

Ainda que a pintura exclusivamente geométrica abranja a totalidade da área de expansão da cultura ibérica, do Languedoc à Andaluzia Ocidental, sendo produzida principalmente entre os séculos V e III a.C. ¹¹⁵, é na última destas regiões que mantém maior vigor até mais tarde (século I a.C., em Itália ¹¹⁶). Na Andaluzia Ocidental não estão presentes as duas outras categorias estilísticas da cerâmica pintada ibérica: o estilo de Elche-Archena, próprio do Sudeste peninsular, no qual alternam motivos geométricos e motivos vegetais e animais; e o estilo valenciano, que se estende a Aragão, Múrcia e Catalunha, sem dúvida o mais tardio (sécs. II e I a.C.) e caracterizado por frisos narrativos com cenas de caça, de guerra, de dança, etc. ¹¹⁷.

¹¹⁴ PRAT — *op. cit.* (v. nota 109), p. 117. GOMEZ — *op. cit.* (v. nota 105), pp. 281-283. CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 90), pp. 167-172, 184, fig. 29:1.

¹¹⁵ TARRADELL — *op. cit.* (v. nota 55).

¹¹⁶ LUZÓN — *op. cit.* (v. nota 6).

¹¹⁷ TARRADELL — *op. cit.* (v. nota 55).

Como dissemos no capítulo dedicado à análise tecnomorfológica do espólio cerâmico, os motivos curvilíneos da cerâmica pintada (traços ondulados, semicírculos e quartos de círculo concêntricos) apresentam paralelismo quase sempre irregular por terem sido realizados através de um pincel simples, técnica que é característica da Andaluzia Ocidental. Por outro lado, algumas peças, cujas pastas são de feição exógena, oferecem os motivos curvilíneos rigorosamente paralelos por terem sido executados através de bateria de pincéis, em “pente”, o que é típico da cerâmica pintada levantina, catalã e do Sul da França. Admitimos, pois, que uma parte da nossa cerâmica pintada tenha sido importada do Sudeste ou da área levantina.

9.17. Outro tipo de cerâmica que parece ter sido também importado está representado por um exemplar da forma 4 da cerâmica de “verniz vermelho ibero-tartéssica” da classificação de Cuadrado ¹¹⁸, com pasta bege e rica em inclusões de cor negra. Esta forma, corrente nas jazidas ibéricas, do Levante à Andaluzia, sendo mais frequente na área do Sudeste, atinge, de um ponto de vista cronológico, o seu maior desenvolvimento no século IV a.C., embora pareça abranger todo o período compreendido entre os séculos V e o século III.

9.18. A maior parte da cerâmica montada ao torno de Garvão possui uma tipologia própria dos séculos IV e III. Contudo, alguns exemplares podem remontar as suas origens a um período mais recuado ou, pelo contrário, ter perdurado até aos alvares da colonização romana. É o caso da taça-lucerna, tão abundante no depósito de Garvão que surge no Cerro Macareno (Sevilha) desde os níveis do século VII a.C. até aos ibero-romanos (sécs. II/I a.C.) ¹¹⁹.

9.19. Além das já assinaladas influências peninsulares de carácter mediterrânico, há que referir a presença de elementos relacionáveis com o mundo da Meseta. Assim, a arcaizante cerâmica “tosca” montada à mão possui paralelos nos níveis pré-romanos de Miróbriga ¹²⁰ e na Pedra da Atalaia ¹²¹, nos arredores de Santiago do Cacém, jazidas que, durante a II Idade do Ferro, teriam sido ocupadas por populações marcadas por fortes influências de origem continental. Os nossos materiais mostram grandes afinidades com a chamada “cerâmica tosca de carácter popular” exumada na necrópole de Las Cogotas ¹²² e com as formas I a III da cerâmica feita à mão da necrópole de La Osera ¹²³, datadas, na zona VI desta necrópole, dos séculos IV e III a.C.

¹¹⁸ CUADRADO — *op. cit.* (v. nota 12).

¹¹⁹ PELLICER — *op. cit.* (v. nota 9).

¹²⁰ SOARES, J.; SILVA, C. Tavares da — *Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém)*. “Setúbal Arqueológica”, V, 1979, pp. 159-184.

¹²¹ SILVA, C. Tavares da — *Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)*. “Setúbal Arqueológica”, IV, 1978, pp. 117-132.

¹²² CABRÉ AGUILÓ — *op. cit.* (v. nota 58), ests. LV, LVI.

¹²³ CABRÉ et al. — *El castro y la necrópolis del Hierro Celto de Chamartin de la Sierra (Ávila)* (Acta Arqueologica Hispana, V), 1950, p. 66, fig. 14, est. LXXXI.

Os nossos vasos trípodas possuem numerosos paralelos em jazidas da II Idade do Ferro da Meseta, designadamente em Palenzuela¹²⁴ e Padilla de Duero, na província de Valladolid¹²⁵.

Os “queimadores” ou “vasos de janelas”, raros na área mediterrânica da Península, revelam flagrantes afinidades com exemplares provenientes de jazidas portuguesas que, até pela sua localização geográfica, terão recebido influências da Meseta. Assim, no Castelo do Cerro Furado (Guadiana) foram recolhidos dois “vasos com janelas triangulares”, providos de decoração incisa, considerados por Cação Ribeiro e Veiga Ferreira¹²⁶, que os publicaram, como sendo neolíticos; muito semelhantes aos de Garvão pertencem, por certo, à II Idade do Ferro. Os mesmos autores referem o achado de outras peças afins (desenham uma delas) no Cabeço de Vaíamonte¹²⁷. Em Portugal são ainda conhecidos exemplares de “vasos de janelas”, por enquanto inéditos, provenientes do castro da Azougada (Moura) e da necrópole da II Idade do Ferro da Atafona (Ourique). Este tipo de “queimador” só muito raramente ocorre em ambientes plenamente ibéricos. Citamos, como exemplo, um “vaso de janelas” exumado no povoado ibérico de Coimbra del Barranco Ancho (Múrcia), peça integrada no grupo da “cerâmica ibérica de tipo arcaizante”¹²⁸ e encontrada num contexto datado do século IV ao século III-II a.C.

Os “queimadores” com suporte paralelepípedo distribuem-se do Norte da Meseta à sua orla meridional conforme mostra um exemplar encontrado no castro de Consuegra, na área toledana¹²⁹, e outros provenientes de Cástulo (Jaén)¹³⁰.

Também muita da decoração estampilhada (sobretudo os n.ºs 1-6, 9-11 e 15-22 do nosso catálogo de formas) se desenvolve na Península em ambiente continental, penetrando no nosso território através da zona NE do Alto Alentejo e atingindo jazidas relativamente próximas do litoral ocidental, como Chibanes e Miróbriga¹³¹.

Garvão oferece, pois, nos séculos IV-III a.C. um panorama cultural caracterizado pelo entrosamento de influências meridionais, ibéricas e, em parte, de carácter semita, ou púnicas, com influxos continentais, mesetenhos, relacionáveis com a cultura de Cogotas II.

¹²⁴ CASTRO, L. de — *El vaso trípode en la segunda Edad del hierro*. “Boletín del Instituto Fernán González”, 178, 1972.

¹²⁵ MAÑANES, T.; MADRAZO, T. — *Materiales de una necrópolis vallisoletana de la Edad del Hierro*. “Trabajos de Prehistoria”, 35, 1978, pp. 425-432, fig. 3, n.º 5.

¹²⁶ RIBEIRO, C.; FERREIRA, O. da Veiga — *Acerca dos vasos com “janelas triangulares” do Castro de Cerro Furado (Guadiana)*. “Revista de Guimarães”, LXXXI, 1971.

¹²⁷ RIBEIRO; FERREIRA — *op. cit.* (v. nota 126), fig. 2.

¹²⁸ MOLINA et al. — *op. cit.* (v. nota 8), fig. 40.

¹²⁹ ALMAGRO GORBEA, M. — *La iberización de las zonas orientales de la Meseta*. “Amphipar”, 38-40, 1976-1978, pp. 93-156, espec. p. 145, fig. 30.

¹³⁰ BLÁZQUEZ, J. M.; MALLA, J. V. — *Cástulo III* (Excavaciones Arqueológicas en España, 117), Madrid, 1981, pp. 111, 153, figs. 74, 111.

¹³¹ SOARES; SILVA — *op. cit.* (v. nota 120).

9.20. A análise dos conjuntos V (Q.1.11/C.3c) e IX (Q.1.6/C.3c) permite ainda as seguintes observações:

- a) A cerâmica montada ao torno e a de fabrico manual surgem em associação no interior dos grandes contentores. Este facto não é suficiente para indicar um sincronismo entre esses dois tipos de produção, mas tão-somente uma contemporaneidade no acto da sua colocação no depósito.
- b) A arrumação das peças cerâmicas no interior de cada contentor obedeceu a critérios de aproveitamento máximo do espaço disponível.
- c) Não houve a preocupação deliberada de fragmentar os recipientes depositados no interior dos grandes contentores.
- d) As peças cerâmicas parecem ter sido transportadas para a fossa, muito frequentemente, empilhadas ou encaixadas umas nas outras.
- e) A cerâmica manual engloba, para além de um “queimador” destinado a assegurar a combustão de essências aromáticas no estado sólido, diversos “copos” e pequenos potes de reduzida capacidade (320 ml a 730 ml), de fabrico diversificado, que devem corresponder a uma produção artesanal comum na II Idade do Ferro do Sul de Portugal e relacionada, directa ou indirectamente como atrás dissemos, com um influxo cultural que nos leva a Cogotas II e, se caminharmos em direcção à Catalunha, ao ambiente do último período (VI) da “cultura das urnas”, segundo a periodização de Vilaseca *et al.*¹³², tão bem representado na Cueva de Font Major (Espluga de Francolí) e datado de 400-300 a.C. Luísa Vilaseca refere-se assim à cerâmica grosseira desta jazida catalã: “*En los vasos predominan las formas cilindro-ovoides, pero se dan variantes, globulosas, cilindroideas, troncocónicas, etc. de estas formas, y otros galbes distintos. Una característica propia y mui constante de las formas típicas es el tener el cuello mui bien alisado e bruñado, en contraste con la panza, que suele ser de superficie áspera, a veces extremadamente rugosa.* (...) *La factura es de ordinario tosca* (...) *Suelen estar defectuosamente cocidos*”; os temas decorativos, obtidos por incisão ou impressão, são muito diversificados: “*corona de puntos, hoyuelos, incisiones en forma de trazos cortos verticales u oblicuos, rectilíneos, triangulares, curvos, semi-circulares, sencillos o dobles, etc., al pie del cuello o alrededor del ombro del vaso*”¹³³; os cordões estão igualmente presentes.

A presença deste tipo de cerâmica em Garvão parece registar visitas ao santuário por populações da região, culturalmente marcadas por influências meseténhas, que transportavam as oferendas em recipientes cerâmicos de fabrico caseiro.

¹³² VILASECA, S.; SOLÉ, J. M.; MANÉ, R. — *La necrópolis de Can Banyis Banjeres, Prov. de Tarragona* (Trabajos del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid, VIII), Madrid, 1963.

¹³³ VILASECA, L. — *De cerâmica posthallstática*, “Rev. de Arch. Bibl. y Arq.”, Madrid, 1958.

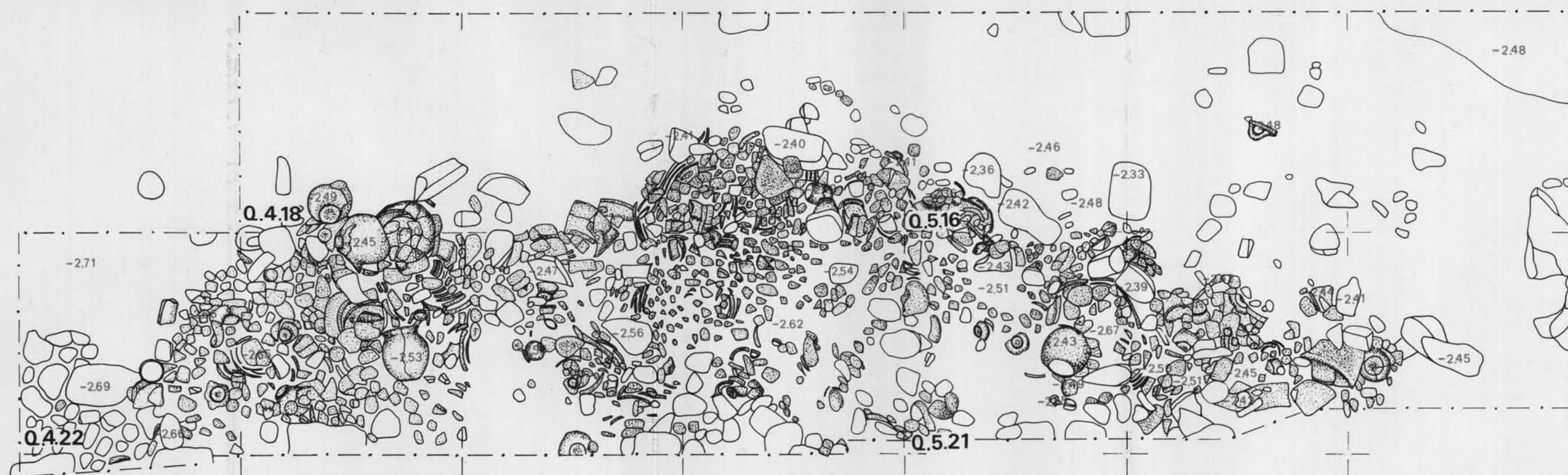
- f) A forma cerâmica melhor representada nos dois conjuntos estudados e também, como anteriormente afirmámos, no depósito em geral, é a tigela baixa de bordo sem espessamento e pé em bolacha, com dois orifícios de suspensão. Estas peças, obedecendo a um padrão morfológico estereotipado, foram fabricadas por um mesmo centro produtor como se infere da uniformidade da pasta, tratamento e cor das superfícies. Trata-se de uma produção em série, por certo conotada directamente com o funcionamento do santuário podendo ser vendida no local, aos peregrinos, quiçá como contentor de uma oferenda tipo; esta certamente mais valorizada pelos guardiões do santuário que os próprios recipientes. Algumas destas peças surgem, com efeito, com defeitos de fabrico. Uma tigela possuía, no fundo, uma fenda formada no decorrer do processo de cozedura, acidente que, em princípio, a impedia de conter líquidos (primeiro indício relativo à natureza da oferenda padronizada?). Também em relação ao santuário de Castellar de Santisteban se identificou uma produção local constituída por ex-votos de bronze, recolhendo-se mais de 1500 estatuetas seguindo padrões com uma estreita variação formal ¹³⁴.

As tigelas de Garvão não possuem quaisquer vestígios de uso, designadamente no bordo, que possam documentar uma utilização doméstica anterior. Em alguns exemplares observou-se o alargamento, na superfície externa, dos orifícios de suspensão, realizados após a cozedura. Trata-se do único vestígio de utilização não accidental que pode ter precedido funções diversificadas de carácter ritual.

Um dos melhores paralelos para esta forma cerâmica encontra-se em Pajar de Artillo (Itália), onde surge com bandas pintadas, ausentes na grande maioria dos exemplares de Garvão, e é também o tipo morfológico mais abundante (forma 6 de Luzón); ocorre desde os níveis mais profundos desta jazida sevilhana decorada por bandas largas pintadas, e atinge a terceira fase de ocupação (séc. I a.C.), onde já é escassa, apenas com um filete pintado sobre o bordo.

- g) As pastas e o tipo de cozedura dos grandes contentores no interior dos quais estavam arrumadas as peças dos conjuntos V e IX, são muito semelhantes aos das tigelas com furos de suspensão. Quer representassem oferendas ou integrassem o equipamento do próprio santuário, parece também terem sido produzidos local ou regionalmente.

¹³⁴ LANTIER, R. — *El santuario ibérico de Castellar de Santisteban*. Madrid, Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas, 1917.



Muro recente

Q.2.2

Q.1.1

Q.2.7

Q.1.6

Q.2.12

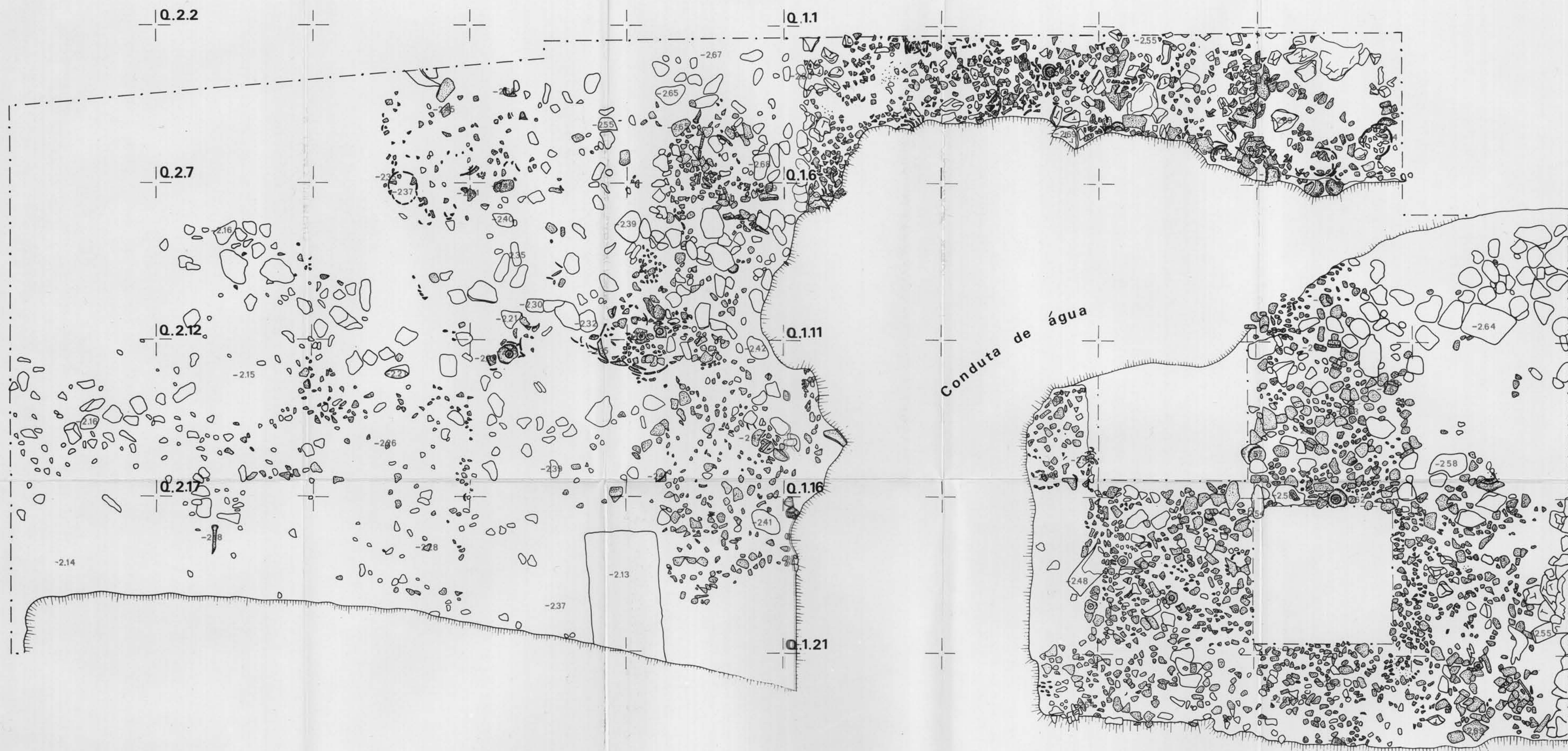
Q.1.11

Q.2.17

Q.1.16

Q.1.21

Conduta de água



0 1m

SETEMBRO/82

DEPÓSITO VOTIVO DE GARVÃO



Fig. 7 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Plano da C.3a (sectores 1 e 2)/5a (sectores 4 e 5).

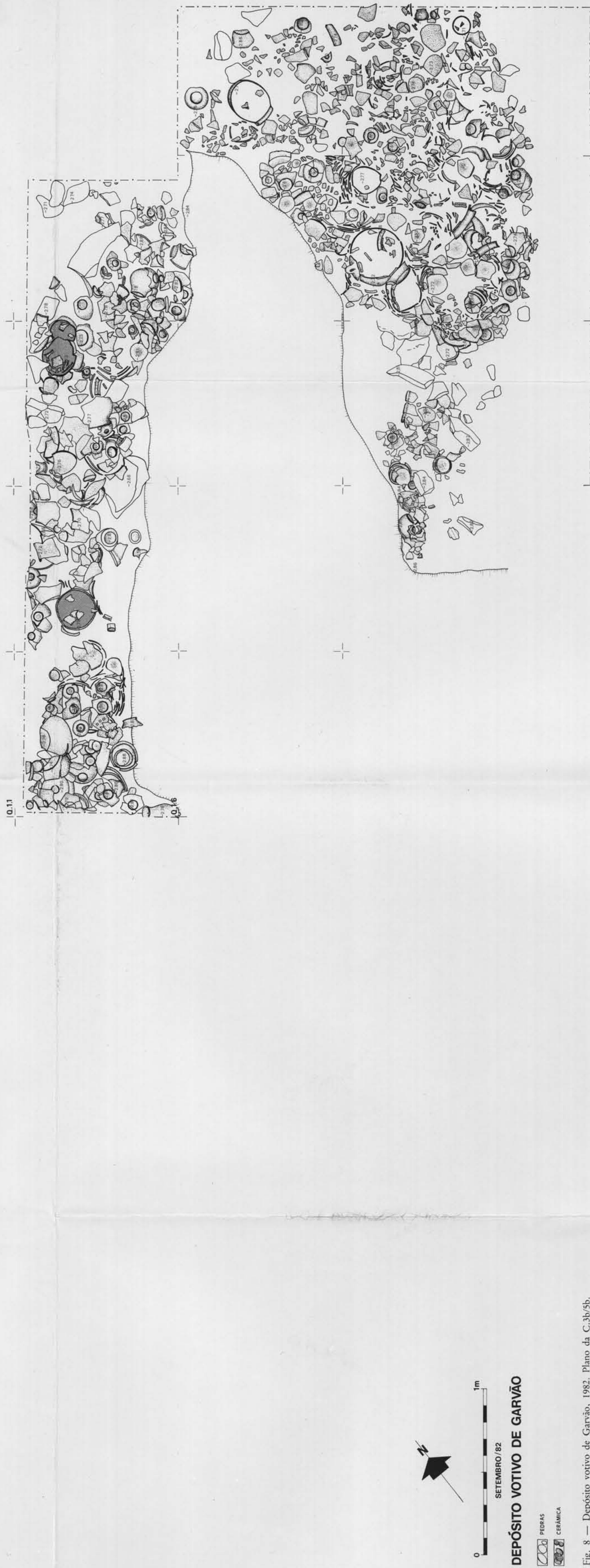
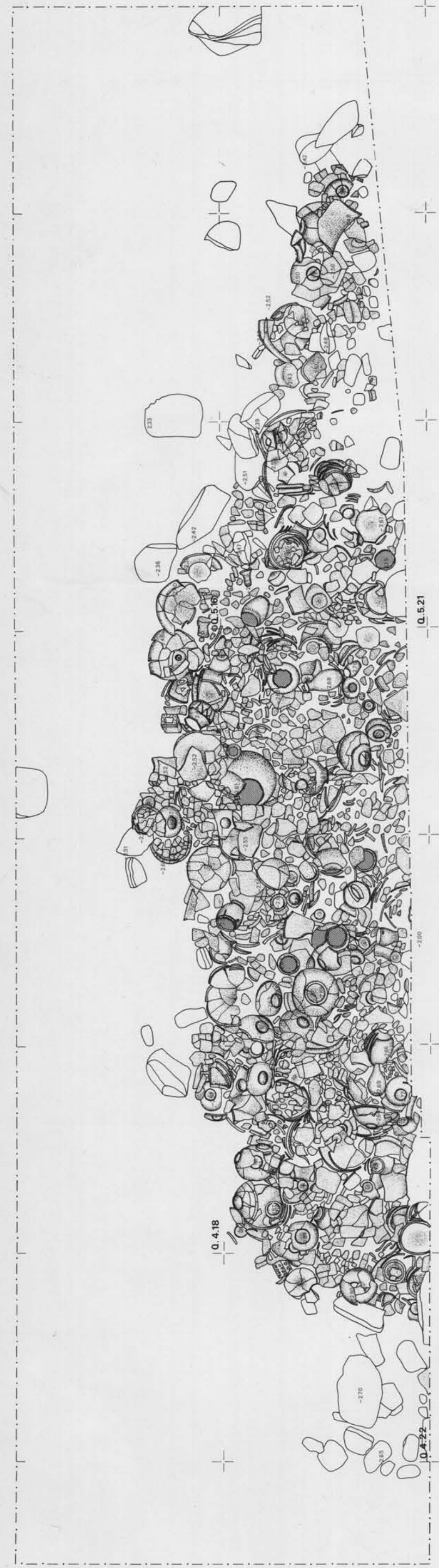


Fig. 8 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Plano da C.3b/5h.

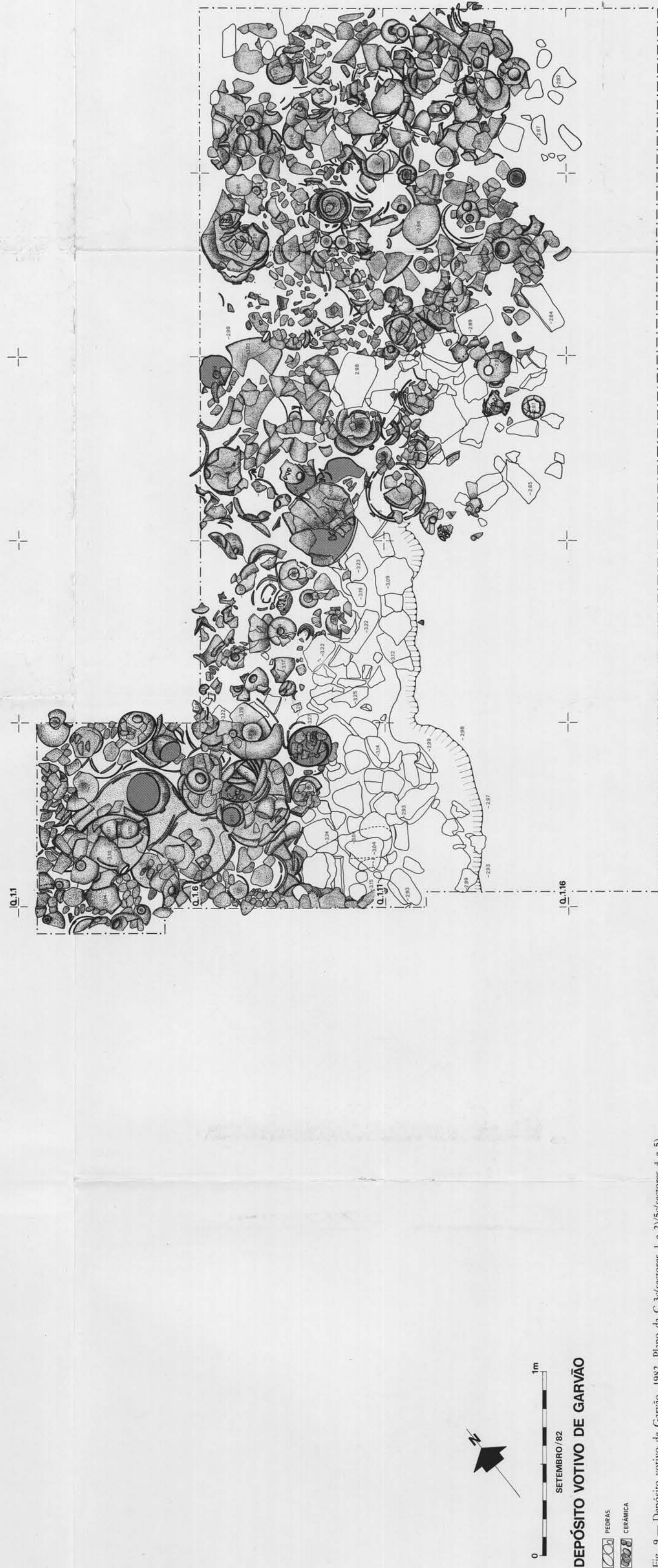
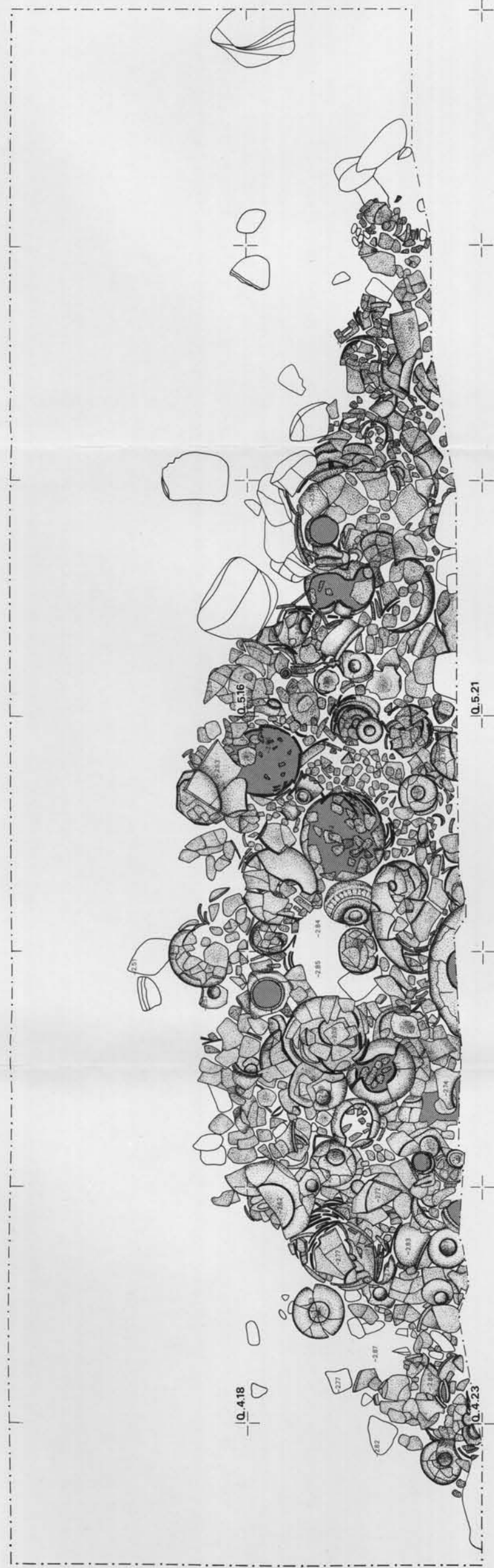


Fig. 9 — Depósito votivo de Garvão, 1982. Plano da C.3a(secures 1 e 2)/5a(secures 4 e 5).